

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CONSUMO,
COTIDIANO E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
PGCDS – MESTRADO ACADÊMICO**

Famílias de baixa renda e práticas de consumo de Internet no Recife

Sara Azevedo Cardoso

Recife, 2016

Sara Azevedo Cardoso

Famílias de baixa renda e práticas de consumo de Internet no Recife

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social – PGCDs, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre sob orientação da Prof.^a Dr.^a Raquel de Aragão Uchôa Fernandes e coorientação do Prof. Dr. Marcelo Machado Martins

Recife, fevereiro de 2016

Sara Azevedo Cardoso

Famílias de baixa renda e práticas de consumo de Internet no Recife

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social – PGCDs, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre sob orientação da Prof.^a Dr.^a Raquel de Aragão Uchôa Fernandes e coorientação do Prof. Dr. Marcelo Machado Martins

Aprovada em: 22 de Fevereiro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Machado Martins (Coorientador)
Programa de Pós-Graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Presidente

Profa. Dra. Laura Duque Arrazôla
Programa de Pós-Graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Examinador Interno

Profa. Dra. Maria das Dores
Departamento de Ciências Sociais
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Examinador Externo

Profa. Dra. Maria Grazia
Departamento de Ciências Sociais
Universidade Federal de Pernambuco
Examinador Externo

Agradecimentos

Tenho sempre a Providência Divina como norteadora em todas as áreas da minha vida e de acordo com os meus preceitos religiosos somos regidos por uma Força Maior, um Oceano de Amor a quem sou profundamente grata.

Agradeço à minha família e ao apoio incondicional dos meus pais. Ao meu pai, Cardoso (*in memoria*) que sempre apoiou os meus estudos e partiu meses antes do término desta Dissertação. À minha mãe por acreditar sempre no meu potencial intelectual. Aos meus irmãos Alexandre (*in memorian*), Aurélio e a minha irmã, Mabelle, por toda a força positiva e presença tanto nos momentos de dificuldade quanto de comemoração. Aos meus queridos sobrinhos Juliano e Davi, especiais nas suas demonstrações de amor e afeto, sempre importantes em qualquer empreendimento.

Ao meu querido amigo e cunhado Hércio, fundamental no estímulo aos estudos. Pelo exemplo de seriedade e idoneidade com o trabalho científico e por todo carinho e paciência desde o início do projeto. Obrigada Helcinho!

Às famílias da Comunidade do Bode que me receberam sempre com tanta generosidade e carinho e suas preciosas lições de amor e dedicação à família e aos filhos.

A todas e todos que fazem parte do departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) pelo auxílio em diversos momentos. Com especial atenção para as professoras Laura, Alice e Joseana pelo incentivo aos estudos. À professora de Antropologia Fátima Paz (*in memorian*) que havia me prometido ler e dar sugestões para a dissertação e de algum modo tenho certeza que o fez.

À professora Dora do Departamento de Ciências Sociais da UFRPE pela confiança e paciência desde a qualificação do projeto, participação na banca de defesa até a correção, compreendendo os percalços e melhorando o que estive ao seu alcance.

À minha querida orientadora, Raquel, que me deu o privilégio de ser escolhida para levar adiante o projeto de pesquisa e incansavelmente (até dois dias antes de dar à luz) auxiliou com as correções. Raquel e sua bebê Cora: muito obrigada!

Ao meu querido coorientador, Marcelo, por seu incentivo e apoio, acreditando no meu potencial autoral e me trazendo perspectivas novas na execução do projeto. Será para mim sempre uma referência didática pela aposta sincera que faz em cada aluna e aluno com quem toma contato.

E finalmente os meus colegas do mestrado, Lucineide, Sílvia, Jaqueline, Sabrina, Julinha, Andréa e Hiroshé por terem tornado esta jornada mais agradável e divertida.

RESUMO

A presente Dissertação versa sobre os significados atribuídos por famílias de baixa renda residentes em Recife/PE associados Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC). Foram utilizadas duas perspectivas teóricas transversais para delinear os conceitos e os processos decorrentes do consumo aqui apresentados: as Ciências Sociais e a Semiótica. No caso da primeira, o intuito foi entender as interações familiares e sociais de segmentos de baixa renda e seus reflexos no cotidiano de uma forma geral, basilares numa investigação a respeito de práticas de consumo e suas decorrências. A semiótica, por sua vez, configurou-se como uma ferramenta para análise dos dados, com o intuito de ampliar os significados de tais práticas de consumo para o público delimitado como integrante do *corpus*. A pesquisa de campo ocorreu na Comunidade do Bode, no bairro do Pina, e tem natureza qualitativa, de inspiração etnográfica. Para a caracterização da Comunidade e das famílias pesquisadas, foram retomados dados coletados por uma pesquisa de mercado sobre orçamento doméstico (2012), ocorrida no mesmo território e que trouxe elementos para o desenvolvimento do objeto de estudo, qual seja, o consumo de Internet em detrimento do consumo de outros produtos e serviços (2015). Os principais resultados revelam que a Comunidade do Bode sofre estigmatizações e isolamento decorrentes de um processo histórico marcado desde a colonização e que perdura até hoje. Dentro desse processo, existe uma configuração oposta à Avenida Boa Viagem, que, desde a sua concepção, recebeu constantes investimentos públicos e é um dos espaços residenciais mais valorizados da cidade do Recife. No tocante à família, confirmou-se na comunidade a ocorrência de papéis tradicionais, tendo a mulher como centralizadora em relação ao consumo do grupo. Em relação aos significados da Internet para famílias de baixa renda constatou-se que, além da percepção de pertencimento à contemporaneidade, em se tratando deste público, que, ingressando tardiamente a este tipo de consumo, vê no serviço possibilidades de contatos para pequenos comércios através das redes sociais; a perspectiva de lazer em casa para os filhos; e uma maior permanência destes em casa, evitando saídas para locais de acesso público de Internet como *lan houses*, prevenindo assim os riscos encontrados na própria comunidade, principalmente o contato com o tráfico de drogas.

Palavras-chave: Família. Classe popular. Práticas de consumo de Internet.

ABSTRACT

This Dissertation deals with the meanings attributed by low-income families in Recife / PE associated with Information and Communication Technology (ICT). Were used two cross theoretical perspectives to outline the concepts and processes of consuming presented here: the social sciences and semiotics. In the first case, the aim was to understand the family interactions of low-income segments and its effects on daily life in general, a basic research on consumption practices and its consequences. Semiotics, in turn, is configured as a tool for data analysis, in order to expand the meanings of such consumption practices to the public enclosed as part of the corpus. The field research took place in the Community Bode, in the Pina neighborhood, and has qualitative, ethnographic inspiration. To characterize the community and the families surveyed, data were taken collected by a market research on household budget (2012), which took place in the same territory and brought elements to the development of the object of study, namely the Internet consumption the expense of consumption of other goods and services (2015). The main results show that the Community Bode suffer stigmatization and isolation resulting from a marked historical process from colonization and that continues today. Within this process, there is a configuration opposite to Boa Viagem avenue, which, since its inception, received constant public investment and is one of the most valued residential areas of the city of Recife. With regard to the family, it was confirmed in the community the occurrence of traditional roles, with women in the center of relation to the group of consumption. Regarding the Internet meant for low-income families found that, beyond the perception of belonging to the contemporary, in the case of the public, who, entering late to this type of consumption, see the service contact possibilities for small businesses through social networks; leisure perspective at home for the children; and better retention of these at home, avoiding outputs for Internet public places such as Internet cafes, thus preventing the risks found in the community, especially the contact with the drug trafficking.

Keywords: Family. Popular class. Internet consumption.

Sumário

INTRODUÇÃO	01
Capítulo 1. A família como ordem simbólica e as mudanças de paradigma no cenário brasileiro	11
1.1 Família e representação de valores.....	12
1.2 Família e classe social, reflexões a partir das alterações de renda e consumo	38
Capítulo 2. Práticas de consumo popular e Internet	46
2.1 A Internet e novo paradigma das comunicações	53
2.2 Breve histórico da Internet	55
2.2.1 Espaço virtual e sites de redes sociais	58
Capítulo 3. A Comunidade do Bode	66
3.1 Comunidade do Bode: bairro, favela e “maré”	69
3.1.1 Aproximação com a Comunidade do Bode.....	73
3.1.2 Impacto vivenciado na chegada ao Bode	76
3.1.3 Salário fixo e melhoria de vida	81
3.1.4 Um exemplo da “ralé” de Jessé de Souza	87
3.1.5 Batalhadora do Pina: “Eu lutei e consegui”	91
3.2 A volta ao campo	93
3.2.1 Alterações e permanências na vida das famílias	94
3.2.2 Consumo e economia familiar	106
Capítulo 4. Contribuições da Semiótica para análise dos significados da Internet para as famílias da Comunidade do Bode	111
4.1 Semiótica topológica da Comunidade do Bode	115
4.1.1 Orla da Avenida Boa Viagem versus “maré” da Comunidade do Bode ..	116
4.2 Análise Sociosemiótica de interação entre os membros da família e o consumo de Internet	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	141

INTRODUÇÃO

Imagine-se chegando a um barraco improvisado com tábuas, de chão batido, onde não há encanamento e a luz elétrica é clandestina. Neste mesmo espaço, na entrada do local, há uma criança brincando em uma piscina de plástico cheia de água e a dona da casa pede em um gesto para eu esperar, pois está atendendo a uma ligação em seu *smartphone*. Esta cena de fato ocorreu e despertou uma série de inquietações pessoais e acadêmicas que culminaram na escrita desta Dissertação. Tal realidade pode ser interpretada em um primeiro momento como contraditória a e absurda mediante a notória precariedade da casa e com o suposto mal direcionamento do dinheiro gasto com “supérfluos”.

Porém depois de longas conversas e voltas a esta casa, percebi que esta cena condizia com várias importantes alterações pelas quais passaram as classes populares brasileiras nas duas últimas décadas. Foram mudanças de ordem financeira e social que possibilitaram a mobilidade social dos sujeitos via ampliação da renda¹, além de reconfigurar aspectos caracterizadores das classes populares, a exemplo da importância do consumo de produtos que proporcionam inclusive uma maior diversidade de lazer para seus filhos. Especificamente no caso a que se dedica o presente estudo, pode-se afirmar que as alterações no consumo e na configuração das classes populares é decorrente do aumento de renda das famílias, com significativo rebatimento na ampliação da compra e do consumo de bens em geral e, particularmente, de bens ligados às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

Para se ter uma ideia da dimensão da ampliação de bens duráveis adquiridos pelos integrantes de classes populares no Brasil nos últimos anos, podemos recorrer, por exemplo, à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2013, na qual foi constatado que os itens considerados mais básicos, como

¹ No período entre 2003 e 2012, a classe C (segundo classificação conhecida como Critério Brasil as classes são denominadas como A, B, C, D e E de acordo com a soma de pontos obtida através da posse de alguns bens duráveis como televisão, rádio, dvd, automóvel de passeio, além de banheiro e contratação de empregada mensal, etc. Acrescenta-se a esta soma o nível de escolaridade do chefe da família, chegando a um total que representa uma classe. (Associação Brasileira de Pesquisa de Mercado (ABEP)), tinha passado em números absolutos de 65 milhões para 105,4 milhões de indivíduos, representando a maioria da população brasileira.

televisão, geladeira e televisão encontram-se quase universalizados, com a proporção de 97,6,9%, 97,3% e 98,9,6% respectivamente.

Santos explica que a humanidade experimenta diferentes estágios do significado de modernidade e que, para este período que vivemos, as inovações tecnológicas são signos que dão sentido para a experimentação da “modernidade”, principalmente através da informação e consumo, que passaram a ser determinantes na “transformação da economia, da sociedade e da organização do espaço” (SANTOS, 2004).

A relação das famílias e indivíduos com os bens, de modo geral, é um forte elemento explicativo das características do comportamento de consumo e dos consumidores na sociedade capitalista contemporânea. Nesta, a “modernização” é um fenômeno vivenciado através da posse das inovações tecnológicas (SANTOS, 2004), como pode ser observado, por exemplo, no *smartphone* daquela que seria, anos depois do primeiro contato, sujeito integrante da pesquisa que nesta Dissertação ganhou destaque.

Mediante esta perspectiva, vemos que a Internet se tornou imprescindível para a vida contemporânea. Dados da pesquisa TIC Domicílios 2014² indicam a presença da Internet na metade dos domicílios brasileiros, chegando à marca dos 50% dos domicílios (BARBOSA, 2015), o que revela, mediante a distribuição de renda da população, que há uma ampliação do acesso e da utilização dela entre as classes sociais também nos recortes mais baixos de renda e a quase universalização desse tipo de acesso na população níveis de renda superiores.

Ainda de acordo com o resultado da Pesquisa, em 2014 enquanto na classe C houve um considerável crescimento do uso da Internet nos últimos 5 anos, chegando a 39% dos lares; na classe A, o índice dos lares com acesso à Internet alcançou a marca de 98%, o que implica na “quase universalização”

² A pesquisa TIC Domicílios e Empresas 2014 foi conduzida pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) e composta por 21.876 entrevistas, distribuídas em todo o Brasil, em 350 municípios. Os municípios das capitais de todas as unidades da federação foram incluídos, e nove cidades com Região Metropolitana (Pará, Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul) foram estratificadas. A pesquisa vem monitorando o uso das TICs desde 2005.

citada anteriormente. Por outro lado, e de forma bem contrastante, 75% da classe D e E nunca utilizaram a Internet (BARBOSA, 2015).

Se ocorreu uma “naturalização” do acesso à Internet nos lares mais ricos, nos mais pobres houve uma crescente expansão do acesso, vista em muitos casos como fundamental como meio de comunicação e para obtenção de informações conforme constatado na coleta de dados, ainda de acordo com a Pesquisa acima citada.

Esta “fruição cotidiana” contém aspectos que vão além da utilização da Internet como um meio de comunicação e de informação e adquire toda uma carga simbólica que representa para a população de baixa renda muito mais do que acesso à tecnologia. Ou seja, existe um contexto específico e formatos de interação peculiares às famílias de segmentos populares que trazem uma carga subjetiva e que significam mais que um simples aumento de consumo. Estas configurações dizem respeito a aspectos que vão além de praticidade como, por exemplo, prover o acesso à Internet para que os filhos possam realizar trabalhos escolares e entram numa esfera de significado de proteção e reafirmação da maternidade.

Diante do exposto, e principalmente a partir das inquietações e curiosidades geradas a partir da cena narrativa que abre esta Introdução, delineamos o objetivo desta Dissertação da seguinte maneira: compreender e analisar as representações e significados associados à Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC), mais especificamente relacionados à Internet no cotidiano de famílias pobres, residentes na Comunidade do Bode no bairro do Pina em Recife. Para tanto, a utilização da Internet será abordada tanto do ponto de vista do acesso, como através de perspectivas simbólicas que subjazem a ela e aos objetos das TICs.

Além disso, tem o objetivo de analisar aspectos subjetivos a respeito de práticas de consumo de Internet por populações de baixa renda mediante: i) as interações familiares e suas decorrências simbólicas para os sujeitos; ii) as alterações vividas pelas classes populares nas últimas duas décadas, tendo como consequência uma importante ampliação do consumo e iii) o impacto na interação entre os sujeitos.

Apresentaremos brevemente na sequência as motivações que delinearão o objeto de estudo e a metodologia utilizada para analisar os dados obtidos no campo.

Este trabalho representa o desdobramento de uma participação profissional em uma pesquisa realizada entre dezembro de 2012 e junho de 2013. Naquela ocasião fui contratada pela Consultoria Plano CDE³, para atuar como pesquisadora em um projeto de pesquisa de inspiração etnográfica sobre orçamento doméstico para as populações de baixa renda. Participaram 16 famílias de bairros populares do Recife, conforme a descrição do contexto e da metodologia que serão apresentadas mais adiante. Dentre o contingente de tais famílias, visitei três no bairro do Pina, mais especificamente na Comunidade do Bode.

O retorno ao mesmo campo para a realização da atual pesquisa refere-se às experiências anteriores que demandavam maior reflexão, ainda mais porque levantavam questionamentos que condiziam com os objetivos do Mestrado, evidenciando o consumo no cotidiano das famílias e a melhoria da qualidade de vida que os bens de consumo representam, apesar de algumas evidentes contradições. A exemplo da família, já mencionada, que não contava com o serviço de água na residência, mas onde era frequente observar uma criança brincando na entrada do barraco em uma piscina de plástico. Esta família, que morava em um barraco improvisado, dispunha também do serviço de Internet e quase todos os moradores (exceto a criança que ainda não sabia ler) possuíam um *smartphone*; um dos filhos tinha um *notebook* (obtido através de um programa de inclusão digital do governo do Estado de Pernambuco) e além disso, dispunham de um computador quebrado.

Este foi o ponto de partida que motivou a elaboração do objeto de estudo do projeto de pesquisa para a entrada do Programa de Mestrado da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social e que resultou nesta Dissertação. Este referido programa dialogava diretamente com as minhas inquietações pessoais que

³ A consultoria Plano CDE é uma empresa, sediada em São Paulo, voltada para pesquisa e análise de classes populares. “CDE” refere-se às classes populares, C, D e E que segundo classificação da Associação Brasileira de Pesquisa de Mercado (ABEP) compõem as classes populares no Brasil. www.planocde.com.br

buscavam entender as implicações das práticas de consumo para famílias de baixa renda, assim como a importância da Internet neste contexto.

Durante o mestrado, três disciplinas foram fundamentais para a construção e execução do projeto e, conseqüentemente, desta Dissertação. A primeira delas, Antropologia do Consumo e do Cotidiano, aportou a discussão crítica acerca de conceitos tais como a representação individual e familiar a partir da compra e utilização dos bens, a partir de autores como Douglas e Miller, dentre outros fundamentais para a organização conceitual de um dos temas basilares desta Dissertação, o consumo. A segunda, Economia Familiar e Tecnologias Domésticas, apresentou um vasto referencial teórico com reflexões desde a constituição da família até a importância da tecnologia no ambiente da casa. E, finalmente, Comunicação e Semiótica: Análise de textos publicitários que trouxe conceitos básicos para alargar o entendimento sobre o consumo na sociedade contemporânea e, das relações estabelecidas com os sujeitos, como ocorrem efeitos naturalizados no cotidiano, merecedores de destaque para o entendimento do objeto de estudo em questão.

Em se tratando desta última disciplina mencionada, Comunicação e Semiótica: Análise de textos publicitários, o interesse ocorreu pela motivação de dar seqüência a estudos realizados anteriormente em uma especialização *lato sensu*, tendo a possibilidade de incluí-la neste trabalho como uma ferramenta de análise. Isto porque, a Sociossemiótica, uma das ramificações da Semiótica, permite ampliar a captação e interpretação de aspectos concretos e simbólicos relacionados ao espaço em questão, às práticas ritualísticas, ao consumo e às interações familiares. O referencial teórico relativo à Sociossemiótica está no capítulo dedicado exclusivamente à análise dos aspectos simbólicos decorrentes do consumo de Internet, integrando esta Dissertação, como se disse, como instrumental que possibilitou a ampliação das análises efetuadas das famílias integrantes do nosso *corpus* sob os diferentes prismas.

O desenho da pesquisa seguiu o intuito de aprofundar a experiência adquirida na Comunidade do Bode através de um retorno à comunidade para a realização de “visitas complementares” focadas no consumo e utilização da Internet. Isto porque apesar de haver um aporte substancial quanto à

caracterização da Comunidade do Bode e das famílias era necessário entender em profundidade a relação das famílias com a Internet.

É necessário esclarecer que parte dos dados gerados para pesquisa de mercado de inspiração etnográfica é apresentada neste trabalho, por ter apresentado objetivo com ligação direta com o objetivo principal desta pesquisa, mas principalmente porque após verificação, boa parte dos dados relacionados às condições socioeconômicas das famílias terem permanecido próximos aos identificados naquele contexto, conforme será detalhado mais adiante no terceiro capítulo com a apresentação da pesquisa de campo.

No estudo realizado naquele momento, entre dezembro de 2012 e junho de 2013, foram abrangidas 16 famílias de sete comunidades do Recife: Alto José do Pinho na região Norte; Roda de Fogo, Barro e Jardim São Paulo na região Oeste e Setúbal, Comunidade Rio Azul e Comunidade do Bode na Zona Sul da cidade, que foram visitadas duas vezes por mês. O principal objetivo da pesquisa encomendada pela Consultoria Plano CDE foi analisar as variações de orçamento e utilização de instrumentos (conta corrente, conta poupança, financiamentos, crédito, etc.) e canais de acesso financeiros (bancos, financeiras, lojas, etc.) relativos a estas famílias. Vale ressaltar que os ganhos financeiros destas famílias sofrem variações constantes em função da fragilidade dos vínculos de emprego.

Faz-se necessário enfatizar que para esta Dissertação foram utilizados os dados referentes às famílias que contemplaram especificamente a Comunidade do Bode tais como constituição e histórico das famílias, modos de vida, comportamentos de consumo, dentre outros. As informações trataram, sobretudo, da caracterização das famílias e da Comunidade do Bode⁴, referenciando o retorno ao campo em 2015 com o propósito de aprofundar em temas específicos sobre consumo e utilização de Internet. A Consultoria para a qual trabalhava autorizou que os dados pudessem ser utilizados desde que para fins acadêmicos e não comerciais.

Como se disse, o período de realização da referida pesquisa de mercado foi entre dezembro de 2012 e junho de 2013, sendo que a

⁴ As famílias pesquisadas em 2015 na Comunidade do Bode foram as mesmas visitadas na primeira fase.

aproximação com as famílias ocorreu através de empresas de recrutamento contratadas para procurar um perfil dentro do estipulado pela Consultoria de pesquisa. Os critérios para a escolha das famílias que participam de uma pesquisa deste porte são determinados por características que compõem um perfil específico, quase sempre considerando a renda e os principais bens pertencentes às famílias. Para o caso específico daquele projeto da pesquisa de mercado, o perfil procurado eram famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família que tivessem filhos em idade escolar. Todos os detalhes referentes a esta pesquisa encontram-se no terceiro capítulo, de apresentação de campo.

Esta participação despertou o interesse em entender, já no contexto acadêmico, a importância das TIC's para estas famílias, visto que era visível a importância para os integrantes das famílias. A ida a campo para a coleta de dados para o desenvolvimento da Dissertação ocorreu em novembro e dezembro de 2015, e teve como objetivos: entender as alterações ocorridas depois de dois anos nas famílias em questão, observando as mudanças e permanências na configuração do grupo; aprofundar os dados relativos ao consumo em geral, através do conhecimento detalhado do orçamento doméstico e possíveis hierarquias dos gastos, além de entender o consumo de Internet e quais implicações são percebidas para estas famílias de baixa renda.

As pesquisas aqui referenciadas, a de mercado com inspiração etnográfica e a pesquisa para fins desta Dissertação, são de natureza qualitativa, prevalecendo métodos inspirados na etnografia. Incluíram, as entrevistas, observações do e no entorno, além de registro fotográfico. O investimento em técnicas de observação e captação dos significados atribuídos pelos sujeitos à sua prática de consumo apreende questões relativas ao cotidiano e aos rituais assumidos e valorizados pelos informantes, no tocante às principais atividades desenvolvidas, percepções em relação à identidade e identificação, ao lugar conferido ao trabalho e às relações estabelecidas no bairro e na cidade, ao consumo e à economia familiar.

A investida para a compreensão dos aspectos simbólicos que permeiam a lógica do consumo popular partiu da compreensão do funcionamento da família, tendo em perspectiva comportamentos, estilos de vida, diferenças entre gênero, hierarquia dentro do grupo, trabalho, etc. A partir desta configuração

procuramos compreender as representações da área específica para o estudo, o consumo de Internet e suas repercussões tanto no âmbito da casa, quanto da comunidade.

Alguns conceitos são centrais neste entendimento e estão presentes no primeiro capítulo, a exemplo do “capital simbólico” e “capital cultural” (BOURDIEU, 2011, SOUZA, 2012) e da “reciprocidade” (SOUZA, 2012, SARTI 2004, ZALUAR, 2000) fundamentais para o entendimento da lógica de funcionamento dos segmentos populares. Isto porque a partir destas definições pode-se entender a importância da família não apenas como ordem econômica, mas principalmente como “ordem moral” destes sujeitos.

A moralidade, no sentido durkheimiano⁵, norteia a família popular pela fragilidade de outras instituições que a representa no cotidiano. Por isso será recorrente nos referirmos a este aspecto em todo o trabalho e ele está presente na análise acerca dos papéis exercidos dentro e fora das famílias de segmentos populares.

A estrutura teórica deste trabalho focou no entendimento de entender as recentes alterações econômicas e comportamentais, dando visibilidade às classes populares que passaram a ser denominadas de “Nova Classe Média” brasileira. Apesar de questionado quanto à denominação e suas decorrências, o fenômeno em si, relativo às alterações de renda que implicaram em novos formatos de consumo merecem destaque no trabalho.

O segundo capítulo inicia com o debate sobre o consumo popular através de definições sobre práticas cotidianas e economia familiar, temas que permearam a abordagem sobre a família e que são recorrentes na literatura especializada atual, a exemplo dos trabalhos de autores como Sciré, Yaccoub e Retondar, que discutem conceitos tais como financeirização, utilização de crédito como parte do orçamento e endividamento. Além disso, retomam-se os pontos de vista de Miller e Douglas numa perspectiva mais ampla sobre o consumo como definidor da cultura material. Na sequência encontra-se uma explanação sobre a Internet, referindo-se mais especificamente à constituição e estrutura da web a partir dos estudos de Castells, além de algumas reflexões

⁵ A definição será retomada no primeiro capítulo, mas refere-se a uma noção delineada pelos próprios sujeitos a partir do cotidiano.

sobre o uso dos sites de redes sociais, uma das mais frequentes utilizações entre os usuários da rede, segundo dados da pesquisa TIC domicílios 2014 (Barbosa, 2014).

O terceiro capítulo é dedicado à apresentação dos dados da pesquisa de campo junto à Comunidade do Bode. Inicia com a caracterização do território estudado, com ênfase na distinção de três áreas, diferenciação explicitada pelos próprios moradores: “calçamento”, favela e maré, termos indispensáveis para o reconhecimento do local. Na sequência, são apresentadas as três famílias, partindo das observações obtidas na pesquisa de mercado realizada entre dezembro de 2012 e junho de 2013, e confrontando-as com as apreendidas no retorno a tais famílias em 2015, ou seja, na elaboração da dissertação. Além disso, o capítulo abrange ainda uma análise a respeito das interações e da economia familiar.

O último capítulo, conforme já brevemente mencionado, trata-se da análise dos dados das pesquisas através da Sociossemiótica, referenciada na introdução do capítulo, com base em estudos de Greimas e desenvolvida por Landowski, em cujo desdobramento encontra-se a maior parte dos resultados do estudo aqui efetuado. Além de apresentar conjecturas teóricas e metodológicas, o capítulo dedica-se à construção de significados pelos integrantes da família com relação às TICs, à internet e às relações interativas que vivenciam a partir da dela. Por fim, nesse capítulo ainda discute-se a importância dessa grande temática para a constituição identitária das famílias de baixa renda.

Desta forma, a presente Dissertação aborda da recente expansão do consumo pelas classes populares, assim como suas dinâmicas e interações que reverberam na posse e utilização das TICs. Estas, apesar de produzirem efeitos na sociedade como um todo, foram nas últimas décadas mais impactantes em se tratando das classes mais pobres, o que se reflete em mudanças significativas nas interações entre os indivíduos, como pode ser constatado durante todo o trabalho.

CAPÍTULO 1. A FAMÍLIA COMO ORDEM SIMBÓLICA E AS MUDANÇAS DE PARADIGMA NO CENÁRIO BRASILEIRO

Este capítulo traz o aporte teórico relativo às Ciências Sociais para posterior análise dos dados. Está dividido em dois principais blocos que compõem a maior parte escopo teórico do trabalho: a família, principalmente no tocante aos segmentos populares e a “Nova Classe Média” brasileira e a mobilidade social de milhões de brasileiros. Estes temas foram escolhidos no decorrer da delimitação do objeto de estudo e do objetivo geral da Dissertação, que é entender os significados atribuídos por famílias da área ribeirinha do bairro do Pina, na Comunidade do Bode ao consumo de Internet.

Em um primeiro momento, traz uma abordagem da família como ordem simbólica, que diz respeito às relações estabelecidas entre os participantes e também às diferenças entre estes (gênero, idade, classe, consumo, cotidiano e trabalho). A reflexão serve para fazer uma aproximação com o objeto de estudo nas quais as representações atribuídas ao consumo de Internet por populações de baixa renda estão implicadas por estas relações familiares. São estas relações que permitem elucidar uma série de arranjos familiares que impactam nos gastos e trazem elementos importantes para o entendimento das práticas de consumo destas famílias. Neste primeiro debate, os teóricos/as para as abordagens aqui discutidas são aqueles que apontam o universo simbólico atribuído às famílias de segmentos populares a exemplo de autores e autoras como Bourdieu, Sarti, Souza, Scott, Zaluar e Sennett.

Abordaremos a construção das diferenças entre gênero, trazendo à tona aspectos naturalizados e como as relações passam a expressar simbolicamente. O casamento, a casa, as relações estabelecidas entre familiares e os papéis que são exercidos dentro da família que são fortalecidos numa dinâmica inclusive fora da casa. Esta discussão é pautada principalmente através da perspectiva de Bourdieu, Scott e Damatta.

Outros autores/as também são referenciados para este capítulo quando o debate se estende para a “Nova Classe Média” ou “Nova Classe Trabalhadora” e a discussão versa sobre as noções de “classe social”. São eles Thompson, Souza, Chauí e Neri. Neste tópico, a abordagem teórica trata do perfil de renda

e vinculação econômica e social deste grupo, aspectos do cotidiano, da persistência intergeracional das desigualdades, através das relações estabelecidas entre estas pessoas, o trabalho, o consumo e as instituições.

A análise sobre os papéis desempenhados na família busca desvendar os mecanismos para mudança ou permanência dos diferentes grupos, o que tem relação imediata no cotidiano destas famílias. Há um universo a ser revelado que não pode ser comportado no recorte limitado à renda e à constatação da ampliação do consumo, requerendo ainda uma análise do sentido do acesso e utilização de produtos e serviços e de suas implicações na vida dos sujeitos.

As abordagens desses autores e autoras tratam de aspectos simbólicos ocorridos dentre as relações familiares às quais estão envolvidas a sua própria representação no mundo social, através de hierarquias, perspectiva de vida e comportamentos. A partir delas, procuramos entender como se organizam essas representações, ou seja, como elas estão configuradas dentro deste campo específico para que posteriormente possa haver uma análise do consumo de Internet.

1.1 Família e representação de valores

Para tratar sobre as famílias da Comunidade do Bode e analisar as suas próprias perspectivas a respeito do serviço de Internet e quais significados atribuídos a este serviço pelos sujeitos o ponto de partida escolhido foi entender teoricamente alguns conceitos importantes para a compreensão de fenômenos vivenciados no cotidiano. Através do aprofundamento e compreensão destas definições podemos analisar características que permitem entender aspectos sociais que permeiam a lógica dos sujeitos em relação às suas escolhas e perspectivas de vida.

Essa tarefa permite a compreensão de fatores intrínsecos às famílias de baixa renda, que vão além da configuração financeira e que dizem respeito desde o acesso à cultura, escolaridade e passam pelas relações sociais estabelecidas. Bourdieu trata esses aspectos como simbólicos ou o capital simbólico que se configuram através do prestígio ou poder de influência (BOURDIEU, 2011, p.134).

Bourdieu afirma que “os agentes e grupos de agentes são assim definidos pelas suas posições relativas neste espaço que vivem” (aqui se referindo a qualquer espaço no qual estejam inseridos), isto é, compõem um conjunto de relações de forças objetivas impostas a todos que entrem nesse campo. Ainda de acordo com o autor, equivale a dizer que há uma representação naturalmente vivenciada, já que este mundo social é incorporado em estruturas objetivas do espaço social. Assim, Bourdieu alega que

O mundo social, por meio sobretudo das propriedades e das suas distribuições, tem acesso, na própria objetividade, ao estatuto de *sistema simbólico* que, à maneira de um sistema de fonemas, se organiza segundo a lógica da diferença, do desvio diferencial, constituído assim em *distinção* significativa. O espaço social e as diferenças que nele se desenham “espontaneamente” tendem a funcionar simbolicamente como *espaço dos estilos de vida* ou como conjunto *Stände*, isto é, grupos caracterizados por estilos de vida diferentes (2011, p.144).

O “capital simbólico” ou “distinção”, geralmente reconhecido como reputação, autoridade, prestígio, fama na visão de Bourdieu (2011, p.45), trata de um capital de qualquer espécie que seja percebido por alguém “que detém as categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura de sua distribuição”, ou seja, de alguém que reconhece tais categorias como algo óbvio.

O capital simbólico condiz com o que Sennett descreve no livro *A Corrosão do caráter* a trajetória de Enrico, um emigrante italiano que trabalhou arduamente como faxineiro durante mais de 40 anos em um percurso linear profissional para garantir os estudos do seu filho Rico. De comportamento reservado e discreto, Enrico recebia atenção de seus vizinhos e de quem o conhecia por sua história, justamente por sua linearidade e constância no trabalho. Eram justamente estes aspectos que garantiam o seu reconhecimento social e sua distinção na comunidade (SENNETT, 2008, p.15).

Em *Batalhadores Brasileiros*, Souza trata os valores imateriais ou o conjunto de capitais, não mensuráveis em termos materiais, como os fatores que mantem uma classe social e seus privilégios ao longo do tempo (SOUZA, 2012, p.23). São as características que diferenciam as classes e os

privilegiados, que vão desde a educação formal até as amizades feitas durante a vida, passando pelo jeito de se comportar, caminhar e olhar.

Classes sociais não são determinadas pela renda – como para os liberais – nem pelo simples lugar na produção – como para o marxismo clássico –, mas sim por uma visão de mundo “prática” que se mostra em todos os comportamentos e atitudes [...] (SOUZA, 2012, p.45).

Thompson no livro *A formação da classe operária Inglesa*, também aborda a dimensão das experiências comuns dos indivíduos, compartilhadas com outros sujeitos de interesse comum, afirmando que é através deste processo que passam a representar uma classe social.

A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais (THOMPSON, 2011, p.10).

Sennett trata a questão da moralidade no âmbito familiar através do relato de Rico, o filho de Enrico que ascendeu socialmente graças aos esforços do pai, mas para quem as escolhas profissionais acabam por influir na capacidade de dar aos filhos o tempo e a segurança que lhe foi garantido pelo pai. Enrico e Rico tomam rumos bastante distintos no que diz respeito à forma de organizar o cotidiano e de projetar o futuro. Ocorre entre eles, ou no relato deles, uma luta imperceptível para a manutenção dos aspectos simbólicos referentes às suas escolhas, que acabam imprimindo um determinado cotidiano para suas famílias e para suas trajetórias. Estes aspectos são naturalizados pelas práticas e relações cotidianas, estabelecidas de acordo com um senso comum, que resguarda relação com o campo ao qual se está vinculado, por exemplo, nas relações de classe, o que Bourdieu denomina “consenso explícito de um grupo” (2011, p.142) construído através das interações entre os agentes numa lógica do grupo.

Essa elucidação é importante já que esta Dissertação versa sobre as representações e aspectos simbólicos de um determinado grupo social, qual seja, famílias de segmentos populares que estão inscritas em um espaço específico, numa comunidade considerada pobre, circunscrita no entorno de um bairro de “classe” alta, Boa Viagem, na cidade de Recife (Pernambuco),

relação que resulta em uma enorme desigualdade social notadamente observada.

Sarti, em se tratando da população de baixa renda, afirma que a família traz em si uma forte carga simbólica, servindo como referência para o mundo social dos indivíduos, dentro e fora desta instituição, em função da sua carência de valores sociais como riqueza, prestígio e poder (2004, p.12-13). A família, ainda de acordo com a autora, é configurada como uma rede que contempla os parentes de forma ampla e traz, sobretudo, um significado de moralidade. Ou seja, este aspecto predominante de moralidade se configura como um diferencial em relação a outros segmentos sociais que possuem um leque mais vasto de referências na sociedade.

Para Souza, é a partir da vivência de reciprocidade encontrada no âmbito familiar de segmentos populares que são transmitidos os valores de aprendizado prático do trabalho e renúncia individual em detrimento do próximo. A família dos segmentos populares é, além de unidade econômica de classe, sua unidade moral.

Sua estrutura e organização produzem relações duráveis, baseadas em princípios morais que ultrapassam a necessidade imediata. Ela funda relações baseadas no que Bourdieu chama de *interesse desinteressado* pelo outro, ou seja, relações que vão muito além da instrumentalização imediata do outro. O circuito de reciprocidade, bem como o *aprendizado prático do trabalho*, liga moralmente os membros do grupo familiar, desperta neles esse *interesse desinteressado* pelo outro [...] (SOUZA, 2012, p.147).

Rico, no livro de Sennett, passa para os filhos o sentido de determinação no trabalho, mas se perde no controle dos filhos em relação ao caráter, algo que precisa ser elaborado nas próprias relações e demanda contato direto e tempo de convivência (2008, p.21). Caráter na visão de Sennett é uma categoria que demanda “lealdade, compromisso, propósito e resolução, que são de longo prazo na natureza” (2008, p.31). No caso de Rico, o trabalho demandava flexibilidade e muito tempo de dedicação o que se refletia no relacionamento que levava com os filhos.

Para tratar sobre “moralidade” estamos considerando uma perspectiva antropológica que considera a própria visão dos sujeitos sobre condutas atreladas a regras da sociedade. Este enfoque tem base em conceitos elaborados por Durkheim e no caso das famílias das classes populares a

própria moralidade é considerada como uma regra social, já que os papéis vivenciados na família são referência dentro e fora do ambiente doméstico, como afirma Sarti (2004, p.21).

É importante considerar, no entanto, que apesar da referência obtida através de papéis vivenciados no cotidiano da família o próprio tema moralidade é extremamente complexo, pois existem distintos códigos de conduta validados pela sociedade e que dizem respeito, por exemplo, ao local de convivência. Assim, caso uma mulher se exalte com o marido fora de casa por este estar bebendo, pode ser visto como cuidado e ser validado pelas outras pessoas. Esta mesma ocorrência dentro de casa não é permitida, já que se refere a um espaço onde existe um outro código moral.

Scott trata dos aspectos diferenciais vivenciados por gênero na questão do reconhecimento fora de casa através da moralidade exercida em ambiente doméstico. A frase citada pelo autor dita por uma moradora do bairro dos Coelhos no Recife revela essa dimensão: “Uma mulher sem marido não é nada”. Neste caso fica nítido o estabelecimento de uma união conjugal, principalmente em relação às mulheres que se referem à sua própria existência em termos do estabelecimento de um relacionamento com um homem e a formação de uma “casa” (SCOTT, 1990, p.42).

Em *A casa e a rua*, Damatta trata dessa diferença entre os códigos morais estabelecidos nos espaços “casa” e “rua”. Existem condutas distintas para cada um desses espaços, de acordo com as esferas de significação, que podem ser complementares, “jamais exclusivas ou paralelas”. Em se tratando das “camadas dominadas, inferiorizadas ou “populares”, tenderiam a usar como fonte para sua visão de mundo a linguagem da casa. Assim, eles sempre produzem um discurso fundamentalmente moral ou moralizante” (1997, p.49).

Em ambos os casos, seja dentro ou fora do espaço doméstico, a perspectiva da moralidade a ser utilizada neste trabalho leva em consideração a tônica que os próprios sujeitos elaboram no cotidiano dentro de uma ordem estabelecida. Diz respeito ao comportamento pautado naquilo que é aceito socialmente, que é sutilmente tecido no dia-a-dia de cada família e espelhado pela vizinhança. Apesar de haver nítidas diferenças entre as relações

estabelecidas no interior e fora dos domicílios, o sentido de “moralidade” aqui atribuído foca a perspectiva de famílias de baixa renda e no significado que elas mesmas atribuem ao socialmente aceito.

Ao analisar o universo moral de famílias das classes populares, Sarti, numa pesquisa⁶ realizada no bairro de São Miguel Paulista, na periferia de São Paulo, revela que as relações no contexto da família reiteram cotidianamente diferentes hierarquias, a exemplo da relação entre homens e mulheres, entre os adultos e as crianças. Tais famílias mantêm convenções tradicionais nos gestos e nas falas que são contraditórias ao utilitarismo de regiões centrais das cidades grandes. Estas, em um primeiro momento, exigem maior distanciamento e frieza no comportamento dos seus habitantes e frequentadores porque são principalmente pautadas pelas relações profissionais.

Percebe-se nitidamente a importância dos papéis familiares vigorando dentro e fora da casa imbuídos de uma importância fundamental para as famílias de baixa renda como veremos posteriormente. Em todo caso, é a família quem limita as relações e os comportamentos dentro de uma moralidade condicionada aos próprios papéis estabelecidos inicialmente dentro de casa e que dizem respeito a características positivas atribuídas aos integrantes fora dela.

De acordo com os resultados das pesquisas de Sarti, as condições em que vivem as famílias pobres relativas à ausência de equipamentos públicos e à limitação de renda fizeram com que historicamente tivessem como lócus de sobrevivência e organização das demandas, não somente a casa, mas também a família extensa e à vizinhança (SARTI, 2010).

A incorporação de parentes ao grupo familiar como idosos, sobrinhos, afilhados em situações de necessidade é, segundo Zaluar, um padrão cultural diferenciado dos segmentos populares. Ela aponta para uma solidariedade nestes referidos grupos domésticos que são distintos de outros segmentos

⁶ O trabalho de Sarti, desenvolvido no bairro de São Miguel Paulista em São Paulo capital foi fruto de uma série de aproximações acadêmicas iniciadas em 1979 para realização de uma Dissertação de mestrado. A volta a este mesmo bairro em 1988 para a tese de doutoramento buscava “analisar de forma particular como se constrói a noção de família como uma ordem moral entre os pobres” (SARTI, 2004, p.11).

tanto em intensidade quanto em formato de manifestação, conforme descrito a seguir:

O adjetivo individualista pouco caberia nesse padrão, quando sabemos que as necessidades de sobrevivência, inclusive a obtenção de moradia, obriga a cooperação não só de todos os membros da família conjugal, mas também de outros parentes a ela incorporados (2002, p.99).

Cabe considerar que em se tratando de classes de baixa renda, no tocante à precariedade no Brasil de instituições que tratem de aspectos fundamentais como o cuidado com crianças e idosos, educação, saúde, etc., a família é a instituição que dá o suporte e fundamenta simbolicamente as relações sociais dos sujeitos dentro e fora de sua esfera (SARTI, 2010, p.52; ZALUAR, 2000, p.98). É importante esclarecer que a estrutura exercida pela família em detrimento da ausência de ações do Estado não trata de uma instrumentalização, mas de uma vivência através de relações familiares que são estabelecidas no cotidiano e que pressupõem atitudes de lealdade e reciprocidade entre os seus componentes (SARTI, 2010, p.52).

Além disso, as relações demonstram um alto grau de afetividade e cuidado, principalmente quando o discurso analisado é principalmente obtido pelas mulheres da casa. Ainda mais em se tratando de um público que sofre com a escassez material e que por isso mesmo valoriza atos de solidariedade.

Por outro lado são registrados muitos casos de fofoca envolvendo casos reais ou fictícios sobre a conduta alheia. Há sempre uma intenção maldosa em relação a certos indivíduos e quem faz a fofoca não se considera fofoqueiro, mas todos concordam que há muita fofoca em comunidades populares. Fonseca traça uma abordagem teórica detalhada sobre o tema:

A fofoca seria instrumental da definição dos limites do grupo — não se faz fofoca sobre estranhos, pois a estes não se impõem as mesmas normas; ser objeto, sujeito da fofoca, representa a integração no grupo. A fofoca pode ter uma função educativa. Em vez de adultos explicarem as normas morais a seus filhos, estes, ao ouvir as histórias de comadres, aprenderiam as nuances práticas dos princípios morais do grupo [...]. A fofoca também pode ter grande importância em termos de comunicação, sobretudo entre analfabetos; é assim que se descobre o novo endereço de um parente e o paradeiro de velhos amigos [...]. Finalmente, a fofoca serve para informar sobre a reputação dos moradores de um local, consolidando ou prejudicando sua imagem pública (2004, p.23).

O significado de moralidade, apesar de receber sanções por obedecerem a regras sociais estabelecidas, é em um primeiro momento interno à família, traz forte carga moral nos papéis exercidos por cada membro e é revestida de significados que são exercidos no cotidiano (SARTI, 2010; ZALUAR, 2000, p.97). São aspectos naturalizados, vivenciados e construídos paulatinamente que reforçam os julgamentos do capital simbólico.

Aqui é importante trazer o conceito de *habitus* que em Bourdieu revela as disposições dos indivíduos a partir de suas vivências na sociedade e que se manifestam através do modo de vida, “um conhecimento adquirido e também um haver”, passando inclusive pela expressão corporal. Estas disposições formam uma escala de valores dos sujeitos e são retransmitidas não intencionalmente já que intrinsecamente ligadas a aspectos sociais (BOURDIEU, 2011, p.61).

Dubar traz uma contribuição a respeito das trajetórias sociais distinguindo a “trajetória objetiva” da “trajetória subjetiva”. A primeira diz respeito à sequência das posições sociais vivenciadas pelos indivíduos tais como vida escolar, profissional, em associações, etc.; enquanto que a trajetória subjetiva toma a própria narrativa do sujeito revelando aspectos importantes nesta autoavaliação. Estas duas categorias têm igual importância para o entendimento da identidade e amplia o conceito já que engloba tanto a esfera biográfica quanto a institucional (DUBAR, 1998).

Os valores morais, que trazem diferenciais de acordo com o espaço de convivência, se dentro ou fora do âmbito doméstico são reproduzidos inconscientemente e estão revestidos de comportamentos e atitudes que, em determinados grupos, se pressupõem adequados. O espaço da rua com a característica de aceitação do homem e o interior da casa para a mulher apresentando códigos morais distintos como já apontado anteriormente.

Um modelo que é visto como característico do próprio ser humano e sua forma de se relacionar. E a família nuclear no modelo que temos hoje é central em se tratando das classes populares reitera os papéis vivenciados dentro e fora de casa. Ter uma família é tão vital que a sua negativa atinge também o sentido de humanidade. Um conceito que vem, segundo Souza

[...] sendo naturalizado como essencial humano, em que as condições históricas dessa ascensão são esquecidas, sendo classes inteiras condenadas à (sub)humanidade por não disporem dos pressupostos, ou seja, por se encontrarem – na estrutura do mundo – em uma posição em que suas condições materiais (econômicas e sociais) não possibilitam a formação dessa estrutura e organização familiar particular [...] (2012, p.124).

E, em se tratando de famílias de classes populares, devemos considerar que as Ciências Sociais, nas décadas 1960 e 1970 falaram da pobreza eliminando os próprios sujeitos do discurso. Mesmo com a noção que tratar apenas da carência e da falta material não era suficiente para um critério a respeito da pobreza, houve uma tendência a pensar nos pobres como eles deveriam ser, menosprezando as próprias perspectivas de vida dos sujeitos (SARTI, 2010, p.26-27).

A partir dos anos 1970, as Ciências Sociais passaram a uma identificação dos pobres com o trabalho, passando a se referir e constituir a categoria “classe trabalhadora” e a partir da década de 1980 ressalta-se a família como o eixo onde se conciliam as relações e os efeitos da pobreza. Sarti traz uma definição sobre o assunto:

A pobreza é uma categoria relativa. Qualquer tentativa de confiná-la a um único eixo de classificação, ou a um único registro, reduz seu significado social e simbólico. [...] A pobreza tem, portanto, uma dimensão social e simbólica que define os “pobres”. Dissociando-se da carência material, o critério exclusivo pelo qual ela se delimita, é possível defini-la por eixos distintos (2010, p.42).

Em *A Máquina e a Revolta*, Zaluar trata sobre o preconceito das elites que propalam total desorganização dos lares de segmentos populares atribuindo a característica desordem como um fator relacionado às famílias de baixa renda, o que aumentaria a incidência da criminalidade nestes grupos (ZALUAR, 2000, p.96). Ela traça o percurso de suas próprias sensações de medo motivado por essa imagem negativa, ao entrar para realizar a etnografia⁷ na Cidade de Deus, bairro popular do Rio de Janeiro caracterizado pelos noticiários locais pela intensa violência e alta periculosidade.

Em relação à pobreza, Walquíria Leão Rego e Alessandro Pinzani em *Vozes do Bolsa Família* lembram que esta começa a ser estudada, nas

⁷ O livro *A Máquina e a Revolta* foi o resultado de uma etnografia no bairro popular Cidade de Deus, Rio de Janeiro, para tese de doutoramento em Antropologia de Zaluar em 1981 (ZALUAR, 2000, p.7-8).

Ciências Sociais, na América Latina, por volta das décadas de 1920 e 1930, geralmente por pesquisas etnográficas que focavam sobretudo as culturas de cada país e as populações indígenas. No caso do Brasil, o enfoque sociológico sobre a pobreza tratava de descrições sobre as péssimas condições de moradia e a exploração da força de trabalho dos pobres (2013, p.12-13).

Procurava-se entender o capitalismo desenvolvido no país, que nunca foi precedido de revoluções democráticas abrindo espaço para uma cultura de direitos. Tais estudos enfatizavam as migrações rurais para as cidades, a pobreza das periferias e favelas das grandes cidades, as condições de vida neles e a ausência de equipamentos urbanos nas cidades. Contudo, a análise reafirmava o caráter natural do fenômeno da marginalidade no funcionamento do capitalismo como forma histórica (REGO & PINZANI, 2013, p.13).

O reconhecimento da pobreza era visto como constituinte de um aspecto estrutural da reprodução do capital. Não se conhecia, porém, qual a visão de mundo dessas pessoas, sonhos e expectativas. Eram retratados como errantes, sem escolaridade, dispostos a qualquer trabalho por sua incapacidade para algo melhor e vagabundos fenômeno da marginalidade no funcionamento do capitalismo como forma histórica (REGO & PINZANI, 2013, p.14).

Ou seja, os segmentos de população ou “classes” mais altas julgam erroneamente os segmentos populares ao demonstrarem que há uma negação da moralidade. É preciso, no entanto, ressaltar que a visão da classe média não é formada a parte da sociedade. É constituída a partir da legitimação de um lugar de poder, que se estabelece, ou se estabeleceu durante muito tempo também no campo das ciências de modo geral e particularmente das Ciências Sociais, produzindo um discurso sobre os pobres e sobre a pobreza que é incorporado pela classe média.

Além disso, essas visões preconceituosas da classe média corroboram para produzir um discurso relacionado ao mérito, à capacidade individual, que inferioriza as relações familiares e de parentesco das classes populares, atribuindo-lhes uma “inaptidão” inclusive no âmbito da esfera pública. Os integrantes de tais famílias seriam incapazes de atuar como agentes políticos já que neste caso seriam exigidos pressupostos como impessoalidade e

igualdade. Preconceito reafirmado cotidianamente pela mídia, através do caricato, do chiste, da brincadeira. Em programas de humor – o autor cita, por exemplo, o seriado *A grande família*, da Rede Globo – estereotipiza-se a figura do pobre malandro, enganador (SOUZA, 2012, p.123).

Esta lógica da sociedade que desmerece a família popular também diz respeito à legitimação de uma estrutura específica de um modelo de família nuclear advindo da classe burguesa que incorporou na sociedade um modelo hegemônico, que é concebido como universal e normativo. Essa classe burguesa destitui a família popular de moralidade ao mesmo tempo nega possíveis ações do Estado para apoiá-las (SOUZA, 2012, p.124).

A “família nuclear” visto na atualidade como modelo institucional hegemônico, pode ser mais bem compreendido a partir de uma análise histórica da família. Os estudos apontam para a conclusão de que a atual família nuclear tem caráter universalista e é uma instituição capaz de nortear os sujeitos de forma inconsciente. Deve ser destacado, porém, que trata de um modelo relativamente recente, pois nem sempre foi um modelo institucional hegemônico como presenciado hoje em dia (SOUZA, 2012, p.124).

A família nuclear como modelo de reprodução institucional é uma concepção da Idade Moderna, nascida junto com a classe burguesa. Na Idade Média havia outro padrão institucional norteador para os sujeitos, e os arranjos sociais se reproduziam através de outras instituições como os clãs, tribos ou feudos (SOUZA, 2012, p.125-126).

No entanto, hoje, como a família nuclear forma-se a partir de um pensamento hegemônico, não pertencer ou não constituí-la é estar longe da própria “condição de humanidade”; é contra um processo “natural” já que é um formato que corresponde inclusive a uma imagem estrutural da sociedade trazida pelas religiões cristãs, que têm sua principal imagem difundida através de uma figura religiosa da família sagrada família de Jesus (SOUZA, 2012, p.126). Em decorrência disso, há uma forte cobrança social que um núcleo familiar seja formado como se pode observar nas classes populares, já que o pertencimento traz um suporte inclusive no sentido de identidade, como pai ou mãe de família.

É necessário esclarecer que o modelo de família já existia na Idade Média, só que vinculado a outras entidades sociais como os clãs que eram “naturalizados” naquele período como as instituições hegemônicas. É com o surgimento da burguesia que ocorre a mudança de uma perspectiva que tinha grupos extensos como os clãs estruturando os indivíduos na sociedade para a família nos moldes de hoje. Esse processo ocorreu concomitante com a reformulação da propriedade, adquirindo, a partir de então, um novo sentido, não mais atribuído aos grupos maiores, mas sim a unidades familiares (SOUZA, 2012, p.125).

Essa estrutura de família nuclear burguesa é centralizada na figura de um patriarca que deixa herança para os filhos, que precisam receber ensinamentos e assim reproduzir o padrão de classe alicerçado na tradicionalidade. Ou seja, é um padrão que tem base na propriedade privada e que mais, recentemente, na contemporaneidade, investe em educação escolar. É através dessa engrenagem que a burguesia se configura como um modelo padrão para se reproduzir e legitimar-se na sociedade (SOUZA, 2012, p.126).

Essa legitimação naturalizada faz com que o modelo econômico instaurado pela burguesia se mantenha, ocorrendo pelo estabelecimento de uma “dominação simbólica”. São princípios que regem inclusive aqueles que atuam pela não participação, pela impossibilidade e que a “ralé”⁸ sente-se obrigada a aceitar qualquer trabalho para manter a estrutura familiar.

O homem, simbolicamente principal provedor da família popular, tem no trabalho o seu principal fundamento moral, que o qualifica principalmente como honesto, digno e honrado. O trabalho tem um valor crucial para o homem popular que se autodenomina “trabalhador” e não como profissional ou operário (ZALUAR, 2000, p.87). O trabalho faz parte da identidade masculina, caracterizando-o como homem (SARTI, 2010, p.88).

Na autoimagem dos homens moradores da periferia, a identidade de trabalhador confunde-se com a de pobre. Definem-se como pobres e trabalhadores, sendo as duas categorias igualmente importantes para sua localização no mundo social (SARTI, 2010, p.88).

⁸ O termo ralé é designado para o segmento mais empobrecido das classes populares, que se submete a subempregos para sobreviver, segundo a denominação provocativa de Souza (2012).

Essa imagem do homem, no entanto, só se torna completa quando ele tem uma mulher e está vinculado a uma família, ou seja, quando se torna “pai de família”. Esta é uma categoria que reforça a moral no homem, que complementa a autoimagem masculina. A disposição e força para o trabalho são articuladas como um bem que dá sentido ao homem e também vincula o trabalho à manutenção da família (SARTI, 2010, p.95).

Nessa concepção da família com a obrigação moral de o homem ser o principal provedor e por isto representar autoridade diante da mulher e dos filhos (ZALUAR, 2000, p.89); caso ele não cumpra o papel esperado, se for infiel, beber e não trazer dinheiro para casa, a mulher acaba tendo um acentuado papel ativo nas decisões familiares, sem que, no sentido inverso, o homem tenha modificado seus papéis familiares (SARTI, 2010, p.71-72).

A esfera do trabalho é importante já que a pobreza é por si mesma uma qualificação negativa no âmbito social e isso faz com que a disposição para o trabalho tenha um sentido de positividade, pois agrega atributos morais que qualificam o homem positivamente. Tal disposição é, pois, uma característica positiva a ser mantida que é vista como uma dádiva, “que compensa as desigualdades sociais” (SARTI, 2010, p.89-90).

É importante atentar para o fato que, embora os segmentos populares sejam heterogêneos no tocante ao mercado de trabalho, ou seja, estejam presentes em ramos de trabalho distintos da sociedade; existe uma relativa uniformidade em relação aos baixos rendimentos e à baixa qualificação dos trabalhadores (SARTI, 2010, p.87-88).

Principalmente no segmento que Souza trata como a “ralé estrutural” que são as famílias oriundas dos ex-escravos e sertanejos que vivem nos centros urbanos, que são marginalizados e aceitam qualquer condição de trabalho para sobreviver. Estão “socializados num contexto de *habitus* precário não tiveram os pré-requisitos mínimos para tornarem-se aptos ao exercício de funções sociais valorizadas” (SOUZA, 2009, p.348).

A disposição para o trabalho, principalmente o trabalho duro, é repassada no cotidiano na família popular em um “aprendizado prático do trabalho”, como ressalta Souza, sempre através do exemplo e também de

conselhos. Esse ensinamento é repassado através das gerações junto com o sacrifício individual em favor do grupo familiar (SOUZA, 2012, p.144).

Tendo pouco ou nenhum capital cultural legítimo e capital econômico, essa classe só pode contar com o aprendizado prático transmitido no seio da família, e com as relações familiares duradouras como “arma”, estratégia para sobreviver enquanto classe [...] (SOUZA, 2012, p.144).

A reprodução dos direitos de propriedade fundamenta um dos questionamentos de Souza sobre os motivos para a impossibilidade de ascensão de parte da população. O autor propõe a divisão da classe popular em “batalhadores” e “ralé”. Se por um lado os batalhadores correspondem à nova classe trabalhadora, a “ralé”, provocativamente assim denominada, refere-se à parcela da população que, em estado de pobreza intergeracional e quase absoluta, convive de forma bastante imperativa com a carência dos capitais econômico, cultural e social. Há, portanto, para o autor, para enfrentamento de situações distintas, a necessidade de enfrentamentos também diferenciados (SOUZA, 2012).

É notório que o formato das famílias tem enfrentado mudanças significativas a partir da segunda metade do século XX. A entrada progressiva da mulher no mercado de trabalho cabendo-lhe ainda a responsabilidade das tarefas domésticas, o avanço dos contraceptivos e o aumento das separações e novas composições familiares geraram na sociedade ocidental uma mobilidade maior. Esta é a ideia desenvolvida por Singly e Théry que tratam de uma desinstitucionalização da família em detrimento de uma maior individualização dos seus integrantes (SINGLY, 2007, p.16).

O fenômeno é consequência de uma maior autonomia da família conjugal em relação à família extensa, chamado pelos autores de psicologização das relações já que passam a prevalecer aspectos subjetivos ou psicológicos de cada integrante. Esta leva a uma maior individualização e abre espaço para a construção de um espaço mais “relacional” que “institucional”. De acordo com este prisma, existe fundamentalmente a relação afetiva e compatibilidade de satisfação mútua dos desejos particularidades de cada pessoa. “Cada um pode ajudar o outro a ser ele mesmo, assumindo um trabalho relacional” (SINGLY, 2007, p.16-19).

No caso da família brasileira de baixa renda o aspecto da individualização ainda não é tão fortemente marcado. Para este grupo em questão, a família se configura principalmente como ponto de apoio. Esse suporte obtido na família forma nos sujeitos a possibilidade de enfrentamento do mundo, como afirma Souza, pois permite que os indivíduos “tenham uma racionalidade prática, ou seja, um sentido prático do mundo” (SOUZA, 2012, p.127). É neste grupo social que são repassadas (mesmo que não se tenha consciência) as principais características de formação dos sujeitos que os diferenciam entre os demais no conjunto da sociedade.

Ainda de acordo com este autor, as diferenças existentes entre as famílias de classe média e as de classe popular vão além de fatores econômicos. Tais diferenças giram em torno de capacidades, como autocontrole, disciplina e autorresponsabilidade, repassadas no cotidiano nas famílias de classe média, que não são mensuráveis em capital financeiro, mas que representam um grande diferencial para aqueles que as possuem, principalmente no mercado de trabalho (SOUZA, 2009, p.18).

É no contexto da casa brasileira onde, segundo Damatta, se configura uma área especial, concebida não só como um espaço para abrigar iguais, onde todos são pessoas e não indivíduos. Ou seja, indivíduos estão sujeitos às normas da rua e as pessoas “se relacionam entre si por meio de laços de sangue, idade, sexo e vínculos de hospitalidade e simpatia [...]” (1997, p.53).

Assim, a família, no universo popular, reproduz através de suas relações o seu universo simbólico conforme lhe foi repassado. É importante atentar para o fato de que tratar de relações familiares traz uma enorme dificuldade, já que cada sujeito entende esse grupo da forma que foi recebida, como lembra Sarti. Na visão desta autora, inclusive, cada família tem a sua própria identidade que é vivenciada de modo particular e ainda que se espelhe em outras unidades semelhantes, possui características e mitos próprios repassados através de histórias dentre os seus integrantes (SARTI, 2004, p.13).

E assim, ainda que na sociedade contemporânea observe-se o predomínio do individualismo, principalmente nas grandes cidades, pelo formato das relações profissionais em que se pressupõe um comportamento

competitivo, as relações familiares nas classes populares seguem um modelo tradicional de autoridade e hierarquia, gerando dificuldades de afirmação individual, principalmente por papéis familiares muito demarcados (SARTI, 2010, p.20; ZALUAR, 2000, p. 97). Uma postura que passa a ser naturalizada, se tornando invisível, passando a se configurar como uma questão de identidade para seus, como o papel de mãe, por exemplo, atribuído à mulher, que, desde cedo é preparada para exercer, sobretudo, o papel de cuidadora da casa, de seus integrantes e da organização do lar.

Os filhos são o laço mais forte dentro da unidade familiar no sentido de seguir “obrigações morais”. De um lado, não ter filhos é visto como falta de projeto de vida e esvaziamento de objetivos de um projeto familiar; por outro, tê-los é reforçar o vínculo com a família e com as suas redes de obrigação moral. Em relação aos filhos, há uma forte hierarquia moral, na qual se espera que as crianças obedeçam aos pais como, no futuro, irão obedecer às instituições públicas.

Dos filhos, espera-se uma retribuição, como se, ao nascerem, ou mesmo antes, já se estabelecesse um compromisso moral com relação a seus pais, principalmente no caso das famílias pobres em que o cuidado das crianças representa abrir mão ou adiar alguns projetos dada a limitação de renda (SARTI, 2010, p.72-73). Os filhos carregam uma dívida moral com os pais que é repassada sobretudo pela mãe que transmite os ensinamentos através da sua própria atitude de renúncia em relação aos filhos. A mulher da família popular assume a incumbência de repassar o sentido de renúncia pelos filhos e pelo próprio marido (SOUZA, 2012, p.131).

Nos casos de instabilidade familiar, seja por separação ou por morte, existe uma solidariedade dos outros parentes, e a criança deixa de ser responsabilidade exclusiva dos pais, ou seja, há uma “circulação de crianças” na família ampliada. “Essa prática popular inscreve-se dentro da lógica de obrigações morais que caracteriza a rede de parentesco entre os pobres” (SARTI, 2010, p.77).

As obrigações das mulheres dentro da esfera familiar, com a divisão tradicional do trabalho e o exercício do papel de esposa e de mãe são reproduzidos quase que inconscientemente (SILVA, 1998). Estão presentes no

cotidiano e reiterados através das formas de expressão e comunicação, com o jeito de falar, caminhar e se comportar. É a mulher a responsável na família pela transmissão dos valores morais, principalmente através do exemplo (SOUZA, 2012).

Nos segmentos populares é comum que as mulheres critiquem outras do mesmo gênero que não tenham uma postura de obediência ao marido, principalmente quando estão fora de casa, nas igrejas, por exemplo. O comportamento de obediência em relação ao homem é elogiado pelo companheiro e faz com que muitas vezes as mulheres populares elogiem aquelas que sabem “entrar e sair dos lugares” e “conhecem o seu lugar”. Nestes exemplos, muitas vezes calar é bastante valorizado, pois representa uma atitude passiva de concordância e obediência.

Bourdieu em *A Dominação Masculina* constrói o entendimento a respeito da origem desses comportamentos naturalizados a partir da análise dos berberes da Cabília. Nesta sociedade, as diferenças entre gêneros eram notadamente marcadas, inclusive tendo espaços demarcados para cada gênero, o que facilitou *a posteriori* o reconhecimento de aspectos semelhantes na sociedade contemporânea com a predominância de uma visão androcêntrica⁹. O autor esclarece que essa perspectiva é naturalizada numa sociedade na qual a divisão sexual aparece como uma parte da “ordem das coisas” que se reflete nas significações sociais.

Tal ordem predomina devido às representações e aos aspectos simbólicos de oposição entre masculino e feminino, associados desde os corpos em si até as diversas oposições existentes na natureza como claro e escuro, quente e frio, mole e duro, etc. (BOURDIEU, 2002, p.12). De acordo com o autor,

Esses esquemas de pensamento, de aplicação universal, registram como que diferenças de natureza, inscritas na objetividade, das variações e dos traços distintivos (por exemplo, em matéria corporal) que eles contribuem para fazer existir, ao mesmo tempo que as “naturalizam”, inscrevendo-as em um sistema de diferenças, todas igualmente naturais em aparência; de modo que as previsões que elas engendram são incessantemente confirmadas pelo curso do

⁹ Bourdieu trata o androcentrismo ou a força da “ordem masculina” dispensando justificações. “tanto na percepção social quanto na linguagem, o gênero masculino s mostra como algo tão marcado, de certa forma neutro, ao contrário do feminino, que é explicitamente caracterizado” (BOURDIEU, 2002, p.18).

mundo, sobretudo por todos os ciclos biológicos e cósmicos (BOURDIEU, 2002 p.12).

A divisão sexual parece estar tanto na “ordem das coisas”, como explica Bourdieu, em aspectos que são naturalizados e parecem inevitáveis, como também em aspectos objetivos das coisas como, por exemplo, a casa, que tem as partes todas “sexuadas” (aspas do próprio autor) e também nos corpos e atitudes dos sujeitos. Ocorre, então, segundo Bourdieu, uma concordância entre as estruturas objetivas e as estruturas cognitivas. Essas experiências são transferidas simbolicamente para o mundo social, que, por sua vez, as legitima, apesar das diversas arbitrariedades construídas socialmente.

Bourdieu trata da força da ordem masculina, que dispensa justificações, se supõe como neutra, não precisa de nenhum discurso que a legitime, pois se encontra radicada na sociedade como algo natural (2002, p.18). Assim, a própria ordem social legitima simbolicamente a dominação masculina, já que está fundamentada nela. A mulher, por sua vez, tem uma “força fraca”, uma vez que se trata muitas vezes de poderes ligados à intuição, percepção, magia, ou seja, materialmente não é definidora. Na sociedade contemporânea, a força da ordem masculina encontra-se dissimulada e submetida estruturantemente a uma lógica dominante, perpetuada pelas instituições como a família, a escola, etc. (BOURDIEU, 2002, p.5).

Embora Bourdieu estivesse referindo-se à sociedade Cabília, em que esses aspectos de dominação masculina estivessem fortemente marcados, a sociedade contemporânea, apesar dos inúmeros avanços do movimento feminista em relação à saída da mulher ao mercado de trabalho, mantém a diferença simbólica entre gêneros retransmitidos, em um primeiro momento, nas unidades domésticas, que são, como dissemos anteriormente, o ponto de referência deste capítulo.

Bourdieu analisa elementos que passam naturalizados pela sociedade, fundamentados em sutilezas antagônicas encontradas no universo, como já mencionado, e também pelo próprio corpo que serve como “argumento simbólico” das diferenças entre gêneros. Para ele, “O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes” (2002, p.18). Tal esquema se aplica a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, que, por suas próprias diferenças

biológicas, justifica a naturalizada diferença socialmente construída entre os gêneros. Nas palavras do autor:

Dado o fato que é o princípio de visão social que constrói a diferença anatômica e que é esta diferença socialmente construída que se torna o fundamento e a caução aparentemente natural da visão social que a alicerça, caímos em uma relação circular que encerra o pensamento na evidência de relações de dominação inscritas ao mesmo tempo na objetividade, sob forma de divisões objetivas, e na subjetividade, sob forma de esquemas cognitivos que, organizados segundo essas divisões, organizam a percepção das divisões objetivas (BOURDIEU, 2002, p.16).

Quando esse esquema é reproduzido pelos dominados, acontece uma conformidade de pensamentos e percepções dentro dessa estrutura. Daí advém, por exemplo, relações de submissão ou de assujeitamento (BOURDIEU, 2002, p.22-23). No caso de estudo em questão, observa-se que as mulheres assumem, porque admitem – às vezes por falta de outras referências – o papel que lhes é imposto, incorporando nos seus modos de ser, estar e transitar no mundo atitudes que devem ser mantidas. Bourdieu exemplifica tal situação com as mulheres americanas e europeias, que têm determinados “imperativos como sorrir, baixar os olhos, aceitar as interrupções etc.”. As posturas corporais femininas, como sentar com as pernas fechadas, manter a coluna reta, dentre outras tantas, passam a ter um significado moral (2002, p.32-33).

O aprofundamento a respeito da submissão feminina demonstrado por Bourdieu, revelando uma ordem androcêntrica naturalizada, é importante neste trabalho, pois ele dialoga com o comportamento conservador dos papéis masculinos e femininos observados nas famílias das classes populares brasileiras. À mulher cabe, principalmente, gerenciar a casa e ao homem, ser o provedor da família (SARTI, 2010, p.61; ZALUAR, 2000, p.97).

Cabe à mulher, conforme explica Zaluar, principalmente o controle da comida, fazer com que renda, que haja comida para todos, evitar desperdício e fazer com que o dinheiro seja suficiente para passarem até a próxima entrada de dinheiro. A própria escolha da comida que será servida para dar força ao homem para que possa trabalhar, principalmente relacionado ao feijão, o alimento que sustenta (ZALUAR, 2000, p.108).

Estes papéis fortemente demarcados continuam a prevalecer mesmo com a recente mudança de paradigma¹⁰ com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, possibilidades de contracepção e as dificuldades de os homens se estabelecerem financeiramente, como é demandado socialmente. Além disso, o gerenciamento da casa é destinado principalmente à mulher o papel de manutenção de reprodução dos valores morais da família (SARTI, 2000, p.19).

Se ao pai cabe a função de provedor principal, à mãe cabem, além do trabalho doméstico, as importantes funções de gerência da casa e de responsável pela socialização das crianças. “É a mãe que dá a moral”, “minha mãe me ensinou a não roubar” são frases comuns ouvidas nas classes populares, onde não falta também outra frase não tão comum, mas que pode ser ouvida nas respostas ásperas que as relações de mando provocam entre eles: “você não é minha mãe para mandar em mim” (ZALUAR, 2000, p.97).

Zaluar, em seu estudo, detectou em seus levantamentos de dados que dentro da organização das famílias de segmentos populares ocorre a chamada “matrifocalidade”¹¹, termo que remete a um conceito em torno da vantagem crucial das mulheres dentro do espaço doméstico (2000, p.97). A matrifocalidade revela-se através de relações mais estreitas entre mães e filhos do que com o pai: a mãe mantém a decisão de compra de itens, desde a própria casa até alimentação, vestuário e todas as compras necessárias a casa. Como a mulher detém essas decisões mantém seu papel reforçado pelas “manifestações culturais e religiosas que destacam o papel feminino” (SCOTT, 1990, p. 39).

Segundo Scott, a característica da matrifocalidade predomina nas populações pobres residentes na cidade do Recife. O termo não se confunde, no entanto, com “chefia feminina”, sendo ideias distintas, embora possa ser observada uma maior incidência de lares com características matrifocais¹² em locais com maior incidência de chefia feminina Além disso, deve se ter clara a

¹⁰ Silva relata que as mulheres de classe média passaram a trabalhar fora de casa a partir das casas de 1920 e 1930 no setor de serviço e comércio, enquanto que as mais pobres trabalhavam nas fábricas e serviço doméstico (SILVA, 1998).

¹¹ Na matrifocalidade “a figura do pai é distante, pouco íntima, em alguns casos transitória e “substituível”, ao contrário da mãe que centraliza diversas atividades mantenedoras da sociabilidade da casa” (ZALUAR, 2000, p. 97-98).

¹² Na chefia feminina da casa, a mulher é responsável pela subsistência material, tendo que trabalhar fora para garantir a sobrevivência da família. Enquanto na matrifocalidade o papel feminino recebe destaque por funções que valorizam a mulher pelo tipo de relação forte estabelecida com os filhos, como o estabelecimento de vínculos afetivos e relacionais com pessoas fora do grupo (SCOTT, 1990, p.93).

“coexistência de ‘normas patriarcais’ e práticas ‘matrifocais’” (SCOTT, 1990, p.39).

Apesar da matrifocalidade ser observada em diversos segmentos sociais, é comumente mais intensificada em setores populares, pela ausência de heranças materiais, o que reforça o posicionamento da mãe, axial na formação das relações familiares no grupo doméstico. Para Scott,

[...] não havendo propriedade nem herança substancial para a manutenção de um status privilegiado, o papel de mãe destaca-se e torna-se o eixo da formação das relações familiares do grupo doméstico (1990, p.30).

Na constituição da família, espera-se um apoio afetivo por parte das mulheres e um aporte de dinheiro dos homens, mas este, muitas vezes não é realizado pela instabilidade financeira. Inclusive, essa constatação pode estar relacionada à troca, por vezes rotineira, de companheiros e à realização de uniões menos estáveis. Em muitos casos, inclusive, as relações com os filhos passam a ser temporárias, sendo estes criados por outros parentes (SCOTT, 1990, p.39).

Zaluar observa que a figura paterna destoa da figura da mãe que é a grande responsável pelo estabelecimento das relações do grupo, pela transmissão de valores morais e também por ser a responsável por afastar o grupo da miséria através do gerenciamento do orçamento doméstico (2000, p.97-98). A família matrifocal tem no pai uma figura às vezes substituível e da mãe uma importância crucial.

O não cumprimento desse papel da família aparece como aponta Zaluar, como “desorganização” (aspas da autora), quando a mãe não consegue cumprir esse papel pela necessidade de trabalhar fora para sobrevivência se apresentando como a chefe da casa. Os filhos mais novos passam a ser cuidados pelos mais velhos para que a mulher consiga ganhar o sustento da família (ZALUAR, p.98).

A ocorrência da matrifocalidade é mais bem entendida se houver uma contextualização do espaço da casa, que estabelece pelo seu significado os papéis a serem desempenhados desde o início da família, já que este é um espaço vivenciado de formas distintas por homens e mulheres (SARTI, 2010, p.62; SCOTT, 1990, p.41). Na matrifocalidade uma série de relações são

estabelecidas a partir do núcleo doméstico valorizando o lado feminino do grupo, mesmo contando com a presença dos homens (SCOTT, p.39).

Este aspecto observa-se a partir do estabelecimento de relações mais fortes pela mãe do que pelo lado paterno. A mulher, além de responder pela transmissão de valores e estabelecer as ligações com os filhos em relação a outros parentes como já mencionado, é responsável por escolher a casa aonde a família vai morar, estabelecer a organização da casa, visitas. “[...] todos mais fortes pelo lado feminino, e também na provável existência de manifestações culturais e religiosas que destacam o papel feminino” (SCOTT, p.39).

Tais aspectos são reforçados pela “casa”, componente que fundamenta a própria identidade feminina de dona de casa e de mãe. Para os homens é uma referência de posse e controle. As ideias de Scott corroboram as afirmações acima:

A diferença que “a casa” assume nas estratégias femininas e masculinas pode ser tentativamente descrita. Da mulher, espera-se que esteja ativamente controlando sua casa, e do homem que possa apresentar sua casa como já sob “controle” ou “resolvida”. Isto é reconhecido pela terminologia popular segundo a qual “a casa é do Seu João, mas quem administra é a Dona Maria” (1990, p.41).

O próprio início do relacionamento já demonstra diferenças de propósitos futuros. A mulher na juventude procura um homem com possibilidades de estabelecer uma casa enquanto o homem tem objetivos imediatos que podem ou não se transformar num compromisso futuro (SCOTT, 1990, p.46). Ainda que contemplem estratégias diversas, a concepção da família tem como pressuposto a casa confirmado pelo ditado popular “quem casa, quer casa” (SARTI, 2004, p.62).

O estabelecimento de uma casa traz um aspecto simbólico fundamental para a identidade feminina e é normalmente relacionado a um homem que a represente. A própria casa passa a ser um referencial moral para a mulher, já que as representações femininas ligadas à rua são negativas¹³. Do homem é exigido o controle sobre a casa e sobre a mulher¹⁴ (SCOTT, 1990, p.41). Como

¹³ Scott relata as diversas denominações negativas atribuídas às mulheres que estão fora do espaço doméstico. “Não é à toa que, das 19 expressões qualificantes de ‘mulher’ no dicionário conhecido como Aurélio (Ferreira, 1975), dezesseis são definidoras dela como ‘meretriz’ e fora do espaço doméstico” (Scott, 2010).

¹⁴ Scott explica que os piores insultos aos homens são relativos à falta de controle sobre a mulher com expressões como “corno” e “filho da puta”.

a casa e a mulher estão contidas na família, então, o homem, hierarquicamente, é o chefe da família enquanto a mulher é a chefe da casa (SARTI, 2010, p.63). De acordo, com Scott,

Juntar-se envolve muito mais do que o estabelecimento de uma reputação e a realização da vida sexual. Ter a própria casa para cuidar é excepcionalmente importante. O ditado popular que afirma quem casa quer casa. O espaço físico separado, seja ele próximo à casa dos pais ou longe, identifica o casal como unidade separada. Identifica um local não contestado onde a mulher pode organizar seu trabalho e seu tempo, tanto de acordo com exigências próprias como de acordo com as relações estabelecidas entre ela e o marido. A não interferência das gerações superiores, a mãe e especialmente a sogra, marcam um passo importante que o espaço físico providencia à mulher (2010, p.44).

O antropólogo Damatta analisou as oposições existentes entre esses dois espaços, observando que as camadas populares “tenderiam a usar como fonte para sua visão de mundo a linguagem da casa”, por este ser “humilde” e “equilibrado”, numa disposição a naturalizar as relações sociais. Para o autor, o ponto de vista popular raramente avaliza os eventos como históricos ou construídos, mas através de uma ótica “cósmica, amoral e dada por Deus” (1997, p.49).

A casa é o espaço destinado à família, concebida como natural, onde os traços de hereditariedade e “sangue” são valorizados pela cultura. “Trata-se de um discurso poderosamente implicado na natureza e na premissa de que essa natureza independe de condições sociais [...]” (DAMATTA, 1997, p.56). Os laços de sangue e a força da “natureza” dos filhos legítimos são bastante valorizados nas famílias mais pobres com, as quais, muitas vezes por situações de fragilidade e instabilidade, têm as crianças criadas por outros parentes da família ampliada principalmente pelas avós (SARTI, 2010, p.81).

Esta “casa”, espaço físico e também sinônimo da constituição de uma família, é parte de um padrão culturalmente normativo a ser seguido, embora inúmeros novos arranjos possam ocorrer no cotidiano. Como exemplo, tomam-se casos de “continuidade” com laços da família ampliada, sobretudo por ações realizadas pelo homem, pelo lado masculino no início do casamento, já que cabe ao homem o papel de provedor. Como as separações são muito comuns nas classes populares, frequentemente ocorridas por expectativas frustradas

do papel masculino, as mulheres muitas vezes contam com a ajuda da rede ampliada do seu lado de parentesco (SARTI, 2010, p.65; ZALUAR, p.97).

O caso dos lares monoparentais em que as mulheres são as chefes das famílias têm recebido atenção por parte de pesquisadores. A questão da mulher no papel fundamental de mantenedora do domicílio como reprodução da força de trabalho e a desvantagem financeira dos lares chefiados pelo lado feminino, reforçam a ideia do modelo nuclear de família. A desvantagem financeira é ainda maior nas famílias monoparentariais chefiadas por mulheres, já que a guarda dos filhos em caso de separação é geralmente atribuída às mulheres (BARROSO, 1978).

Em relação à participação das mulheres na renda doméstica, apesar da entrada no mercado de trabalho ter aumentado e as diferenças salariais tenham diminuído¹⁵, os lares, com chefia compartilhada ou que tem o homem como chefe, possuem uma renda maior do que observado em lares chefiados por mulheres (SCOTT, 1990, p.42).

A predominância é que a mulher pode exercer a chefia da casa, mas algumas vezes conta com um algum parente masculino próximo, como pai ou irmão, que assume simbolicamente o papel hierárquico do homem. Pesquisas comprovam que os lares chefiados por mulheres são mais empobrecidos que os chefiados por homens, e tal resultado reforça a ideia de que o principal papel do masculino é justamente ser o provedor da família (SCOTT, 1990, p.42).

No que diz respeito às práticas do consumo e do orçamento doméstico que as viabilizam, faz parte do papel feminino a administração das despesas da casa. A “boa” dona de casa é aquela que faz com o dinheiro renda. Além disso, a literatura especializada aponta que outra questão a ser considerada no papel masculino além de provedor, é a de autoridade dessa família, desempenho que muito dificilmente exerce fora de casa, no espaço da rua.

O espaço da casa e da rua no Brasil, “esferas de significação social”, são sexualmente motivados (DAMATTA, 1997, p.52). A casa é o espaço onde há segurança e neste sentido está em oposição ao espaço fora das casas onde

¹⁵ De acordo com dados do IBGE em 2002 a participação das mulheres no mercado alcançou 50% dos lares e a diferença salarial entre homens e mulheres atinge 30%. (MADALOZZO, MARTINS, SHIRATORI, Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres têm condições iguais? Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 2010).

vigora outros critérios: do individualismo e da impessoalidade diante das leis e do mercado.

Se a casa nos acena com uma absoluta tranquilidade e segurança, se nela somos supercidadãos com todos os direitos e nenhum dever, na rua tendemos a nos definir ao contrário. Ali somos minicidadãos com todos os deveres e sem nenhum direito (DAMATTA, 1997, p.150).

E em se tratando dos papéis vivenciados no espaço da “casa” reforça-se, no formato da família popular, o homem como provedor e a mulher gerenciadora. Zaluar também trata deste mesmo aspecto de controle do orçamento pelo lado feminino, defendendo que uma das funções da mulher é não deixar “faltar comida em casa”, sendo que sua ação está quase sempre subordinada à do masculino, que, como dissemos, deve cumprir o seu papel social de “botar comida dentro de casa”, sendo que a alimentação tem importância fundamental dentro da hierarquia do consumo como iremos tratar posteriormente (ZALUAR, 2000, p.100).

Essa referência moral que a família pobre representa para seus integrantes é permeada de permanências e ressignificações. Ao refletir sobre o espaço físico pertencente às famílias, percebe-se a importância de considerar que o universo moral dá sentido às relações estabelecidas nas práticas de consumo de seus membros. Desde a casa em que a família deve morar, iniciando assim um novo núcleo familiar. Já na constituição se evidencia uma formação pré-estabelecida, se o homem é o chefe da família, logo ele tem a obrigação moral de conseguir uma casa que será governada pela mulher (SARTI, 2010).

Em nosso levantamento de dados de pesquisa bibliográfica, como aqui se apresenta para organizar nossa argumentação e para o cumprimento dos objetivos, discutimos também a temática da alimentação, pois esta, apesar de ser uma necessidade básica, reflete o caráter de continuidade, de vínculo e de solidariedade do grupo (CÂNDIDO, 2010, p.33).

Os meios de subsistência de um grupo não podem ser compreendidos separadamente do conjunto das “reações culturais”, desenvolvidas sob o estímulo das “necessidades básicas”. Em nenhuma outra parte vemos isto melhor que na alimentação, que é o recurso vital por excelência (CÂNDIDO, p.33).

Cabem aqui as considerações de Zaluar sobre as famílias de baixa renda que associam a pobreza a uma preocupação com uma possível falta de comida e, em decorrência, o esforço realizado para fazer a comida render até o final do mês. A comida também serve para balizar a própria situação em relação aos mais pobres que chegam a passar fome e aos mais ricos, com condição de variedade dos alimentos. Pensar na alimentação dentro deste universo em questão é pensar também na lógica que domina as relações, tendo a mulher o papel crucial de determinar o que se come (ZALUAR, p.107).

Este universo moral, muito fundamentado na diferença e desigualdade de gênero, engendra uma espécie de “roteiro” com papéis socialmente definidos para as relações familiares, tendo impacto imediato também em outras práticas sociais. Quando há, por exemplo, rompimento da família nuclear, em caso de morte do cônjuge, separação, ou até mesmo devido à sua não formação, há necessidade de restituir a esta família o lugar do pai (ou do homem).

Ou seja, em caso de rompimento familiar, muitas vezes busca-se dar mais legitimidade ao grupo através da transferência da figura paterna para outro homem da família, como irmão ou avô. No entanto, esse deslocamento de papéis não se configura como uma nova estrutura, mas sim a reafirmação da estrutura estabelecida através da ordem moral estabelecida, onde o homem é o chefe. Isto porque há um enfraquecimento da família em sua configuração (SARTI, 2010, p.70).

O trabalho é concebido como parte complementar das atribuições familiares, já que ele só faz sentido quando pensado para a viabilização do grupo (SARTI, 2010, p.95). Ou seja, fora do âmbito familiar, o trabalho perde grande parte do seu significado, já que se desvincula dos papéis exercidos na família. As relações familiares marcam o sujeito fora do espaço doméstico, o trabalho traz o seu fundamento para dentro da casa, reforçando estes papéis. Souza atenta para uma característica peculiar da família popular em relação ao trabalho, qual seja, a de reciprocidade. Nessas relações de reciprocidade, o coletivo é privilegiado em relação ao individual (SOUZA, 2012, p.134).

A reciprocidade é vivenciada na família no sentido do aprendizado prático com estratégias que possibilitem aos sujeitos do grupo adequar-se às

exigências do mercado. Ela se baseia na colaboração “mútua entre os membros da família e, portanto, de uma parcela de sacrifício das vontades individuais em favor da sobrevivência do grupo como um todo e cada um em particular” (SOUZA, 2012, p.146).

Como podemos perceber nas trajetórias, as relações familiares são suportes, base produtiva e econômica dos batalhadores. Sem as relações familiares, essa classe é impossibilitada de se manter no mercado [...] Ou seja, o circuito de reciprocidade é a condição de possibilidade para a sobrevivência dos batalhadores como classe trabalhadora. É uma estratégia moderna de reprodução e manutenção da classe, uma vez que em concórdia com o novo modo de acumulação capitalista, no qual a produção passa a ser cada vez mais em pequena escala, e os gastos com o controle do trabalho tendem a ser eliminados. [...] (SOUZA, 2012, p.147).

A reciprocidade perpassa o sentido da moralidade, já que vigora um “interesse desinteressado” no outro com princípios que são repassados para as crianças através de exemplos, dos conselhos e das histórias das famílias, valorizando sempre o grupo como um todo em detrimento do favorecimento individual. Souza completa o seu argumento com o “preconceito de classe”, afirmando que as relações nas famílias pobres são de fato o contrário de instrumentalidade do outro, como vigora no discurso das elites dominantes e reforçado na mídia (SOUZA, 2012, p.148).

A importância do trabalho para a mulher se volta com predominância para o ambiente doméstico, uma vez que as responsabilidades da casa passam também por um crivo de moralidade. Ser uma “boa” dona de casa é simbolicamente parte do feminino, do ser mulher e diz respeito à dignidade (SARTI, 2010, p.99).

“Trabalhar fora” não é uma novidade para as mulheres das classes populares e não altera o formato hierárquico das famílias pobres. É importante ressaltar que no tocante ao trabalho, a mulher e os jovens ocupam um espaço secundário na relação da atividade remunerada na hierarquia da família (SARTI, 2010, p.99).

A tentativa de compreender este universo moral está associada à perspectiva de compreender os aspectos simbólicos relativos às escolhas dos sujeitos. As práticas de consumo vinculam-se a este processo, uma vez que a sua análise pressupõe sua inscrição em um determinado contexto e em um sujeito determinado. Os lugares de homem, de mulher, das crianças, dos

vizinhos, dos parentes, do trabalho, etc. implicam em modos de expressão deste universo.

O argumento apresentado consolida o fato de que nem sempre a construção moral ou a simbólica em relação à família e aos papéis sociais exercidos pelos sujeitos e entre os sujeitos corresponde à realidade concreta daquele grupo. Se o homem se apresenta como “chefe da família” e a mulher como “chefe da casa”, isto não implica que a tal autoridade ou delimitação seja real, da ordem do “concreto”. Sarti, inclusive, defende que muitas das relações ganham sentido apenas quando percebidas ou analisadas pelo seu potencial explicativo na ordem do simbólico. Exemplo disto está relacionado ao universo da renda e trabalho, caros a este estudo, uma vez que se apresentam diretamente vinculados às práticas de consumo.

Este universo familiar está inserido em uma classe social, que sofreu uma recente modificação, principalmente no tocante ao consumo, merecendo atenção tanto da academia como do mercado. Conhecê-la é importante para caracterizar e ampliar o debate sobre o consumo, como no caso desta pesquisa, que versa sobre o consumo de tecnologias da informação e da comunicação, como a Internet, já que a ampliação do seu acesso é em grande parte decorrente dessas mudanças.

1.2 Família e classe social: reflexões a partir das alterações de renda e consumo

As reflexões sobre a organização dos núcleos familiares nos permitem ampliar a análise das práticas de consumo de segmentos populares para além do simples acesso a produtos e serviços, mas compreendê-las dentro de uma perspectiva muito mais complexa que envolve os elementos de pertencimento e construção da identidade. Ao buscar analisar as práticas de consumo das famílias da Comunidade do Bode, com ênfase no consumo de TICs, consideramos que estas refletem suas representações sociais, suas vinculações como membro de uma determinada classe social.

Dentro dessa abordagem, é necessária uma discussão sobre o mais recente termo utilizado pela mídia e pelas pesquisas de mercado para designar

as famílias pobres ou trabalhadoras: “nova classe média brasileira”, o que pode ser aplicado às famílias da Comunidade do Bode.

O fenômeno diz respeito a uma certa “emergência” das classes populares, principalmente pelo acesso à renda, através do trabalho, de programas de transferência de renda como o Bolsa Família e a ampliação de seu potencial de consumo¹⁶. Por outro lado, este é um fenômeno em disputa. Há amplo debate sobre o conceito “Nova Classe Média”, fundamentado sob perspectivas de compreensão do significado e abrangência do conceito de classe social. O debate, aqui, será organizado e conduzido a partir da obra de autores tais como Chauí, Souza e Neri.

As representações das classes populares pelas Ciências Sociais têm sido alvo de amplas discussões acadêmicas que analisam a sociedade através de referenciais marxistas, como as apresentadas pela filósofa Chauí. Na perspectiva marxista defendida por Chauí, o argumento toma o sentido do surgimento de uma “classe trabalhadora” e não de uma nova classe média, já que este termo pressupõe uma configuração distinta da presenciada até o momento na sociedade brasileira (CHAUÍ, 2013).

Segundo Chauí, a partir de 2002, no governo do então presidente Lula, de fato ocorreram alterações na sociedade brasileira que resultaram no surgimento de uma suposta “nova classe média”. Essa visão foi sustentada pela observação do crescimento substancial da chamada classe C, que tinha passado de 65 milhões para 105,4 milhões de sujeitos, representando, portanto, a maioria da população brasileira no período entre 2003 e 2012 (CHAUÍ, 2013, p.128). Tais números são extremamente significativos, considerando-se as barreiras à mobilidade de classe em uma sociedade como a brasileira, alicerçada fundamentalmente pela desigualdade e pela concentração de poder e riqueza em apenas um segmento da população.

Esta camada da população considerada por alguns como “emergente” começa a ser chamada de “Nova Classe Média”, já que passou a fazer parte

¹⁶ Os dados apresentados, com base nos dados censitários, bem como de outras pesquisas realizadas por amostragem, revelam melhorias significativas quanto à qualidade de vida em geral, com o aumento da renda, melhoria do coeficiente educacional, do consumo de alimentos e bens duráveis dentre outras. Apontam também para possíveis efeitos relacionados a uma ampliação da autonomia das famílias, principalmente no tocante às mulheres (PAIVA ET AL, 2010).

da classe C, segundo critérios utilizados pela pesquisa de mercado.¹⁷ Segundo esta classificação, também havia alteração das classes D e E, que diminuíram de 96,2 milhões para 63,5 milhões, e das classes A e B, que aumentaram em número absoluto de 13,3 milhões para 22,5 milhões de pessoas.

Sobre a expressão “classe média”, está é utilizada nos Estados Unidos que, por sua vez, consideram critérios semelhantes aos adotados pela pesquisa de mercado no Brasil, com referência para o padrão de definição de renda, escolaridade e itens de consumo, ou seja, a pirâmide de classes A, B, C, D e E. Essa é a abordagem utilizada pelos que defendem a utilização do conceito para o caso brasileiro, a exemplo do economista Neri (CHAUÍ, 2013, p.128).

O sociólogo Souza é um severo crítico desta visão de reflexão sob uma perspectiva economicista, pois não considera este grupo como uma “Nova Classe Média”. Apesar de reconhecer que estes estudos trazem dados estatísticos sérios e bem fundamentados, considera que seria necessária à compreensão do fenômeno, uma análise conceitual mais aprofundada, como a efetuada por Chauí. Por isso, sugere “incluir tudo aquilo que passa a ser decisivo para assegurar o acesso privilegiado a todos os bens e recursos escassos em disputa na competição social” (SOUZA, 2013, p.55).

Na perspectiva de Chauí (2013) há uma incorreção em considerar este grupo que amplia seu acesso à renda através do trabalho, de programas de transferência de renda como o Bolsa Família, etc, como nova classe social, ou, como “nova classe média”. Fundamenta a compreensão que teríamos tido o surgimento de uma nova “classe trabalhadora” reflexo das transformações, impulsionadas por ações de emprego e renda após o período de crise pelo qual passou o país. Essas mudanças ocorreram, sobretudo através de políticas de geração de emprego, da elevação do salário mínimo e de programas voltados para a população rural, evitando a migração para os grandes centros urbanos (CHAUÍ, 2013, p.129).

¹⁷ Os critérios de classificação socioeconômica definem as classes sociais em A, B1, B2, C1, C2, D e E a partir da posse de bens de consumo, acesso a serviços públicos, a renda e a escolaridade, considerando as nove regiões metropolitanas brasileira: Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Salvador, Recife e Fortaleza (Fonte: ABEP – Associação Brasileira de Pesquisa de Mercado).

Trata-se, sim, de um fenômeno que modifica as possibilidades até então existentes para um significativo segmento da população, o que dá a perspectiva de que teria uma nova classe, como esclarece Chauí, mas que deve ser analisado dentro de uma conceituação marxista, a partir da ampliação ou mudança da classe trabalhadora, considerando o modo capitalista de produção.

A autora é bastante incisiva ao afirmar que a correta análise deste fenômeno passa por compreendê-la não como “classe média”, isso porque não houve mudança em termos da classe dominante, que permanece proprietária dos meios sociais de produção. Este novo segmento, alicerçado no trabalho, mesmo quando na informalidade, resguarda as características da classe trabalhadora que vende a sua força de trabalho e ampliando suas possibilidades de obtenção de renda amplia seu acesso a bens de consumo e a crédito.

Neri, no livro *A Nova Classe Média: o lado mais brilhante da pirâmide*, parte da análise do aumento da renda das famílias (considerando a quantidade de pessoas na unidade familiar) como ponto central para discutir sobre essas alterações na vida da “Nova Classe Média”. Além disso, trata o potencial de consumo das pessoas, o quanto conseguem manter-se neste padrão de consumo e as expectativas para o futuro como variáveis determinantes para classificar essa fatia de população que migra de uma faixa de renda para outra no Brasil (NERI, 2011).

Essa visão econômica é mensurada a partir da renda *per capita* acrescida do seu potencial de consumo. Ou seja, considera-se não apenas a posse de bens duráveis presentes nos lares, mas também a obtenção de renda, observada através do aumento de empregos fixos e da “capacidade de se manter, de fato, neste padrão de vida” ao longo do tempo (NERI, 2011).

O tamanho do bolo brasileiro está crescendo mais rápido e com mais fermento entre os mais pobres. O Brasil está prestes a atingir o seu menor nível de desigualdade de renda desde registros iniciados em 1960. Na verdade, a desigualdade no Brasil permanece entre as dez maiores do mundo, e levaria 30 anos no atual ritmo de crescimento para atingir níveis dos Estados Unidos; porém, isso significa que existem consideráveis reservas de crescimento pró-pobres, que só começaram a serem exploradas na década passada (NERI, 2010, p.11).

Todo o argumento da análise de Neri é baseado em análises do aumento da renda per capita da classe C, a qual ele denomina *Nova Classe Média*. Trata em números absolutos o montante de pessoas que somadas tem um poder de compra maior que as chamadas classes A/B, conferindo por isso um poder “dominante” inclusive em questões políticas, já que correspondem a 50,5% da população, podendo determinar um segundo turno eleitoral.

Esse aumento de renda verificado nos extratos mais pobres da população é explicado a partir do trabalho, muito mais que do aumento de renda através de programas sociais e do recebimento de aposentadorias indexadas a partir do salário mínimo. Para Neri, “O incremento médio de 4,61% ao ano da renda trabalhista por brasileiro, que corresponde a 76% da renda média percebida pelo brasileiro, confere uma base de sustentabilidade nas condições de vida [...]” (2010, p.15).

Nesta reflexão, para Souza (2013), o acesso privilegiado de parte da população aos bens sociais e culturais, bem como a permanência da concentração de poder e da posse dos meios de produção são, para o sociólogo, aspectos fundamentais para a reflexão deste fenômeno. Souza também critica a análise marxiana já que considera que esta também restringe a análise da sociedade através do conceito de “capital econômico”.

Para ele, há uma clara limitação em analisar somente os aspectos relativos ao consumo e à renda. Para o autor, o conceito de “capital cultural”, defendido por Bourdieu, pode ser um ponto de tensionamento entre a capacidade explicativa da renda e o consumo nesta questão. O capital cultural é um conceito abrangente que vai além da educação obtida na escola, referindo-se a tudo aquilo que os sujeitos se dispõem a aprender tanto no meio social quanto educacional formal (SOUZA, 2013. p. 58).

Ainda de acordo com Souza, é através do capital cultural que é formada uma série de comportamentos e ações irrefletidas que são inculcadas na sociedade reiterada e progressivamente. Assim, filhos de pais com mais recursos financeiros recebem “naturalmente” estímulos de ordem emocional e afetiva, fazendo com que tenham como grande probabilidade o sucesso na vida econômica e acadêmica. São levados desde muito cedo a acreditar que

têm mais facilidade para os estudos, chegando à escola e depois ao mercado de trabalho já como “vencedores” (SOUZA, 2013. p.59).

A importância do capital cultural¹⁸ é crucial também para as camadas com mais recursos econômicos que precisam criar constantemente novos mecanismos que reafirmem a manutenção de sua posição social, dando suporte às suas ações. Não é admissível socialmente um rico que não se comporte como tal. Ainda há a diferença do capital social adquirido nas próprias instituições, que molda as relações, onde nascem as uniões de todas as espécies, desde o casamento até amizades e onde a “reprodução dos direitos de propriedade é tão decisiva” (SOUZA, 2013, p.59).

Souza reforça a ideia de que os dados estatísticos são um meio para a interpretação, mas que, no entanto, há um sentido que vai além das conquistas materiais que se manifesta no cotidiano destas famílias e sujeitos, na forma como estes se relacionam com o trabalho, com o consumo e com o futuro. Há um universo a ser revelado que não pode ser comportado no recorte limitado à renda e ao consumo.

Para o autor, as classes populares se apoiam muitas vezes em um sentido sobrenatural, divino, que reforça constantemente a esperança de uma vida melhor, atribuindo essa transformação a uma entidade externa, a um outro. Essas classes constroem uma “subjetividade densa, digna da vida retratada na cultura romântica popular mundial.” Estes aspectos são entendidos por Souza, dado o crescimento deste segmento, como uma grande força revolucionária dos dias atuais, junto com as doutrinas do liberalismo e socialismo (SOUZA, 2012).

Assim, o sentido da expressão “Nova Classe Média” é ampliado. Ultrapassando as variáveis econômicas, que se traduzem a partir do considerável acesso à renda, há um sentido mais abrangente de reflexão sobre a gênese das classes sociais, pois são considerados vários aspectos, como os culturais, de formação e também os de reprodução no futuro. Para Souza, este grupo marcado pela venda da força de trabalho, não se caracteriza como uma “Nova Classe Média”, mas sim como classe de trabalhadores, ou, como

¹⁸ O capital cultural refere à forma de conhecimento escolar e técnico, além de outras condições imateriais transmitidas no cotidiano como o jeito de falar e se comportar e que se incorporam nos sujeitos como naturalizadas (SOUZA, 2012, p.24).

denomina o autor, de “batalhadores brasileiros”, pessoas que estão dispostas a trabalhar arduamente por sua autonomia e, assim, sair da condição de ralé (SOUZA, 2012).

Tratar os “batalhadores” como classe média seria colocar um país com enormes diferenças sociais no mesmo patamar das classes médias de países como Alemanha, França e Estados Unidos, que passaram por outros formatos de desenvolvimento do capitalismo e tiveram acesso após inúmeras lutas sociais, a outros capitais, além do financeiro, como capital cultural, por exemplo. De acordo com Souza,

Dizer que os Emergentes são a nova classe média é uma forma de dizer, na verdade, que o Brasil está se tornando uma Alemanha, uma França ou uns EUA, onde as classes médias e não os pobres, os trabalhadores e os excluídos, como na periferia do capitalismo, formam o fundamento da estrutura social (2012, p.20).

Ainda que os batalhadores sejam de fato um novo segmento social que adquiriu recentemente alguns dos privilégios antes exclusivos para as classes dominantes, dizem respeito muito mais a um novo formato de capitalismo que vigora no Brasil com um formato novo de produzir mercadorias e gerir trabalho e com um “espírito” novo, que torna aceitáveis as características deste sistema econômico financeiro¹⁹.

Esse aumento de renda verificado nos extratos mais pobres da população é explicado a partir do trabalho, muito mais que do aumento de renda através de programas sociais como o Programa Bolsa Família e do recebimento de aposentadorias indexadas a partir do salário mínimo. Para Neri, “O incremento médio de 4,61% ao ano da renda trabalhista por brasileiro, que corresponde a 76% da renda média percebida pelo brasileiro, confere uma base de sustentabilidade nas condições de vida [...]” (2010, p.15).

Cabe fazer algumas considerações a respeito do Programa Bolsa Família²⁰ que atinge hoje um quarto da população brasileira, atendendo 13,9 milhões de famílias. Em Recife, 137 mil famílias recebem o benefício numa

¹⁹ Jessé de Souza trata dos formatos anteriores no capitalismo, quais sejam o Fordismo e o Toyotismo, para esclarecer o formato deste sistema econômico vivenciado hoje no Brasil que abarcou em grande medida os “batalhadores”.

²⁰ <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/10/em-12-anos-bolsa-familia-retirou-36-milhoes-de-pessoas-da-pobreza-extrema> acesso em 08/02/2016.

Doravante vamos designar o Programa Bolsa Família através da sigla PBF.

população de 1.537.704²¹. Este programa teve início no Governo Lula em outubro de 2003, através da Medida Provisória nº 132, convertida na Lei nº 10.386 em 2004, com um foco prioritário em famílias em idade ativa com crianças, corporificando os programas condicionados de renda até então em vigor (PAIVA, FALCÃO e BARTHOLO, 2013).

O público prioritário, famílias em condições de pobreza e extrema pobreza, foi identificado através de recortes de renda. Para a concessão do benefício, considerou-se como famílias pobres aquelas com renda familiar per capita mensal entre R\$77 e R\$154,00, e as extremamente pobres com renda familiar per capita mensal abaixo de R\$77,00.

O recurso do PBF permanece fundamental no orçamento, seja devido à inserção instável dos seus indivíduos no mercado de trabalho, seja pela possibilidade de se desenvolver alguns projetos através da composição de renda, por exemplo, adquirir um bem de consumo, ou custear algum tipo de ação. “Poder contar com” um ingresso fixo de dinheiro configura-se como um diferencial dentro do orçamento doméstico, permitindo inclusive o crédito. Situação nova, principalmente para muitas mulheres (REGO & PINZANI, 2013).

Embora ocorram nítidos avanços sociais, o PBF continua a ter que enfrentar preconceitos “advindos de uma cultura conservadora predominante em nossa sociedade, pois prevalece a crença de que nada pode ser “dado de graça”” como observa Cohn no artigo “Desafios de uma trajetória de êxito: dez anos do PBF”. Desse ponto de vista, as condicionalidades relativas à saúde e educação adquirem uma enorme importância por serem de rápida assimilação já que fazem parte do cotidiano das famílias (COHN, 2013, p.461).

As questões suscitadas sobre uma “Nova Classe Média” ou classe trabalhadora têm enorme repercussão, pois através do aumento de consumo e de poder aquisitivo representou uma melhoria da autoestima já que anteriormente até o básico da alimentação era difícil. Também trata de uma caracterização da classe trabalhadora, identificada principalmente através da posse de eletrodomésticos e eletrônicos.

21

http://www.recife.pe.gov.br/2011/08/02/divulgada_lista_de_beneficiarios_do_bolsa_familia_177_978.php acesso em 08/02/2016

CAPÍTULO 2. PRÁTICAS DE CONSUMO POPULAR E INTERNET

Neste capítulo o objetivo é discutir elementos importantes a respeito de como as classes populares passaram a se relacionar com o consumo, principalmente voltado a bens duráveis e serviços nas últimas duas décadas a partir das alterações pautadas tanto por políticas públicas, principalmente às voltadas para o microcrédito, quanto às mudanças institucionais em relação ao consumo das classes populares.

O intuito é compreender como as práticas de consumo populares estão engendradas e o que significou os gastos principalmente com eletroeletrônicos para famílias em escassez. O consumo de bens duráveis significa também a não compra de outros produtos como assinala Yaccoub (2011). E esta escolha implica mais que proporcionar conforto, significa antes de tudo a expressão material do amor e da dedicação é moralmente aceita como fica claro na teoria de consumo desenvolvida por Miller e que será abordada na sequência.

O que fica evidenciado é que a cultura material percebida muitas vezes por um viés preconceituoso principalmente em se tratando das escolhas das compras de setores populares, sugerindo desperdício e falta de racionalidade nos gastos. Na prática, o consumo é o reflexo da forma de interação entre os familiares. Passa a fazer sentido quando uma dona de casa projeta para seus filhos acesso à informação e compra um celular de última geração com acesso à internet. É a lógica destas compras que veremos em seguida.

As famílias de segmentos populares passaram por uma importante alteração nas suas práticas de consumo a partir das políticas de crédito que passaram a vigorar nas últimas duas décadas. Esta mudança foi impulsionada por um “esforço institucional” de empresas, governo, banco e mídia incentivando o consumo das famílias (BARBOTIN E RETONDAR, 2014). Teve como reflexo novos arranjos relacionados ao orçamento das famílias das classes populares que visavam sobretudo adquirir bens de consumo duráveis.

As políticas de crédito ocorreram através da “financeirização” das famílias, termo que significa basicamente passar a existir para as instituições financeiras através de cartões de crédito, de lojas de varejo e de financeiras

que trabalham exclusivamente com empréstimos. Muitas famílias passaram a ter cartão da Caixa Econômica Federal (CEF) para a retirada do Bolsa Família e, a partir dessa entrada, começaram a receber cartões de outras instituições financeiras (REGO & PINZANI, p.200). As decorrências da financeirização são principalmente contar com o crédito para conseguir “fechar as contas” do mês e a possibilidade de adquirir bens móveis.

A chegada da financeirização parece ter alterado em grande medida o gerenciamento do orçamento doméstico, pois permite às famílias contarem com uma margem de cálculo maior para gastos, multiplicar os recursos disponíveis e, conseqüentemente os bens adquiridos e as despesas com os mesmos (SCIRÉ, 2012, p. 109).

Neste processo, o cartão de crédito possibilitou a compra principalmente de eletrodomésticos e eletrônicos com um dinheiro que existia apenas virtualmente, mas que passou a representar um adicional no orçamento, sendo necessário calcular a prestação que coubesse nos rendimentos das famílias. O cartão de crédito se configurou como um “dinamizador do processo de aquisição de bens” (SCIRÉ, 2012, p.111). Ou seja, as classes populares passaram a contar com um elemento financeiro que possibilitava o consumo, que trazia para estas famílias o benefício de ascender socialmente através dos bens.

O cartão de crédito passou a representar “dinheiro” para as famílias de baixa renda, conforme explica Sciré, embora normalmente os que possuem cartão de crédito “não conseguem equilibrar o que têm realmente de dinheiro disponível para gastar e o quanto realmente gastam”. Tratando-se de uma forma de “organização e gestão dos orçamentos” diferente das práticas configuradas anteriormente que previam juntar o dinheiro para realizar a compra. Essa nova forma de gestão ocasionou muitas vezes a postergação do pagamento já que a financeirização incluiu o parcelamento das dívidas e limites de um ou mais cartões (SCIRÉ, 2012, p.71-73).

A dificuldade com o gerenciamento das contas feitas através do cartão de crédito nas classes populares causou o endividamento das famílias, fenômeno que se tornou bastante comum. Com o recebimento de mais de um cartão e a “urgência” na aquisição dos produtos, resultou em um comprometimento maior da renda e na conseqüente perda do crédito.

Sciré trata sobre outra situação muito frequente nas casas de famílias de segmentos populares que se trata de efetuar crédito no nome de outra pessoa, como parentes, filhos ou até amigos. Os bancos e financeiras ampliam o crédito para os bons pagadores das parcelas, normalmente das compras realizadas em lojas de varejo. Este crédito é utilizado por outras pessoas que não completam o pagamento, o que ocasiona a dívida (SCIRÉ, 2012, p.68).

O empréstimo do cartão de crédito representa um valor moral observado nas classes populares dos melhores de vida cuidarem dos que estão situação mais precária ainda. “É um valor moral que estabelece uma obrigação entre aqueles que se encontram em melhor situação financeira para com os que estão em piores condições” (BARBOTIN & RETONDAR, 2014).

Apesar destas dificuldades com o gerenciamento dos cartões de crédito causando endividamento, a mudança de paradigma das famílias com a financeirização tinha um respaldo das empresas e da academia que passou a enxergar nas classes populares, um importante “filão” de negócios, comprovada academicamente com o autor indiano Prahalad que trata em demonstrar numericamente o potencial de compras das classes populares em países emergentes como Brasil, México e Índia (BARBOTIN & RETONDAR, 2014).

Para as classes populares o consumo representou uma mudança na própria perspectiva passando a existir para o mercado, recebendo atenção de importantes grupos de mercado e passando a ser visto como “consumidores” (YACCOUB, 2011). De um consumo extremamente restrito e básico, as classes populares passaram para a compra de eletrodomésticos com a chamada linha branca de geladeiras, micro-ondas e eletrônicos, principalmente celulares.

É importante salientar que as representações do consumo de bens duráveis para estas famílias se intensificou a partir dos anos 1990. Conforme comenta Yaccoub, esta compra é moralmente aceita já que significa zelo e cuidado com os integrantes da família, como ela mesma pode constatar em sua pesquisa de mestrado sobre os “gatos” de energia elétrica na periferia do Rio de Janeiro. Yaccoub conta que foi convidada para uma comemoração da “chegada” de uma geladeira, símbolo de conforto para a família, mas também

representação de todo o esforço e cuidado que aquela dona de casa dispensa com a própria família (YACCOUB, 2011, p.198-200).

Este aspecto dialoga com a linha de argumentação deste trabalho, no sentido que traz à tona o aspecto da moralidade quanto às práticas de consumo de segmentos populares como as mencionadas, tais como adesão em massa aos cartões de crédito, compras parceladas, endividamento, dentre outras. Ou seja, há um respaldo moral dentro destas ações pautado pelos vínculos estabelecidos nas famílias das classes populares e suas relações com os bens materiais.

Na abordagem teórica de Miller em *Teoria das Compras – o que orienta a escolha dos consumidores*, num estudo na zona Norte de Londres, o consumo é analisado como uma “devoção”, um “sacrifício” exercido de forma natural pelos responsáveis pelas compras, comparável ao sacrifício aos deuses realizados por uma família em outra época e local. Essa dimensão revela que o consumo trata da forma que as pessoas se relacionam e sobre como tratam de demonstrar materialmente o cuidado, o zelo e o carinho pelos familiares que estão sob sua responsabilidade, assim como recebem aprovação moral por agirem desta forma. “O comprar pode ser um substituto das relações sociais, mas, e esta é a minha sugestão, pode levar muito mais longe no que diz respeito à compreensão das relações sociais e suas nuances do que se poderia esperar” (MILLER, 2002, p.19-20).

Miller deixa claro que a teoria apresentada trata principalmente do que ele denomina de “abastecimento de rotina” que são realizados principalmente pelas donas de casa que entrevistou (MILLER, 2001, p.24). Não se trata de uma teoria que abrange todas as nuances do fenômeno, mas pode ser conferida com facilidade observando os gastos da família e a quem se direcionam. O que interessa particularmente a este estudo já que estamos tratando de como as práticas de consumo estão ligadas diretamente às relações estabelecidas entre os familiares.

A teoria proposta por Miller diz respeito ao consumo como “uma relação entre o comprador e outro indivíduo”, ou seja, em se tratando dos gastos efetuados numa família, os quais como vimos são normalmente efetuados pelas donas de casa, este ato não é “individualista” ou “individualizante”.

Acrescente a isso que o direcionamento dado pelas donas de casa em relação aos gastos vai além de suprir necessidades imediatas, tratando “dos valores aos quais as pessoas desejariam se dedicar”. Isto equivale a dizer que muitas vezes o objetivo das compras é influenciar positivamente aqueles para quem se está comprando (MILLER, 2001, p.27).

No caso específico desta Dissertação, a cultura material para o grupo em questão, qual seja famílias de classes populares, ocorre através da compra de produtos que antes eram apenas destinados para famílias de classe alta, como descreve Yaccoub:

[...] “milhares – talvez milhões de pessoas de camadas populares no Brasil possuem a crença e percepção de maná em determinados objetos (em sua maioria, eletroeletrônicos). A posse e uso desses bens têm uma consequência que vai além do bem-estar, estetização e sensação de conforto, é a percepção de um grupo, antes marginalizado, sendo visto e valorizado como consumidores em potencial. Para eles, o conforto é o passaporte para a entrada em um outro estrato social, com mais prestígio e valor (YACCOUB, 2011, p.200)”.

Prevalece a ideia de que estudar o consumo é relevante para a compreensão dos funcionamentos da sociedade através da cultura material como defende Miller em “Consumo como cultura material”. Neste artigo, o autor traz à tona algumas implicações em ver o consumo como um fenômeno analisado negativamente, encarado “[...] como um perigo, tanto para a sociedade quanto para o meio ambiente”. A razão para isso é que “consumir é usar algo, na realidade, destruir a própria cultura material” (MILLER, 2007, p. 34).

Neste debate teórico de Miller sobre a questão do consumo é reforçado o aspecto negativo do fenômeno, principalmente quando contraposto à produção. Como o próprio ato de consumir deflagra um fim e o termo “consumption” em Inglês significa término, relacionado com destruição e gastos dos recursos (MILLER, 2007, p.35). Para o autor, o tema é envolvido em um debate moral que não é percebido quando se trata sobre a produção de bens.

No tocante à produção acadêmica sobre consumo, Miller em “Pobreza da Moralidade” declara que os acadêmicos tratam este tema demonstrando as próprias posturas morais, em detrimento ao que de fato pode se constatar em relação aos benefícios “em termos de erradicação da pobreza, tais como

moradias adequadas, remédios baratos, roupas quentes e alimentos nutritivos” (MILLER, 2004, p.26).

Um dos estudos pioneiros no sentido da cultura material é *O Mundo dos Bens – para uma antropologia do consumo*, da antropóloga Douglas e do economista Isherwood. Na visão destes estudiosos, os bens cumprem uma função de expressão na sociedade, sendo a expressão material da mesma. Nesta perspectiva, o consumo também dá sentido e marca a passagem do tempo (ano, mês, semana, dia) e a comida, a moradia, as roupas são meios de discriminar valores. “Os bens são a parte visível da cultura” (DOUGLAS E ISHERWOOD, 2009, p.114). E mesmo aqueles que consomem sozinhos seguem um mesmo padrão de regras como se estivessem na coletividade. O consumo é um processo ativo em que todas as categorias sociais estão sendo continuamente redefinidas.

Um dos principais problemas da sociedade é estabelecer significados e fazer com que estes se estabilizem por algum tempo. Para isso, tanto nas sociedades tribais como na contemporaneidade, os rituais definem constituições públicas visíveis. “Viver sem rituais é viver sem significados claros e possivelmente sem memórias.” Os rituais necessitam de coisas materiais para existirem e quanto mais suntuosidade mais forte a intenção em estabelecer significados. “Os bens nessa perspectiva são acessórios rituais; o consumo é um processo ritual cuja função primária é dar sentido ao fluxo incompleto dos acontecimentos” (DOUGLAS E ISHERWOOD, 2004).

Nessa discussão, encontra-se também a abordagem de Baudrillard a partir do livro *A Sociedade do Consumo*, que traz um componente diferente nas relações humanas. Se antes os indivíduos estavam sempre rodeados de outros indivíduos, agora estão principalmente rodeados de bens materiais. E é através de uma abundância de bens materiais que os homens se expressam de modo a formar um sistema de signos que representam a si mesmos (BAUDRILLARD, 1995 p. 15).

A reflexão neste trabalho volta-se à análise sobre como esta compreensão apresentada por Baudrillard encontra correspondência nas relações estabelecidas nas classes subalternas ou populares. Sarti, na análise

sobre o universo moral dos pobres, aponta perspectiva em alguma medida distinta com relação à apresentada por Baudrillard.

Ao afirmar que a família pobre não tem uma configuração nuclear, mas sim de rede, o que inclui parentes e vizinhos que se ajudam e apoiam mutuamente na ausência de recursos suficientes e em virtude da capacidade limitada dos indivíduos pobres, Sarti apresenta uma perspectiva que ultrapassa, ou não apresenta ênfase nos objetos, como afirma, diferentemente, Baudrillard. Para o autor, a civilização moderna vive o “tempo dos objetos”, no qual os indivíduos existem acompanhando o nascimento e morte dos objetos, diferentemente das civilizações anteriores nas quais “eram os objetos, instrumentos ou monumentos perenes que sobreviviam às gerações humanas” (BAUDRILLAD, 1995, p. 15). Sarti defende que é no universo moral, das relações, dos papéis exercidos pelas famílias pobres, que ganha sentido o cotidiano dos indivíduos em relação às práticas de consumo familiar, pelo potencial explicativo da ordem do simbólico.

As correspondências se situam nas lentes utilizadas para observar o campo, a exemplo do simbólico, e também do cotidiano. Baudrillard define que o lugar do consumo é a própria vida cotidiana já que trata de um sistema de representação que ocorre no próprio desenrolar do uso das coisas. O cotidiano aqui deixa seu papel de banalidade e repetição e adquire um papel de gerador de sentido no qual o consumo molda um sistema de representação.

A cotidianidade constitui a dissociação de uma práxis total numa esfera transcendente, autônoma e abstrata (do político, do social e cultural) e na esfera imanente, fechada e abstrata do “privado.” O indivíduo reorganiza o trabalho, o lazer, a família, as relações, de modo involutivo, aquém do mundo e da história, num sistema coerente fundado do segredo do privado, na liberdade formal dos indivíduos, na apropriação protetora do ambiente e no desconhecimento. A cotidianidade, para o olhar objetivo da totalidade, é pobre e residual: por outro lado, porém, mostra-se triunfante e eufórica no esforço de autonomização total e de reinterpretação do mundo “para uso interno”. Aí se situa o conluio profundo e orgânico entre a esfera da cotidianidade privada e as comunicações de massa (BAUDRILLARD, 1995, p.25).

O autor apresenta alguns aspectos representativos do consumo nos quais as coisas numa esfera mais superficial são simulacros da felicidade e da segurança e representam algo como um milagre que governa o consumo, conforme descrito a seguir:

É o pensamento mágico que governa o consumo, é uma mentalidade sensível ao miraculoso que rege a vida cotidiana, é a mentalidade primitiva, no sentido em que foi definida como baseada na crença da onipotência dos pensamentos; no caso presente, trata-se da crença na onipotência dos signos (BAUDRILLARD, 1995, p. 21).

Baudrillard trata de uma lógica que extrapola as necessidades das satisfações e que se materializa na produção e na “manipulação dos significantes sociais” que pode ser analisada de duas formas distintas: como processo de dar significado e comunicar ou como processo de classificação e distinção social, estabelecendo uma hierarquia a partir do consumo (BAUDRILLARD, 1995, p. 59 e 60). Tomando a análise proposta da distinção não se consomem os produtos pelo seu valor de uso, mas pelo valor simbólico.

Essa reflexão vincula-se à análise proposta neste trabalho relativa às práticas de consumo de famílias pobres. Ao propor a análise do consumo das TICs por este segmento, dialogamos para além da posse e aquisição destes bens de consumo, entendendo que eles assumem significados simbólicos nas relações estabelecidas com e entre eles. Com efeito, estruturam um sistema de comunicação que tem como base a interação entre os indivíduos, e tal sistema ganha contornos ainda mais definidos quando restituímos à família e ao território parte da história, à capacidade e escolha destes indivíduos.

2.1 A Internet e o novo paradigma das comunicações

Paralela e decorrente dessas intensas transformações na sociedade brasileira, com a mobilidade de milhares de famílias para uma melhor condição de vida, outra mudança ocorreu, em âmbito internacional, desta vez nas comunicações, com o surgimento e a disseminação da Internet. Essa tecnologia fez-se rapidamente presente nas últimas décadas tornando-se essencial em diversas áreas das atividades humanas.

Castells compara a importância da Internet em relação ao que chama de Era da informação com a rede elétrica ou ao motor para a Era Industrial. O grande diferencial no caso da Internet é que o formato organizacional de rede representa mais que um suporte tecnológico, trata-se de uma revitalização, ou “energização” como adjetiva o autor, da prática social através de redes, que conceitua da seguinte forma:

Rede é um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Concretamente, o que um nó é depende do tipo de redes concretas de que falamos (CASTELLS, 2002, p.566).

Essas redes são concretamente as diversas estruturas organizacionais encontradas na sociedade, como por exemplo, sistemas de economia, de política, de mídia, de grupos de sujeitos da sociedade que estão interligados já que se trata de uma composição aberta capaz de expandir ilimitadamente. Alguns processos importantes prementes na configuração social do final de século XX fortaleceram a importância da Internet e favoreceram a sua rápida disseminação, como por exemplo

[...] as exigências da economia por flexibilidade administrativa e por globalização do capital, da produção e do comércio: as demandas da sociedade, em que os valores da liberdade individual e da comunicação aberta tornaram-se supremos; e os avanços extraordinários na computação e nas telecomunicações [...] (CASTELLS, 2003 p.8).

Esses fatores contribuíram para a dimensão obtida pelo uso da Internet marcando uma nova forma de sociedade, a sociedade de rede que impacta em diversos segmentos da humanidade. Permitem, sobretudo, “a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global”. Este impacto é comparado à criação e divulgação da prensa no Ocidente em termos de sistema de comunicação (CASTELLS, 2003 p.8-9). Para se ter uma ideia, depois de um ano de disseminação do *world web wide* (www), em 1995, havia aproximadamente 16 milhões usuários no planeta. Segundo relatório da ONU de 2015 existem 3,2 bilhões de usuários no mundo, o que equivale a 43% da população global²².

A Internet permitiu uma comunicação global configurada pela comunicação individual ou em grupo através de computadores tendo o poder

²² <https://nacoesunidas.org/em-15-anos-numero-de-usuarios-de-internet-passou-de-400-milhoes-para-32-bilhoes-revela-onu/> acesso em 28/01/2016.

disseminador de informação das redes que vai além do número de pessoas conectadas e diz respeito à qualidade da utilização.

Atividades econômicas, sociais, políticas e culturais essenciais por todo o planeta estão sendo estruturadas pela Internet e em torno dela, como por outras redes de computadores. De fato, ser excluído dessas redes é sofrer uma das formas mais danosas de exclusão em nossa economia e em nossa cultura (CASTELLS, 2003, p.8).

Esta exclusão de que trata Castells é decorrente do tipo específico de comunicação gerada a partir da Internet que só ocorre se detemos dispositivos de acesso (computadores de mesas, *notebook*, *tablets*, *smartphones*, et.), além do próprio serviço da rede. Mas se a Internet apresenta uma nova forma de comunicação; surgem em contrapartida as inúmeras formas do ser humano transformar a Internet. Ou seja, pelo próprio uso cada sujeito também modifica a internet, além do aspecto de ser “uma tecnologia que pode ser profundamente alterada por sua prática social” (CASTELLS, 2003, p.9).

Cabe ressaltar que a Internet surgiu como uma tecnologia de comunicação livre, aberta, que passou por diversas modificações por parte de seus criadores/usuários. A concepção desta tecnologia foi elaborada a partir das necessidades de interação entre pesquisadores e *hackers*²³ que foram paulatinamente desenvolvendo a rede de computadores. Por conta da importância desse início, faz-se necessário um breve histórico pontuando fatos importantes da concepção da rede (CASTELLS, 2003, p.10).

2.1.1. Breve histórico da Internet

As origens da Internet revelam a “liberdade” frisada por Castells, conforme descrito anteriormente. O Departamento de Defesa dos Estados Unidos criou a empresa *Advanced Research Project Agency* (ARPA) em 1958 com objetivos de realizar pesquisas na área de tecnologia militar para superar a União Soviética que havia lançado o foguete *Sputinik em 1957*.

O objetivo era, no interior da confrontação da Guerra Fria, construir uma reorganização informativa que permitisse a possibilidade de uma resposta a um ataque nuclear. O desafio era construir um sistema informativo que, embora atingido em diversos pontos, conseguisse manter a sua função de transmissão desenvolvendo a reorganização da resposta militar. Dos três modelos

²³ Mais adiante no texto a expressão *hacker* será definida.

apresentados em resposta a esse desafio, o centralizado, o descentralizado e o distribuído somente o terceiro, que representava a criação de uma rede sem centro e permitia o acesso e o repasse de todas as informações a todos os pontos conectados, satisfazia plenamente ao requisito inicial.

Um dos projetos desenvolvidos pela ARPA foi a *Arpanet*, um programa demonstrado pela primeira vez em 1968 que já delineava uma futura matriz da Internet, por ter o formato de uma rede de comunicação elaborada com o objetivo de conectar computadores de diversos centros de pesquisa americanos (CASTELLS, 2003; DI FELICE, 2012).

O sistema de hipertexto com um informação interligada foi elaborado por Ted Nelson que trabalhou no projeto “Xanadu: um hipertexto aberto, auto-evolutivo, destinado a vincular toda a informação passada, presente e futura do planeta”. Outra ideia já nos anos 80 chegava perto do que conhecemos hoje por Internet. Tratou-se de um sistema de interligação da informação através de computadores, desenvolvido por Bill Atkinson quando trabalhava na *Apple Computers*.

Em 1980, o britânico Berners-Lee utilizou esta tecnologia em computadores descentralizados nas estações de trabalho da Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear, entidade europeia conhecida como CERN. Berners Lee desenvolveu um *software* que permitia obter e acrescentar informação de um computador que estivesse interligado em rede. Em parceria com Robert Cailliau, um físico pesquisador do mesmo centro de pesquisa, construiu um sistema de hipertexto que chamou de *world wide web (www)* e teve lançamento pelo CERN²⁴ em agosto de 1991.

Toda esta tecnologia desenvolvida, mesmo os resultados obtidos pelo CERN , foi desenvolvida a partir do projeto inicial *Arpanet* e da colaboração de *hackers* de diversas partes do mundo que se dispuseram a desenvolver seus próprios navegadores. *Hacker* não tem aqui o mesmo sentido divulgado pela mídia de usuários mal intencionados que se voltam exclusivamente a desvendar os códigos para entrar nos sistemas ilegalmente. Estes são denominados *crackers*.

²⁴ O CERN *Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire*, é um centro de estudos formado em 1954 com objetivo principal de investigar e compreender a estrutura física do interior do átomo. <http://home.cern/about>

Os *hackers*, segundo a abordagem de Castells, são *experts* em tecnologia com uma cultura própria, de caráter tecnomeritocrático, que valoriza a própria capacidade de inovação e criação, tendo liberdade para redistribuir este conhecimento.

Assim, não se trata apenas da retribuição esperada pela generosidade, mas da satisfação imediata que o hacker tem ao exibir sua engenhosidade para todos. Além disso, há gratificação envolvida no objeto ofertado. Ele não tem apenas valor de troca, tem também valor de uso. O reconhecimento vem não só do ato de doar, como da produção de um objeto de valor (software inovador). (CASTELLS, 2003, p.38).

O programa *www* passou por uma modificação resultando no produto *Mosaic*, projetado por um estudante, Marc Andressen, e um profissional, Eric Bina, no *National Center for Supercomputer Applications* da Universidade de Illinois. O *Mosaic* é uma avançada capacidade gráfica que torna possível captar e distribuir imagens, bem como várias técnicas de interface importadas do mundo da multimídia. “Andressen já trabalhando no vale do Silício foi procurado pelo empresário Jim Clark e a companhia *Netscape Navigator* lançou em 15 de dezembro de 1994 a primeira versão do produto que passou a ser comercializado gratuitamente para fins educacionais e ao custo de 39 dólares para uso comercial” (CASTELLS, 2003, p.18).

A linha de argumento de Castells em relação à liberdade da Internet é que todos os desenvolvimentos tecnológicos decisivos que levaram à Internet tiveram lugar em torno de instituições governamentais e importantes universidades e centros de pesquisa. “A Internet não teve origem no mundo dos negócios. Era uma tecnologia ousada demais, um projeto caro demais, e uma iniciativa arriscada demais para ser assumida por organizações voltadas para o lucro” (CASTELLS, 2003, p.43).

Essa construção aberta da Internet, que teve desenvolvimento independente foi sua principal força era a materialização da criatividade dos seus usuários e criadores que resultou em aplicações até então não imaginadas como as salas de bate papo, o *modem* e o próprio hipertexto. “É uma lição comprovada da história da tecnologia que os usuários são os principais produtores da tecnologia, adaptando-a a seus usos e valores e acabando por transformá-la [...]” (CASTELLS, 2003, p.38).

A cultura da “tecnomeritocracia” observada na concepção da Internet com a disseminação não perdurou já que a rede representa os seus usuários em contradições e multiplicidade de valores. Não há, portanto uma coerência de valores e normas sociais que se possa relacionar ao ambiente proporcionado pela Internet já que as aplicações são inúmeras e mutáveis. O “mundo virtual”, no entanto, existe através de uma comunicação horizontal, disseminada em tempo real, já que o acesso à Internet proporciona a todos que estiverem conectados receberem e enviarem respostas a estes estímulos.

Assim, embora extremamente diversa em seu conteúdo, a fonte comunitária da Internet a caracteriza de fato como um meio tecnológico para a comunicação horizontal e uma nova forma de livre expressão. Assenta também as bases para a formação autônoma de redes como um instrumento de organização, ação coletiva e construção de significado (CASTELLS, 2003, p.39).

2.1.2. Espaço virtual e sites de redes sociais

Cabe considerar algumas definições importantes em relação a este “espaço virtual” e das redes sociais digitais decorrentes do aparecimento da Internet. Em relação ao que é virtual, Lévy traz importantes elementos discursivos em seu livro *O que é virtual*, através de três enfoques principais: “o filosófico (conceito de virtual); o antropológico (a relação entre o processo de hominização e virtualização) e sócio-político (compreender a mutação contemporânea para poder atuar nela)”.

É importante ressaltar alguns reflexos do “espaço virtual” surgido junto com a internet, como aponta Lévy. Para este autor, o espaço virtual afeta “os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência” ultrapassando a informática. As evidentes mudanças ocorridas na sociedade têm como principais características a rapidez e a desestabilização e não devem ser lidas, na visão do autor, sem nenhum julgamento de bom ou ruim, mas precisa ser entendida como uma “heterogênese” que ele descreve como o “devir outro”, ou seja, aquilo que dá sequência (LÉVY, 1996).

Numa conceituação acerca do virtual, Lévy elucida que tal palavra virtual é derivada do latim, da palavra medieval *virtualis* que tem o significado de força, potência, que na filosofia escolástica revela o aspecto de algo que não

se concretizou, mas se encontra na possibilidade de acontecer (LÉVY, 1996, p.20).

Tratando de aspectos gerais, de acordo com Lévy, “o virtual tende a atualizar-se, sem ter passado por uma concretização efetiva ou formal”. A oposição de virtual não é real, mas sim atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes. A sequência deste raciocínio é que a virtualidade é a possibilidade de algo na eminência de acontecer, apenas ainda não se concretizou de fato, mas a própria possibilidade faz parte da ação. A oposição semântica de “possível” então é “real”. E já que a oposição de virtual é “atual”, ou seja, aquilo que ainda não encontrou uma solução. No exemplo do autor, uma semente é, portanto, uma árvore virtual (LÉVY, 1996, p.20).

Cabem aqui duas reflexões importantes para o arcabouço teórico no que se refere ao espaço virtual. O primeiro trata-se de um aspecto que diz respeito a uma modalidade crucial do espaço virtual, de não haver necessidade de não estar presente fisicamente se configurando como uma desterritorialização dos próprios sujeitos e de suas ações. Esta não necessidade da presença dos sujeitos amplia os sentidos dos mesmos trazendo principalmente decorrências subjetivas já que o acesso ao virtual é realizado numa esfera particular em um primeiro momento.

A desterritorialização não implica que esteja ocorrendo apenas a imaginação e que não aja produção de efeitos. Ao contrário, as possibilidades de efeitos são inúmeras. As decorrências a respeito da não necessidade da presença física se refletem na velocidade e no tempo das ações. Esses são aspectos facilmente observáveis a partir da existência do espaço virtual no cotidiano da contemporaneidade.

Estas características do espaço virtual e do impacto da Internet corroboram para uma transformação ainda mais profunda relativa às categorias segundo as quais pensamos todos os processos. Principalmente a consciência que ferramentas e máquinas são fundamentais para a evolução da natureza humana, ou a característica que nos diferencia de outras sociedades de animais (CASTELLS, p.111).

Um item central neste debate é a informação, que paralela ao conhecimento figura como um dos principais bens econômicos da contemporaneidade. A informação e o conhecimento de caráter intrinsecamente virtual têm apropriação não exclusiva e consumo não destrutivo. A diferença entre ambos é que o conhecimento pressupõe uma interpretação, uma criação sobre a informação (LÉVY, 1996, p.33).

Cabe considerar que informação e conhecimento já se configuravam como elementos importantes no crescimento da economia, mas a evolução da tecnologia, com as características de flexibilização e poder de disseminação da Internet potencializaram “a capacidade produtiva da sociedade e os padrões de vida, bem como formas sociais de organização econômica” (CASTELLS, 2002, p.119).

De acordo com Cruz no artigo “Redes sociais virtuais: premissas teóricas ao estudo em ciência da informação”, a partir de estudos efetuados sobre a informação, numa perspectiva de ciência, apresenta além do paradigma cognitivo, outros dois campos: o físico e o social. No paradigma cognitivo a informação possui um campo objetivo relacionado a conteúdos intelectuais existentes em espaços mentais. No plano físico pressupõe a existência de um objeto físico transmitido por um emissor a um receptor, com foco na recuperação da informação. Já o paradigma social apreende a informação em contextos sociais e materiais humanos, com foco na interação entre os usuários da informação (CAPURRO apud CRUZ, 2010).

No que se refere ao contexto social, de acordo com Castell, a informação tem importância crucial no centro da organização econômica e reflete diretamente no mundo do trabalho. O autor afirma que “o processo de trabalho situa-se no cerne da estrutura social” e as transformações advindas com o avanço da tecnologia interferem diretamente na vida dos sujeitos. É assim que a importância da internet na vida da comunidade diz respeito ao uso e à posse dessa tecnologia. Mesmo que a necessidade de ter a tecnologia não esteja diretamente relacionada ao trabalho, como por exemplo, obter a Internet principalmente como meio de comunicação e pesquisas escolares, a questão do trabalho permeia as ações.

A influência das inovações tecnológicas na economia é um tema vasto e complexo que não será aqui pormenorizada já que foco que se pretende obter nesta Dissertação é outro. O objetivo aqui é ter fundamento teórico e referencial para entender as utilizações que são cotidianamente vivenciados pelos moradores da Comunidade do Bode e dizem respeito ao processo de comunicação utilizado e principalmente aos espaços virtuais de interação.

No tocante à comunicação, foi por volta do ano 700 a. C. na Grécia que ocorreu um fenômeno que mudou para sempre a história da humanidade: a criação do alfabeto. A utilização deste sistema, no entanto, só foi difundida séculos mais tarde com o advento da imprensa e da fabricação do papel. A difusão do alfabeto e da prática de comunicação escrita excluiu durante séculos imagens e sons, gerando um predomínio a respeito da alfabetização, que apenas no século XX com o cinema, o rádio e a televisão passaram a ter espaço na comunicação (CASTELLS, 2003, p.413).

Destes sistemas de comunicação mencionados, sem dúvida a televisão representa uma alta penetrabilidade no Brasil. Segundo dados TIC domicílios 2014, 98% dos lares brasileiros possuem televisão. Embora o televisor não proporcione interatividade como a Internet, Castells sugere que o seu sucesso deve-se justamente a este sistema transmitir informação nas residências dos sujeitos, sem exigir nenhuma resposta do telespectador que assiste se rendendo a uma atividade que não oferece resistências.

A transformação tecnológica ocorrida com a Internet traz o ineditismo histórico de integrar escrita, oralidade e audiovisual na comunicação humana. A formação do hipertexto e a interação em tempo real tendo como consequência a globalização da comunicação trouxeram uma mudança de paradigma acompanhada de interatividade e em escala global.

O próprio formato da Internet, com características próprias de um “ambiente virtual”, proporciona um fenômeno também inédito em termos de comunicação que é a experiência de estar em rede. Nas palavras de Di Felice

um experienciar a rede, isto é, estar *inside*, imerso nela, tornando-se parte integrante comunicativa – um comembro [...] um ecossistema do qual fazemos parte como participantes e não apenas como observadores externos e independentes (DI FELICE, 2012).

Esta experiência com a Internet pode ter diversos interesses e objetivos, passando por pesquisas em busca de informação, lazer, entretenimentos diversos, conhecimento de locais à distância, dentre outros. Apesar de toda essa diversidade de utilizações e focos, atualmente o uso mais popular em escala internacional e brasileira são os *sites* das redes sociais.

O termo “redes sociais” vem sendo amplamente divulgado se referindo aos próprios *sites* ou à experiência de estar conectado em tais plataformas de acesso às redes sociais virtuais ou “ambientes virtuais de relacionamentos interpessoais”²⁵ como *Facebook*²⁶, *Twitter*²⁷, *Youtube*²⁸, *Google+*²⁹ etc.. A denominação “redes sociais”, no entanto, não é adequada já que se tratam de *sites* ou espaços virtuais que proporcionam a existência das redes e não as redes em si. No caso da Internet, estes espaços virtuais são a atividade *on-line* mais acessada do mundo (CRUZ, 2010).

A proposta de incluir este tema na Dissertação é ter elementos para compreender a importância das redes sociais na Internet para a população em questão. Os *sites* de redes sociais são principalmente utilizados para divulgação e compartilhamento de informações, conforme observado também na Comunidade do Bode. Segundo a Pesquisa TIC domicílios 2014, a primeira atividade a ser mencionada em relação ao uso da Internet são as mensagens por *Facebook*, *Skype*³⁰ e *WhatsApp*³¹ (83%) e na sequência a participação em *sites* de redes sociais” (76%) (BARBOSA, 2014).

²⁵ Expressão utilizada pelo caderno *Redes sociais e tecnologias digitais*.

²⁶ O *Facebook* é um *site* fundado em 4 de fevereiro de 2004 por Marck Zuckerberg com a “missão de proporcionar às pessoas o poder de compartilhar e fazer um mundo mais aberto e conectado. As pessoas usam o *Facebook* para permanecerem conectadas com seus amigos e família, descobrindo o que está acontecendo no mundo e compartilhando e expressando o que acreditam ser interessante”. (Missão contida na própria página, tradução da autora) https://www.facebook.com/facebook/info?tab=page_info Página visitada em 31/01/2016.

²⁷ *Twitter* é uma rede social e servidor para *microblogging*, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, em textos de até 140 caracteres.

²⁸ Lançado em maio de 2005, o *YouTube* é, de acordo com informações da própria plataforma, um espaço virtual para que as pessoas possam acessar e compartilhar os vídeos. “O *YouTube* oferece um fórum para as pessoas se conectarem, se informarem e inspirarem umas às outras por todo o mundo, bem como atua como plataforma de distribuição para criadores de conteúdo original e anunciantes grandes e pequenos”. <https://www.youtube.com/yt/about/pt-BR/> Página visitada em 31/01/2016.

²⁹ O *Google+* nasceu em 1998, sendo um dos produtos desenvolvidos pelo *site* de pesquisa *Google*. É um espaço que funciona para o compartilhamento de notícias. <https://www.google.com.br/about/company/history/>

³⁰ *Skype* é um *software* que permite conversas através de chamadas de voz, mensagens escritas, compartilhamento de arquivos que pode ser instalada no celular, computador ou TV

A abordagem sobre as redes sociais virtuais parte do estudo de redes como fenômeno social. No campo das Ciências Sociais, as teorias surgidas na segunda metade do século XX têm como proposta entender as propriedades estruturais e funcionais da observação dos sujeitos conectados através de rede social. Só a partir do ano 2000, claramente sob o impacto do uso na internet o assunto deslanchou no Brasil (RECUERO, 2006, p.23).

As definições sobre redes sociais tratam dos processos básicos pelo qual as pessoas estão inseridas na sociedade e das relações que vão se estabelecendo ao longo da vida, na família, nas relações de parentesco, escola, trabalho e demais esferas. Em cada meio, os atores sociais revelam a sua identidade e papel neste relacionamento.

Como característica das sociedades complexas, cada associação de seres humanos funciona de maneira muito específica, o que cria uma dependência funcional entre os sujeitos. Estes vinculam-se ininterruptamente, formando longas cadeias de atos, estando sempre ligados a outros por laços invisíveis: relações de trabalho, propriedade, afeto e outros. Apesar de não serem vistos nem tocados, esses vínculos não são menos reais (MARTELETO, 2001).

A autonomia da rede é, portanto, muito mais forte que a decisão de um sujeito, já que este se encontra numa estrutura de dependência em relação a outros do grupo. Se houver intransigência da parte de um, esta ação o leva a se afastar de uns e se aliar a outros. As decisões são interdependentes e ligadas à distribuição de poder. Cabe lembrar que há enfoques diferenciados para redes dentro das Ciências Sociais. A linha estruturalista da Antropologia, por exemplo, considera um viés descritivo da rede, enquanto o individualismo leva em conta cada agente na produção de sentido (MARTELETO, 2001).

Partindo da definição de Recuero de redes sociais da Internet como “as redes de atores formadas pela interação social mediada pelo computador”, a discussão leva em consideração a capacidade deste ambiente virtual formar novos grupos sociais e novas formas de comunidade no *ciberespaço*³² que

desde Skype esteja instalado. <https://support.skype.com/pt-br/faq/FA6/o-que-e-o-skype> Página visitada em 21/01/2016.

³¹ “*Whatsapp Messenger* é um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular sem pagar. [...] Além das mensagens básicas, os usuários do *WhatsApp* podem criar grupos, enviar mensagens ilimitadas com imagens, vídeos e áudio”. https://www.whatsapp.com/?l=pt_br Página visitada em 31/01/2016.

³² Segundo Recuero “ciberespaço é o espaço no qual as interações sociais acontecem na Internet. Constitui-se em um não-lugar (LE MOS, 2002), em um espaço do saber (LÉVY,

começaram a existir a partir da interação entre usuários de comunicação da Internet em *sites* como os já mencionados, *Facebook*, *Twitter* e *Skype* (RECUERO, 2006, p.15).

Uma rede é definida como um conjunto de nós conectados por arestas. Assim, uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos) e suas conexões (Wasserman e Faust, 1994, Degenne e Forsé, 1999), compreendendo uma estrutura de grupo.

De maneira similar aos formatos tradicionais de interação, as redes sociais da internet também apresentam os atores e as conexões, ou os “nós” que são as interligações que, formadas entre os sujeitos, ampliam a estrutura a partir de novos laços feitos. Apesar do volume de amigos nas páginas, o tipo de interação não é o mesmo para todos. Com muitos dos contatos nunca haverá troca de mensagens ou as mensagens podem ser intensas e mudar ao longo do tempo. Na Internet são permitidas diversas ações que não pressupõe a participação direta do sujeito, por exemplo, usufruir das conversas sem interagir (RECUERO, 2009, p.25).

No tocante à tipologia, existem dois laços nas redes digitais: as redes centradas na interação e as redes centradas na identidade. No primeiro tipo, os laços são constituídos a partir de interação e troca, exigindo um dispêndio de tempo maior na interação. Já no segundo, a própria adesão ao grupo identifica o sujeito, que se sente parte do grupo sem, no entanto, haver interação (RECUERO, 2005).

As redes sociais virtuais também mantêm o capital social, que é, na perspectiva de Bourdieu, associado ao pertencimento a um grupo e pode se transformar em outros capitais. Em Bourdieu o capital social necessita de um esforço de sociabilidade, tempo, dedicação e muitas vezes o investimento de outros capitais (RECUERO, 2005).

Ainda no que se refere às abordagens sobre as redes sociais cabe frisar a importância da informação nas plataformas digitais de interação. As redes proporcionaram que os próprios usuários pudessem divulgar as informações, criando um aspecto novo nos grupos sociais.

1993) e em um espaço formado através dos fluxos de trocas de informação entre os computadores conectados a Rede (Castells, 1999)”. (RECUERO, 2006)

Considerando os dois temas discutidos neste capítulo, as práticas de consumo popular e o detalhamento sobre a origem do serviço da Internet e suas implicações no cotidiano dos usuários, passamos para a apresentação dos dados relativos à pesquisa de campo, com a caracterização do território e das famílias participantes.

CAPÍTULO 3: A COMUNIDADE DO BODE

Este capítulo refere-se à apresentação dos dados obtidos junto a famílias da Comunidade do Bode. Cabe ressaltar que esta pesquisa representa um desdobramento de outra pesquisa de campo realizada com famílias desta mesma comunidade entre dezembro de 2012 e junho de 2013³³. O atual projeto de pesquisa concretiza o retorno a algumas famílias desta Comunidade para o levantamento e análise de questões que foram identificadas naquele primeiro momento.

A apresentação dos dados, portanto, dar-se-á em dois momentos: inicialmente uma apresentação da Comunidade do Bode e das famílias no contexto da pesquisa ocorrida por 6 meses entre dezembro de 2012 e junho de 2013 e, na sequência, um retorno ao campo em dezembro de 2015. Esta volta ao campo teve como objetivo averiguar as alterações ocorridas nos dois anos subsequentes, com destaque para o tema específico, já identificado naquele momento, das representações e significado do uso de tecnologias da comunicação com ênfase para a Internet. A análise foi oriunda da vivência com as famílias e o seu contexto como elementos constitutivos de seu cotidiano, de sua subjetividade e os rebatimentos nas suas práticas de consumo de uma forma geral e mais especificamente em relação ao consumo de Internet.

A escolha em aprofundar meus estudos acadêmicos na Comunidade do Bode aconteceu pelas inquietações que todo o período vivenciado junto a estas famílias me suscitaram. Os encontros com esta comunidade também foram permeados por tensionamentos e a percepção de supostas contradições em seu cotidiano, principalmente nas escolhas feitas em seu orçamento doméstico, como a decisão pelo consumo de TICs em meio a escassez de outros bens. O entendimento de práticas de consumo e suas decorrências no cotidiano dos indivíduos traziam indagações condizentes com os questionamentos propostos pelo programa Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), do qual faço parte.

³³ Em 2012 fui contratada pela consultoria de pesquisa Plano CDE para realizar um trabalho etnográfico com 16 famílias de baixa renda para um trabalho de pesquisa de mercado, que versava sobre orçamento doméstico.

O projeto de Dissertação apresentado para o mestrado voltou-se para questões fundamentadas inicialmente em inquietações percebidas durante a trajetória profissional, sobretudo relativas às contradições acerca do consumo nas classes populares e a relação com a interação familiar, com vinculação direta das minhas experiências pessoais e foram redimensionados pela ótica acadêmica. A consultoria para a qual trabalhava autorizou que os dados pudessem ser utilizados desde que para fins acadêmicos e não comerciais e ficou estabelecido uma volta às residências para a execução de uma pesquisa de campo tendo em vista objetivos de entender as alterações ocorridas nos últimos dois anos e um aprofundamento em questões específicas sobre a utilização da Internet.

Dentre as 16 famílias que participaram da pesquisa de inspiração etnográfica por seis meses, foram escolhidas três famílias para aprofundar, em 2015, no problema de pesquisa da Dissertação. Essa escolha ocorreu principalmente pelos sentimentos que a preparação a ida a campo para a pesquisa da consultoria me provocaram em 2012, principalmente pelas contradições encontradas nas residências, referentes às práticas de consumo. A escolha ocorreu também pela relação construída tanto com o local, quanto com as três casas observadas. O tipo de interação estabelecida com Socorro, Graça e Carla³⁴ foi de proximidade e familiaridade que se refletiu dois anos depois em uma calorosa recepção. Achei curioso que elas se referiam ao tempo relacionando o fim da pesquisa e a minha saída do Bode. A exemplo de Carla que relatou: “[...] faz dois anos. Foi depois que tu não veio mais”.

Durante a leitura teórica, percebi o quanto essas três famílias refletiam através de sua própria constituição muitos aspectos analisados pelos autores e autoras que referenciam teoricamente esta Dissertação, principalmente em relação ao delineado por Souza quando se refere às “classes trabalhadoras” e à “ralé”. As famílias estavam vivenciando um momento de mobilidade social, que se refletia em uma aura de certa prosperidade e mesmo com todas as dificuldades do cotidiano, tinham muita esperança em relação ao futuro.

³⁴ Cabe ressaltar que todos os nomes dos integrantes da pesquisa de campo foram modificados para manter o sigilo pessoal. Preferi dar nomes diferentes às pessoas e não colocar as iniciais, por exemplo, para não causar impessoalidade à leitura.

O “clima” do Bode, a experiência de caminhar no bairro não era de carência e restrição. Apesar de todas as dificuldades que serão detalhadas ao longo do capítulo, percebia o quanto ter acesso a bens de consumo, tanto produtos quanto serviços, era marcante na comunidade, principalmente notada nas casas reformadas com cerâmica e nas antenas das televisões à cabo.

Em relação ao número de casas que iriam constituir a segunda ida a campo, ficou decidido que as três casas já dariam uma boa dimensão do que precisava, já que a quantidade de informações geradas nos seis meses em que estive na comunidade, entre dezembro de 2012 e junho de 2013, já me proporcionava uma dimensão ampla a respeito da comunidade e principalmente das três famílias em questão.

Os dois principais focos de análise foram as relações familiares estabelecidas, suas consequências em relação ao consumo, e, como uma comunidade reconhecida pela informalidade em relação aos serviços coletivos³⁵ de água e energia elétrica se relaciona com os serviços de telecomunicações e Internet. O que reforça a ideia da simbologia e representatividade dos produtos e serviços ligados às TICs por estas famílias.

Para o caso da Comunidade do Bode, a própria divisão do espaço pelos moradores da comunidade considerando “bairro” as ruas calçadas e pavimentadas e “favela”, as áreas que vão formando labirintos e desembocam às margens do rio, onde se encontram as palafitas, serviu de parâmetro para a escolha já que estas três famílias representam esses dois “ambientes” que trazem diferenças importantes apontadas pelos próprios moradores.

Ressalta-se que a opção foi entrevistar as mesmas interlocutoras que haviam participado do projeto na Comunidade do Bode, visitadas na primeira ida a campo. A mulher como principal informante se justifica pelo delineado papel feminino de “gerenciadora” do espaço doméstico que habilita a mulher a reconhecer as atitudes, opiniões e os gostos de cada integrante da família, além do controle dos gastos da casa. Observa-se também uma maior permanência da mulher em casa, mesmo entre aquelas que trabalham fora, condizente com a dupla jornada de trabalho feminina.

³⁵ Grande parte dos moradores, segundo eles mesmos relatam, não paga serviços de água ou eletricidade.

Definidas essas questões gerais, o objetivo deste capítulo é apresentar o que foi encontrado na Comunidade, nestes dois momentos descritos acima, à luz de teorias que elucidem o que foi presenciado e permitam a análise de algumas destas “contradições”, principalmente no que diz respeito ao consumo de Internet. Inicialmente, apresento brevemente a Comunidade do Bode, sua localização geográfica e breve histórico do local. Depois segue uma apresentação da trajetória familiar dos três domicílios e o que encontrei no segundo momento de volta à comunidade com objetivos acadêmicos.

3.1. Comunidade do Bode: bairro, favela e “maré”

A comunidade do Bode situa-se no bairro do Pina, circunscrito na Região Político Administrativa (RPA) 6, região Sul da cidade do Recife, sendo contígua às comunidades Beira Rio e Areinha. A divisão político administrativa da cidade teve início no final da década de 1980, período em que foram definidas seis RPAS, cada uma contendo três microrregiões que, por sua vez, abrangem uma divisão da localidade em bairros. Assim, a Cidade do Recife é composta por 18 microrregiões com 94 bairros ao todo. Essa divisão físico territorial teve como objetivo a elaboração, execução e monitoramento para ações do poder público³⁶.

No caso da RPA 6 (ver mapa 01), que circunscreve a comunidade do Bode, a primeira microrregião abrange os bairros de Boa Viagem, Brasília Teimosa, Imbiribeira, Ipsep e Pina; a segunda, Ibura e Jordão, e a terceira, Ibura de Cima e Cohab. A RPA em questão é a mais populosa da cidade com 25% da população ou 382.650 dos residentes de Recife em número absoluto dentre os 1.537.704 do total da cidade. A vizinhança com o bairro de Boa Viagem traz um triste contraste entre prédios residenciais e comerciais de alto luxo à beira mar e os casebres, muitos feitos de madeira e restos de entulhos às margens da bacia do Rio Pina. A proximidade com o bairro de Boa Viagem traz também outro aspecto a se considerar, o trabalho, que é a garantia de subsistência das famílias que muitas vezes exercem as suas atividades profissionais neste bairro, como porteiro, vigilantes, empregadas domésticas, dentre outras.

³⁶ Dados da divisão da Vigilância Sócio Assistencial da prefeitura do Recife.

Mapa 01: Microrregião 6.1



http://www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/pnud2006/doc/mapas/satelite/micro6_1.jpg

A caracterização da Comunidade do Bode requer, em um plano mais específico, tratar de uma importante referência para os moradores do local: a “maré”. Desde a minha entrada na comunidade em 2012 me intrigava quando as interlocutoras se referiam a este trecho do estuário do Rio Pina por “maré”³⁷. Para elas, trata-se de um “braço do mar”, pois a água é salgada e ali se encontram peixes e mariscos.

Na pesquisa bibliográfica, alguns trabalhos científicos³⁸ me elucidaram a questão. De fato tanto a Comunidade do Bode quanto a Comunidade Beira Rio se localizam na bacia do Rio Pina. A ocorrência da água salgada, identificada pelos moradores, se refere a um fenômeno do próprio rio, que em seu estuário, segue os mesmos fluxos do oceano e por isso se mantém salgado.

Em todo caso, a maré não passa despercebida na Comunidade do Bode. Em um primeiro momento pelo odor característico de maresia que perpassa as ruas do local. Por outro lado pelo mau cheiro exalado por criações de porcos de alguns moradores. Há também os relatos dos moradores sobre as enchentes, principalmente a “ressaca da quaresma”, no final do mês de março quando normalmente ocorrem as enchentes.

A “maré” também traz aspectos de sobrevivência para as populações ribeirinhas, que têm o rio como fonte de subsistência. Cláudio, marido de Socorro, trabalha desde os 14 anos como pescador. Ele começou a trabalhar com carteira assinada a poucos anos e sempre que está desempregado, volta para a “maré”.

Segundo análise realizada com populações ribeirinhas e que resultou no artigo de Bezerra e Melo, “Valores da Paisagem: Os Significados dos Rios e Manguezais da cidade do Recife”, além do valor utilitário, existe “um valor afetivo e de identidade, posto que o grupo mantém com aquele meio uma relação simbiótica de vida e subsistência que permite emergir o sentimento identitário com o lugar” (2014).

³⁷ A maré significa o “movimento diário dos oceanos em relação ao litoral, a partir da influência do Sol e da Lua, avançando e recuando periodicamente a cada seis horas” (SILVA, SELVA, 2014). Existem duas marés: a alta ou preamar, que ocorre quando a água do mar atinge a sua altura mais alta dentro do ciclo das marés e a baixa ou baixamar, quando a água do mar atinge a sua altura mais baixa (SILVA E SELVA, 2014).

³⁸ Fonte: *Vulnerabilidade Climática e adaptação às mudanças em comunidades de baixa renda na cidade do Recife* (SILVA E SELVA, 2014).

De acordo com a perspectiva histórica de Pereira, autor do livro *Histórias do Pina*, a “maré” inserida na região do que veio a ser o bairro do Pina, era, no início da colonização, um trecho de ilhas e terras alagáveis que foram povoadas para a formação da Fazenda Nossa Senhora do Rosário da Barreta e de uma fazenda da ordem dos jesuítas. Este território, desde o seu povoamento passou por diversos estigmas.

O primeiro deles ocorreu no povoamento do local quando alguns escravos foragidos se embrenharam nos matagais das ilhas para se esconderem. O difícil acesso do local proporcionava uma forma de viverem livres subsistindo através da pesca e depois prestando serviços para os demais colonizadores (SILVA, 2008). “Em meados do século XIX, ocorreu a supressão do manguezal na implantação da segunda mais antiga estrada de ferro do Brasil, a Recife- São Francisco, que foi construída margeando o manguezal da bacia do Pina” (SILVA, 2011).

Essa obra representou um adensamento da área que passou a receber trabalhadores, atraindo pessoas de outros bairros. A população se caracterizava pelos funcionários do porto, pescadores, jangadeiros, dentre outros, quase sempre sem qualificação profissional. “Em 1888, com o fim da escravidão, a população livre não tendo mais as senzalas de seus antigos proprietários como moradia, ocupou as terras alagadas [...] onde construíram grande quantidade de mocambos” (SILVA, 2008). O mocambo era um tipo de moradia marcadamente vinculado aos pobres, que se instituiu no Recife como sinônimo de miséria e degradação social. Foi tratado pelo governo de Agamenon Magalhães como um inimigo a ser destruído, pois representava perigo relacionado à falta de higiene, doenças, etc. (LEITE, 2010).

Além da questão relacionada à moradia, um outro estigma referente ao Pina desta vez de cunho religioso com a presença de Maria Fortunata, uma mulher negra, vinda de Jaboatão dos Guararapes, que estabeleceu um terreiro Xangô no local. Fortunata disfarçava as suas práticas religiosas com o catolicismo e com ensaios do Maracatu. Esse movimento evoluiu para o espaço que até persiste até hoje no Bode, a agremiação carnavalesca Nação do Maracatu Porto Rico (SILVA, 2008).

Já no início do século XX, a marinha instalou colônias de pescadores com o objetivo de proteger a região da Primeira Guerra Mundial e nos anos 1920 uma zona de prostituição instalou-se numa área próxima à Colônia de Pescadores Z1. Alguns anos depois, um cassino foi instalado durante o período da Segunda Guerra Mundial quando os aliados americanos instalaram uma base de comunicação, o que aumentou a fama do local (SILVA, 2008).

A partir do final do século XIX as áreas de mar passaram a ser valorizadas no Recife e a praia de Boa Viagem recebeu uma série de beneficiamentos, tais como iluminação, calçamento e principalmente a construção da Avenida Beira Mar, futura Avenida Boa Viagem. A área mais pobre do Pina foi sendo empurrada para a parte de dentro, principalmente com a posterior verticalização do bairro.

A construção da Avenida Domingos Ferreira em 1976 desapropriou diversas casas e isolou a área mais interna do Pina que a esta altura já estava adensada com famílias que foram aterrando o local de forma precária com cascas de coco e barro retirado e secado das casas após as inundações do rio. Até hoje é um terreno que sofre constantes alagamentos em função do movimento da maré, sendo esse um dos principais problemas do local (SILVA E SELVA, 2014).

Segundo dados do Caderno de Vulnerabilidade Climática de 2014, elaborado pela Sociedade Nordestina de Ecologia, a Comunidade do Bode possui aproximadamente 80 (oitenta) casas de alvenaria construídas sobre aterros e mais de 200 (duzentas) palafitas. A quantidade de palafitas era ainda maior, mas foram reduzidas devido à construção do *Shopping Riomar* e da *Via Mangue*³⁹. Por se tratar de uma área de invasão, tanto de terras públicas como privadas, grande parte dos moradores não tem os terrenos legalizados.

3.1.1. A aproximação com a Comunidade do Bode

Quando cheguei ao Bode para a pesquisa da Consultoria já havia trabalhado em diversos projetos de inspiração etnográfica, delineados por uma

³⁹ A via Mangue é uma avenida que liga o Pina diretamente às ruas que margeiam os canais Setúbal e Jordão. Foi concebida para ampliar a malha de circulação de veículos na Zona Sul do Recife para a adequação ao padrão da Copa do Mundo 2014 (ANDRADE, 2014). <http://www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/viamangue.html>

série de procedimentos de coleta e análise dos dados com origem na Etnografia, tais como as entrevistas, a observação de práticas cotidianas, o diário de campo, as fotografias e demais processos de coleta de dados, além da análise do material.

A pesquisa encomendada pela Consultoria abrangeu 16 famílias de cinco comunidades populares do Recife: Alto José do Pinho na região Norte; Roda de Fogo, Barro e Jardim São Paulo na região Oeste e Setúbal, Comunidade Rio Azul e Comunidade do Bode na Zona Sul da cidade, que foram visitadas duas vezes por mês no período de dezembro de 2012 a junho de 2013. O principal objetivo da pesquisa encomendada pela consultoria foi analisar as variações de orçamento e utilização de instrumentos (conta corrente, conta poupança, financiamentos, crédito, etc.) e canais de acesso financeiros (bancos, financeiras, lojas, etc.).

Não havia por parte da consultoria de pesquisa uma delimitação de áreas que deveriam participar da pesquisa. O estipulado pelo instituto era que estivessem localizadas na Região Metropolitana do Recife e que refletissem através do entorno as características de uma comunidade popular. Normalmente as famílias participantes são indicadas por outras pessoas que já participaram de pesquisas de mercado. Em relação à localização, verifica-se o Alto José do Pinho na RPA2 que concentra os morros da Zona Norte; a Comunidade Roda de Fogo, os bairros do Barro e Jardim São Paulo na RPA 4 e Setúbal, e as comunidade do Rio Azul e do Bode na RPA 6 (Dados para Diagnóstico Socioterritorial- Prefeitura da Cidade do Recife).

A aproximação com as famílias ocorreu por conta da própria Consultoria que através de empresas de recrutamento tratou de procurar famílias dentro de um perfil estipulado. Os critérios para a escolha das famílias que participarão da pesquisa é determinada por características que compõem um perfil específico quase sempre considerando a renda e principais bens pertencentes às famílias. Para o caso específico deste projeto o perfil procurado eram famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família que tivessem filhos em idade escolar. É de praxe que seja oferecido um brinde normalmente em dinheiro como agradecimento pela participação no estudo. Neste caso, o brinde oferecido era um cartão presente de uma loja de varejo popular no valor

mensal de R\$50,00. Esta determinação tinha como objetivo diminuir alterações na renda das famílias, mantendo o mais próximo possível da rotina deles.

Para atender aos objetivos propostos para a pesquisa da Consultoria, os encontros foram agendados para acontecerem a cada quinzena, tendo a duração de aproximadamente 2 a 3 horas. No início de cada mês, os encontros versavam sobre os principais fatos sucedidos nos dias anteriores e ocorria uma entrevista em profundidade sobre um tema previsto pela consultoria através de um roteiro conforme será visto na sequência. Na segunda visita mensal, eram coletados dados quantitativos sobre os gastos da família, pormenorizados por setor: aluguel, gastos com alimentação, transporte, saúde, dentre outros.

O primeiro encontro de todos, tratando da pesquisa de inspiração etnográfica, teve o objetivo de nos apresentarmos e explicar quais eram os propósitos da pesquisa e todo o procedimento a ser efetuado, incluindo o tempo de permanência na casa. Também demos início às anotações dos ganhos e despesas daquele mês. Em janeiro de 2013 o foco foi caracterizar tanto a entrevistada quanto a família; entender as principais redes de sociabilidade e quais principais vantagens e dificuldades relacionadas ao território. No mês seguinte a ênfase foi no comportamento da família em relação ao consumo: principais decisores, prioridades de acesso a bens e desejos de compra. Em março o roteiro tratou sobre endividamento das famílias e em abril e maio sobre a utilização de produtos financeiros e principais meios de acesso a estes. Em junho a proposta foi revisar todos os assuntos abordados nos meses anteriores.

Cabe considerar que as famílias que constituem o campo para esta pesquisa e que deram os contornos ao trabalho representam na prática um grupo muito maior que as famílias informantes, já que presenciei conversas com outros/as moradores/as e diversas vezes frequentei os comércios locais, além de ter estado presente em diálogos com vizinhos/as e parentes. Esses contatos ocorriam de forma espontânea na forma de visitas inesperada durante as minhas idas ao Bode.

Isto era muito constante principalmente na casa de uma das interlocutoras que trabalha em casa como costureira de biquínis. Era muito comum conversar com as mulheres que iam encomendar ou provar as roupas.

Através desses contatos, percebia as interações com os vizinhos. Carla, por exemplo, exemplificava os seus medos em relação ao futuro dos filhos, principalmente no envolvimento no tráfico e na prostituição se referindo a algumas dessas clientes de biquínis.

No propósito de situar as interlocutoras com quem falei, segue uma breve descrição de cada uma e em seguida relato o impacto pessoal vivenciado na chegada à comunidade. Na sequência do capítulo, cada família será apresentada em detalhes. A casa mais próxima da Avenida São Luiz – uma das principais do Bode – era a de Carla, que era costureira e trabalhava como autônoma em casa onde confeccionava biquínis. A outra informante era Graça que trabalhava como empregada doméstica e eventualmente diarista, enquanto que Socorro que era também empregada doméstica estava desempregada e fazia bicos como manicure.

Em dezembro de 2012 a minha entrada na comunidade ocorreu através de Graça que me esperou na segunda parada de ônibus da Avenida Domingos Ferreira. Nós nos apresentamos e a segui por uma rua estreita, desembocando em um extenso labirinto de casas contíguas que terminava em uma praçinha. Neste primeiro corredor de casas pude observar algumas pequenas igrejas evangélicas improvisadas em antigas residências. Muitos moradores se encontravam nas calçadas das casas em cadeiras de plástico ou de um modelo bastante antigo, de metal, revestidas com um fio de nylon grosso, normalmente azul ou verde escuro, alternado com listas brancas, dando uma impressão forte de cidade de interior.

3.1.2 O impacto vivenciado na chegada ao Bode

Os meses de planejamento, antecedentes à entrada nas comunidades da pesquisa da consultoria, foram de muita expectativa para mim. Especificamente no caso da Comunidade do Bode, localizada na região do Pina, havia uma série de rumores muito negativos acerca dos moradores do local. Familiares e amigos se referiam ao local como “barra pesada”. Me passavam a imagem de uma comunidade que abrigava marginais de toda

espécie, ladrões, traficantes de drogas, prostitutas. Uma aura de perigo eminente relacionada aos moradores era muito forte.

Zaluar retrata uma sensação semelhante ao iniciar o campo etnográfico na Cidade de Deus, bairro popular do Rio de Janeiro, igualmente caracterizado tanto pela imprensa quanto pelas populações de estratos sociais mais ricos da cidade, como violento, “um antro de marginais e de bandidos”. Ela relata a insegurança que sentiu ao estacionar o carro na favela, tendo a sensação que poderia sofrer alguma violência.

[...] apesar de saber que essa campanha não senão a continuidade de um processo de longa data de estigmatização dos pobres, eu tinha medo. Um medo realista de me enredar em malhas cujo controle me escapasse ou de enfrentar a morte nas mãos de um bandido raivoso (2000, p.11).

O antropólogo Roberto Da Matta no artigo *O Ofício de Etnólogo, ou Como Ter Anthropological Blues* trata destas emoções vivenciadas pelo etnólogo em campo ou mesmo antes da entrada. No conceito de *anthropological blues*, Damatta se reporta às emoções desencadeadas pelas situações vivenciadas neste encontro com o outro, que estabelecem muitas vezes os *insights* almejados no campo. Muitas vezes se apresentam como proposições inclusive para as teorias, já que elucidam o exótico através das nossas próprias reações.

Por Anthropological blues se quer cobrir e descobrir, de um modo mais sistemático, os aspectos interpretativos do ofício de etnólogo. Trata-se de incorporar no campo mesmo das rotinas oficiais, já legitimadas como parte do treinamento do antropólogo, aqueles aspectos extraordinários ou carismáticos, sempre prontos a emergir em todo o relacionamento humano (DAMATTA, 1978, p.4).

Ainda em relação ao meu receio em relação ao público que iria encontrar, condiz com o que Souza trata a respeito de um consenso sobre a malandragem que supostamente vigora nas classes populares, onde há uma manipulação do outro para benefício próprio e onde predomina uma falta de moralidade no que se refere às classes populares.

A partir da Avenida Domingos Ferreira, no Bairro de Boa Viagem, onde se conseguia avistar algumas casas, a sensação era de que iria encontrar um local extremamente perigoso. A própria paisagem muda bruscamente de avenidas largas asfaltadas do Bairro de Boa Viagem para ruas de calçamento de paralelepípedos esburacadas, alguns vazamentos de esgoto. Além disso,

percebe-se uma quantidade menor de carros e muitos moradores caminhando pelas ruas.

Como estratégia de preservar a integridade física dos pesquisadores, nós combinávamos um local de encontro fora da comunidade com uma das informantes para que a nossa entrada no local não fosse confundida com a presença de “olheiros” (policiais disfarçados) da polícia⁴⁰. Por este motivo, para esta segunda ida a campo, entre novembro e dezembro de 2015, tomei o cuidado de me identificar visualmente com uma camiseta com o nome da universidade, numa tentativa de diminuir confusões deste tipo.

Também no meu caso, algumas situações inusitadas me fizeram desempenhar papéis que não imaginava. Como no dia em que saí para conseguir um termômetro, pois Carla havia sido picada por um escorpião no dia anterior e estava com febre. Ela já havia passado pelo posto médico que receitou um analgésico e por sorte ela não sofreu danos mais graves. Como ela estava só em casa me aguardando para a entrevista e não sabia ao certo se estava mesmo com febre, me dispus a conseguir um termômetro. O local mais conveniente pela proximidade – ficava em frente à casa de Carla – era o Instituto Social das Medianeiras da Paz (ISMEP)⁴¹ frequentado por ela própria por vários anos. Pedi ajuda a uma freira que negou dizendo que se fosse ajudar a todos não faria mais nada o dia inteiro.

Decidi me deslocar mais uma quadra e fui até a farmácia comprar um termômetro para auxiliar Carla. Este fato trouxe a tona tanto a vulnerabilidade de Carla quanto a postura da associação de caridade em relação às necessidades cotidianas dos moradores. Embora, Carla não tenha estranhado a reação da religiosa, pois não frequenta o local há muitos anos e as freiras que ela conhecia não estão mais no local.

O episódio do termômetro, além de, em alguma medida, ter me colocado na perspectiva não de observadora, mas de quem vivencia a dificuldade do

⁴⁰ De fato, em outros momentos da minha vida profissional, a ida constante em uma residência em um outro bairro popular para um trabalho semelhante, a minha presença suscitou em alguns moradores a hipótese que eu seria da polícia e estaria secretamente visitando aquela família com objetivo de investigar a comunidade.

⁴¹ O Instituto Social das Medianeiras da Paz (ISMEP) ou simplesmente “Patronato” como é conhecido pelos que nasceram no local é uma forte referência para a comunidade, através dos projetos desenvolvidos para crianças entre seis e catorze anos. Nestes projetos, segundo os moradores, são desenvolvidos cursos de música, informática e dança.

cotidiano na comunidade, revelou ainda mais sobre Carla e sua vida. A febre de Carla se intensificava com o cansaço físico gerado por horas a fio na máquina de costura. Após ser medicada, disse que iria embora, mas ela preferiu que eu ficasse, pois seriam mais algumas horas longe da máquina de costura.

Este relato de um trabalho exaustivo ao qual Carla se submete, pois não tinha outra opção similaridade com os trabalhos extenuantes aceitos pela população de baixa renda como descritos por Souza em *A Ralé Brasileira...*, que retrata também a desvalorização das atividades executadas.

Estes aspectos foram considerados na volta em dezembro de 2015 permitindo um paralelo entre as duas situações. A quantidade de dados já era bastante considerável, abrangendo os principais objetivos desta Dissertação, o retorno nas famílias permitiu identificar permanências e mudanças nas relações familiares estabelecidas e no acesso ao trabalho.

Uma família foi alvo particular de atenção. A “casa” de Socorro, a qual vou me referir como barraco para dar a dimensão do que foi presenciado, era uma das residências mais precárias visitadas por mim durante esta pesquisa. Às margens do mangue, tratava-se de uma improvisação de tábuas e latão, de chão batido e coberta com telhas de amianto muito desgastadas. No entanto, este barraco contava com Internet sem fio, paga por Socorro com o que recebia do Bolsa Família. Tratava-se de uma Internet “partilhada”, o que significa que alguém compra o serviço da operadora e distribui para os vizinhos mediante o pagamento de R\$40,00 mensais.

Em outra visita, esta mesma casa, que não contava com serviços básicos como água e luz, mostrou outra situação *sui generis*. Me surpreendi com a filha mais nova de Socorro brincando em uma piscina no beco que dá acesso ao barraco (ver figura 01). Já havia presenciado o que para mim representavam amplas contradições na minha trajetória profissional, como as enormes televisões de plasma em casas minúsculas, compradas em parcelas o que foi vastamente divulgado na mídia a partir dos anos 2000, com o

crescimento da chamada Nova Classe Média ⁴² brasileira e o acesso a bens de consumo.

Neste caso, além de representar o acesso a bens de consumo, indica o cuidado que a dona de casa dispensa aos filhos, proporcionando lazer da forma que é possível. É um ato moralmente aceito, já que representa materialmente o amor de uma mãe pela filha ou um ato devocional como indicado por Miller (2002).

Trata-se de uma demonstração do carinho, do amor e reforça o papel da “mãe e dona-de-casa” que mesmo passando por restrições econômicas proporciona para a filha brincar como qualquer outra criança da idade dela. O que levou Socorro a comprar a piscina para a filha não é questionado, já que ela garante o básico da alimentação e vestuário “administrando” o salário do marido.

Quanto à questão do abastecimento de água, é natural que ela disponha deste recurso através da casa da irmã, já que entre elas há um acordo tácito de ajuda mútua.

⁴² Conforme debatido no primeiro capítulo, o termo nova classe Média Brasileira, atribuído à ascensão econômica de mais de 30 milhões de brasileiros, é alvo de uma intensa polêmica. O próprio conceito de classe social, conforme analisado por Thompson como fenômeno histórico e travado a partir das relações entre pessoas pressupõe mais do que um aumento de renda. Jesse de Souza exemplifica que falar de “classe média” equivale a equiparar estes indivíduos com os da classe média de outros países, como Alemanha e Estados Unidos.

Figura 01 – Piscina infantil em um barraco sem serviço de água



Fonte: Acervo pessoal da autora. Janeiro de 2013.

Na minha concepção, estas contradições presenciadas no Bode eram ainda mais marcadas, talvez pelo meu envolvimento mais prolongado com estas famílias, e passaram pelo meu próprio crivo moral, pautado no senso comum que repreendia este tipo de conduta e me motivaram a construir o presente objeto de estudo desta Dissertação.

Apresento em seguida as principais características das trajetórias das três participantes do projeto na Comunidade do Bode conforme presenciado na primeira ida a campo em dezembro de 2012.

3.1.3 Salário fixo e melhoria de vida

Socorro se considera uma pessoa alegre, que nasceu e sempre viveu na Comunidade do Bode. Ela é casada há 14 anos com Cláudio, servente de pedreiro, de 35 anos com quem tem duas filhas, Jennifer de 13 anos e Melanie, de 5 anos. Socorro tem ainda mais dois filhos de um primeiro relacionamento, Alison de 20 e Alícia de 17 anos. A família vivia em 2012 em um barraco montado com pedaços de madeira e latão improvisados, chão de terra batida e diversas tábuas de madeira que sustentam a escassa mobília, evitando a perda quando a maré subia.

Socorro trabalhava esporadicamente como manicure, mas pensava em conseguir um trabalho fixo para ajudar nas despesas da casa. Já tinha trabalhado como faxineira e lavando roupa para fora, geralmente em casas de Brasília Teimosa. Em 2012 dizia que não conseguia emprego por conta da idade, estava com 44 anos, e também porque Cláudio estava trabalhando registrado na Construtora Queiroz Galvão, com carteira assinada, numa situação diferenciada, já que até então ele era pescador de mariscos.

A relativa estabilidade financeira desta família ocorreu em um momento histórico em que o Estado de Pernambuco apresentava um crescimento econômico superior à média nacional⁴³. Em decorrência, houve uma expansão de postos de trabalho, notadamente impulsionados por um ciclo de investimentos fazendo com que o emprego formal em Pernambuco crescesse 3,7% a.a. de 2008 a 2013. Nesse período foram gerados 303,9 mil novos postos de trabalho no Estado, destacando-se construção civil, com 73,1 mil novas posições, 24,1% do total [...] (Conjuntura Econômica Pernambucana em Perspectiva. Boletim Regional do Banco do Brasil, 2014).

A situação financeira desta família melhorou consideravelmente depois que Cláudio passou a trabalhar como servente de pedreiro para a construtora Queiroz Galvão na construção da Via Mangue, via de acesso para o bairro de Boa Viagem que circunda a Comunidade, isolando o *Shopping Riomar*. A relativa estabilidade financeira proporcionou em um primeiro momento, o acesso da família a bens de consumo, melhoria da alimentação e a realização do sonho da reforma da casa.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2011, Pernambuco representava a segunda maior economia do Nordeste com participação de 18,8% do Produto Interno Bruto (PIB) da região e 2,5% do PIB Nacional.

Esse desempenho decorreu, em parte da recuperação do salário mínimo, da expansão de benefícios previdenciários e de transferências assistenciais, que têm maior impacto nos estados de renda média mais baixa. Adicionalmente, investimentos realizados no estado, sobretudo em projetos de grande porte como a refinaria do Nordeste, contribuíram para o maior dinamismo da economia pernambucana no passado recente (Conjuntura Econômica

⁴³ Conjuntura Econômica Pernambucana em Perspectiva. Boletim Regional do Banco do Brasil. <http://www.bcb.gov.br/pec/boletimregional/port/2014/04/br201404b1p.pdf>

Pernambucana em Perspectiva. Boletim Regional do Banco do Brasil, 2014).

Em um primeiro momento houve a melhoria no consumo de alimentos. Em seguida Socorro comprou itens para os filhos relacionados a lazer como bicicleta, piscina de plástico e incluiu o serviço de Internet *wifi* na residência. A reforma começou a ser pensada com o primeiro 13º salário quando compraram o material e deixando no próprio armazém de construção até a hora de começar a obra.

O vínculo de trabalho formalizado proporcionou à família uma situação de vida bem diferente de um passado recente quando Cláudio pescava mariscos na maré e era muito frequente que precisassem da ajuda de parentes para sobreviver. Cláudio abandonou a escola na quarta série para ajudar na sobrevivência da casa dos pais. Ele foi pescador de siris desde os 12 anos e pela primeira vez trabalhava com carteira assinada, dispondo de uma renda fixa (recebia um salário mínimo mensal). Apesar de relatar as dificuldades com a pescaria, esta é uma alternativa sempre considerada em caso de desemprego. Mesmo conhecendo a precariedade desta atividade e sabendo que Cláudio já ficou por 6 meses desempregado e pescando, quando ganhava apenas o suficiente para a sobrevivência, a pesca é sempre uma alternativa presente.

Socorro é quem administra a renda familiar, composta até então pelo salário mínimo do companheiro e R\$265,00 do PBF além de alguns trocados ganhos como manicure. Orgulha-se em dizer: “Ele coloca o dinheiro na minha mão e diz: se vira! Às vezes eu dou 50, 100 reais para ele gastar” (SOCORRO, fevereiro de 2013). Este último comentário foi dito em tom de ironia e na certeza da obediência do marido e de controle da parte dela. É ela quem comanda as finanças da casa e diz nunca comprar nada por impulso. Sempre tem um “dinheiro pouco” para as emergências, normalmente comida ou remédio.

A péssima condição de moradia da família era apresentada por ela como um dos principais pontos de tensão, pois envolvia insegurança física, além de ser motivo de baixa autoestima. Na maré alta, a presença de ratos e escorpiões era frequente, atraídos pela umidade e restos de alimentos, sendo que um dos sobrinhos de Socorro tinha sido mordido por um rato, tendo que

ser hospitalizado. Como se tratava de um barraco, o teto muitas vezes dava sinais de que estava cedendo. A moradia era também motivo de vergonha para esta dona de casa que já ouviu em Boa Viagem comentários a respeito da imundície dos habitantes do Bode. Por isso, não gostava de receber visitas. “Ninguém vem na minha casa que eu não gosto” (SOCORRO, fevereiro de 2013).

Logo após me receber em casa, disse que topou conversar comigo porque me achou uma pessoa “boa”, mas que não gostava de todo tipo de “gente” (se referindo aqui às mulheres de Boa Viagem que falavam dos moradores do Bode com preconceito), e que se não tivesse “topado” comigo, nenhum dinheiro a convenceria a participar da pesquisa. Na primeira visita insistiu em dizer que era muito chata e expliquei que não emitiria julgamentos sobre o jeito que as pessoas viviam, pois o intuito era entender hábitos de vida e de consumo das famílias. Confesso a minha dificuldade particular em não julgar já que os contrastes com a minha realidade eram muitos. Chamava a atenção, por exemplo, que Melanie estivesse brincando em uma piscina de plástico em uma casa que não tinha sequer água encanada disponível.

Meus aprendizados neste caso foram muitos. Passei a observar que os critérios de escolha das aquisições para a casa seguiam uma lógica diferente da que é consenso nas famílias de classe média. Esta dona de casa tentava suprir as necessidades da família através da improvisação e tentava garantir alguns bens que eram importantes para o lazer e divertimento dos filhos. No caso da água, por exemplo, ela conseguia com uma mangueira encher um reservatório feito de tijolos através de uma torneira da casa da irmã. É assim que conseguia água para as necessidades da casa, desde a preparação de alimentos até o banho. É assim também que conseguia encher a piscina para Melanie brincar.

Quando questionei sobre as contas de luz e água, ela contou que ali ninguém tinha coragem de ir cortar os serviços, pois os próprios moradores impediam que os funcionários das concessionárias fizessem o seu trabalho. Comentou que a característica dos moradores da região era de resistência a cobranças dos serviços de eletricidade e esgoto, igual à outra favela vizinha, a Comunidade de Brasília Teimosa. O próprio adjetivo explicita uma

característica dos primeiros moradores que com teimosia voltavam às casas depois que os policiais tentavam inutilmente expulsá-los do lugar. Assim como em Brasília Teimosa, a concessionária não consegue cortar a luz e água dos moradores, pois eles mesmos religam no outro dia.

Durante o período desta primeira fase da pesquisa constatei que com o aumento de renda de Cláudio e principalmente pela continuidade do recebimento do salário, eles começaram a planejar a “reforma” da casa. O material de construção foi comprado aos poucos e o casal contou com a ajuda de parentes e amigos na mão de obra, o maior gasto previsto na construção. A casa estava sendo construída no terreno invadido deixado pela avó de Socorro, uma antiga moradora do Bode que viveu neste terreno por mais de 60 anos. Ela se comparava com outras pessoas da favela que precisam pagar aluguel para sobreviver e se sente uma privilegiada em poder construir a casa e ter terreno para continuar a construção de um espaço que seria no futuro uma fonte de renda através de aluguel.

Apesar de se sentir privilegiada por ter um terreno que possibilitava a construção de duas casas, uma para moradia e outra para alugar, Socorro comentava como o local onde viviam era extremamente precário. Os lixos se amontoam na orla da maré, que tem frequentes cheias, inundando e espalhando o material, causando como consequência um constante mau cheiro. A margem da maré é onde se concentram as casas mais pobres, não há calçamento e os barracos são improvisados. Além disso, segundo os moradores, existe a presença de traficantes de drogas e aliciadores para prostituição.

Uma das maiores preocupações de Socorro era com o futuro dos filhos para que não se envolvessem com drogas ou prostituição, o que ocorre frequentemente com muitos jovens da Comunidade. É comum haver batida policial, já que o Bode é um local visado pela proximidade com o bairro de Boa Viagem. Eu, inclusive, presenciei em uma das minhas idas à Comunidade, a entrada do Batalhão de Operações Especiais (BOPE) à procura de um suspeito de assassinato.

Socorro dizia fazer questão de garantir educação aos filhos, sendo que os 3 filhos mais velhos estudam em escola pública e a menor em uma

escolinha particular da Comunidade. Ela mesma tem até a 8ª série, ano em que parou de estudar porque estava grávida de Alison e depois se disse sem paciência para voltar para a escola.

Apesar da baixa escolaridade, Socorro era muito hábil com a administração do dinheiro. Para a construção da casa, por exemplo, quando recebeu através de doações duas cestas básicas no final de 2012, economizou o dinheiro da comida, conseguindo, desta forma, comprar uma boa parte do material de construção que iriam necessitar. A outra parte desse material foi adquirida através de financiamento pela Caixa Econômica em meados de março de 2013.

A alternativa de pedirem um empréstimo direto ao banco foi impulsionada pela disponibilidade de um montante maior que a utilização de cartão de crédito para a compra direta dos materiais de construção. Eles se sentiram pressionados com o início das chuvas e precisavam terminar a construção com urgência. No empréstimo de R\$700,00 para pagar em 24 vezes de R\$48,00, dois apelos interligados foram importantes: o valor baixo das prestações a serem pagas e a facilidade de se “conseguir” o dinheiro para pagar em caso de perda de emprego. Socorro fez as contas a partir de quantas unhas seriam necessárias para pagar a prestação mensal e a partir deste cálculo o empréstimo passou a ser viável. Para este caso específico seriam necessárias três unhas por dia, o que para ela é muito viável para o pagamento da prestação. Esta mesma lógica em relação a empréstimos foi utilizada alguns anos antes em números de lavagens de roupas, o que levou Socorro a ter o nome sujo.

Tenho o nome sujo no Hipercard. Tava com dívidas muito altas e fiquei sem roupa pra lavar. Já faz seis anos ou mais. Nem me lembro mais com o que gastei. Não me lembro também de quanto é. Nunca veio acordo, me arrependo porque é um cartão bom medonho. No Hipercard, parcelado sai pelo preço de a vista. É muito bom de comprar. O limite era de R\$150,00 na época (SOCORRO, março, 2013).

A questão do crédito é importante para esta família. A partir do momento que Cláudio se estabeleceu em um emprego com renda fixa, o cartão de crédito passou a ser utilizado rotineiramente. As contas da casa consomem os R\$350,00 disponíveis no cartão de crédito que é prioridade no pagamento já que é comum que eles comprem produtos de alimentação no crédito.

No gerenciamento das contas da casa, o principal gasto é com alimentação, já que ela não paga nem conta de água nem de luz. “Aqui na favela ninguém paga essas coisas não” (SOCORRO, janeiro de 2013). Como já mencionado, ambas são “gambiaras” da instalação da irmã, que mora numa casa vizinha à de Socorro. Outro gasto importante é com vestuário, em que para ela simboliza cuidado consigo mesma e com os filhos.

A comida é o mais importante e depois a roupa. Pode ser que eu queira sair e tenho uma roupa melhor. Causa uma boa impressão aos povo. Tem um bem estar, olha fulana tá é bonita. Você se sente bem. A gente não pode estar toda vida “malamanhada”, o povo fala por tudo (SOCORRO, fevereiro de 2013).

O acesso à Internet foi motivado para que os filhos pudessem fazer os trabalhos escolares. Por isso ela pagava mensalmente um valor de R\$40,00 para ter acesso a uma Internet compartilhada que era utilizada no tablet de Alison, recebido por doação através da escola estadual.

3.1.4. Um exemplo da ralé de Jessé de Souza: Forte restrição de renda e esperança

A situação da família de Graça era de muita escassez na ocasião desta primeira ida a campo em 2012. Casada com Adauto há dois anos, foi morar na Comunidade do Bode para fugir de uma situação de agressões e humilhações que sofria quando vivia no bairro do Barro, onde morava próximo da família extensa. Graça relata que foi adotada e desde pequena era vítima de agressões por parte dos irmãos adotivos. A mulher que a adotou morreu pouco tempo depois da sua chegada e a sua filha mais velha faz questão de marcar diferença entre Graça e os outros irmãos, fazendo-a passar por humilhações diversas.

Para fugir dessa situação, Graça casou-se na esperança de começar uma etapa de vida com mais tranquilidade. Mas em pouco tempo de convivência o companheiro demonstrou ser violento, agredindo-a constantemente e aumentando as reclamações da irmã que morava próximo. A situação ficou insustentável e Graça, que naquela altura já tinha três filhos, resolveu separar do marido e entrou para a igreja evangélica neopentecostal, Assembleia de Deus Fonte de Belém. Foi nesta igreja que ela conheceu o pastor Adauto com quem vivia na época da pesquisa.

Para sair da tensão cotidiana de conflitos e disputa por bens, já que a mãe adotiva deixou uma casa para os filhos, mas os irmãos de Graça se recusam a colocá-la na partilha, ela e Aduino decidiram morar na Comunidade do Bode por influência de outro pastor conhecido da mesma igreja que frequentam.

Essa decisão implicou em um recomeço no Pina onde não contavam com uma rede de solidariedade dos parentes e também de possibilidade de trabalhos. Assim, Graça que era faxineira e conseguia ter quase todos os dias preenchidos quando morava no Barro, encontrava maior dificuldade em se estabelecer. Naquele momento afirmava que a luta diária era ter comida para as duas filhas menores que levou com ela. Tanto Amanda quanto Richard permaneceram por falta de condições morando com a irmã no Barro.

A casa onde viviam, localizada no início da “favela” (de acordo com os próprios moradores, é um dos setores mais pobres e violentos da Comunidade do Bode, próximo à maré) e extremamente precária. Para o acesso da moradia, atravessávamos um córrego com forte mal cheiro e entrávamos em um beco onde também viviam cerca de cinco famílias. A moradia de Graça, suas duas filhas mais novas e Aduino, é a última deste beco. Escura, húmida, extremamente quente, com vários sinais de mofo nas paredes, com o teto baixo em diversas partes da construção.

As portas e janelas eram muito velhas, com aspecto improvisado e com uma pintura muito antiga. Normalmente Graça fazia questão de deixar as janelas fechadas para preservar a sua família de comentários de vizinhos e também por conta do comportamento das outras famílias sempre envolvidas em discussões e brigas. As portas fechadas aumentavam ainda mais o calor, mas diminuía o barulho provocado pelos aparelhos de som da vizinhança principalmente escutando “brega” e “swingueira”. Estes dois ritmos eram condenados em função da religião de Graça, que se referia ironicamente aos vizinhos como “bença”.

Graça tinha a certeza de que estavam passando por aquela situação por vontade de Deus e vislumbrava um futuro melhor a partir da melhoria de saúde de Aduino. Ela se sente muito grata a Deus por este segundo companheiro apoiá-la, ser carinhoso e não ser violento com ela. Aduino teve um grave

problema de coluna que muitas vezes o impediu de trabalhar como soldador, sua principal atividade de renda. Ser pastor da igreja não conferia nenhum dinheiro, pois, como revelou Graça, a igreja “ainda está começando” e o dízimo era revertido para o aluguel do espaço onde aconteciam os cultos. Dizer que a igreja “ainda está começando” tinha um sentido de um investimento que ainda não trazia retorno financeiro, ou seja, eles ainda não conseguiam se manter com a igreja, mas essa possibilidade não era descartada.

Apesar de enfrentar sérias dificuldades de sobrevivência e por ter que pagar aluguel, ela se sentia muito melhor do que quando vivia no Barro. A ajuda dos “irmãos” da igreja foi fundamental para a sobrevivência da família. Era comum que na ida à padaria sem dinheiro algum, algum irmão dissesse que “sentiu no coração” que deveria ajudá-la ou que receba cestas básicas da igreja. A pastora da igreja também ajudava com dinheiro “enviado por Deus” que auxiliava nos gastos da casa. Eram os amigos da igreja que conseguiam os trabalhos eventuais, as “ôias” como é dito na linguagem local. Apesar de muito eventuais, foi a partir das “ôias” que a família sobreviveu. Eles também contavam com doações de alimentos do ISMEP – o “Patronato” como é conhecido pelos moradores – associação de religiosas da Igreja Católica, da qual as filhas que moram com ela, faziam parte de um projeto comunitário.

Percebe-se, pelo tom utilizado nas conversas sobre as muitas ajudas recebidas que a intercessão divina tem um sentido importante para esta família: diminuir a humilhação e culpa pela precariedade e escassez vividas. Inclusive quando eu mesma ajudei com uma feira em uma das visitas em que a família não tinha o que comer. A ajuda foi muito bem vinda, sem falsas escusas já que de fato estavam precisando e livre de julgamentos de inferioridade. Afinal de contas, Deus havia intercedido e falado no meu coração que a família precisava de ajuda.

No nosso último encontro em 2013, Graça estava muito tranquila como das outras vezes e explicou que estavam sem nenhum alimento porque neste dia a pesquisa versava sobre este tema. As questões eram direcionadas para consumo de todos os tipos e incluíam os gastos relativos à alimentação. Ela expôs a situação, contando que as últimas refeições foram iogurtes doados pelas freiras do “Patronato” e que dali por diante estavam nas mãos de Deus.

Ofereceu chá com o resto de açúcar que tinha e frisou que não queria assustar as meninas com a falta de comida, pois o importante era estarem alegres e confiarem em Deus.

Apesar da situação de instabilidade e penúria, Graça demonstrava muita esperança de que a situação iria melhorar e fazia questão de não chamar atenção para a pobreza, principalmente no racionamento dos alimentos. Fazia o possível para que as filhas não se sentissem humilhadas com a escassez que viviam. Toda esta estratégia foi apoiada na certeza de que Deus iria prover e agir em favor dela e da família para que conseguissem superar as dificuldades.

O consumo da família era muito restrito, e Graça economizava o máximo que podia. Era muito raro que saíssem de casa para passear e muito menos comer fora, sendo que as saídas se resumiam às idas à igreja. Ela se esforçava principalmente para não estragar, não desperdiçar nada de alimentação. Era raro comprar algum eletrodoméstico e muito do que tinham em casa foi negociado em faxinas com as donas de casa para as quais trabalhava. Foi assim, inclusive, com o celular e com a televisão que trocou com a patroa por faxinas.

Eles não têm acesso à Internet e um dos motivos observados por mim no decorrer do trabalho é que Graça lia com muita dificuldade. Em uma das minhas idas até a casa, ela mostrou uma cartilha recebida no posto de saúde e me pediu que eu lesse para ela, aproveitando a oportunidade para saber do que se tratava. Para o futuro, porém, os sonhos de consumo eram principalmente tecnologias domésticas como microondas e máquina de lavar roupas, além de *tablets* para as filhas.

O desejo de melhorar de vida se reflete em conseguir ter acesso a bens de consumo e revela o valor moral atrelado às compras. Proporcionar conforto para os filhos através dos eletrodomésticos traz uma valorização do sentido de ser “mãe”. Reforça os próprios valores morais que sustentam e ideia de uma boa dona de casa.

Apesar da forte restrição de renda, Graça tinha acesso a pequenos créditos, oferecidos nas lojas onde comprava e pela conta corrente na Caixa

Econômica Federal, adquirida a partir do recebimento do Bolsa Família. Hoje ela declara ter muito medo de utilizar estes créditos, porque no passado contraiu uma dívida para uma amiga em um cartão de uma loja de varejo que deixou de pagar as prestações, tendo inclusive mudado de bairro.

3.1.5. Batalhadora do Pina: “Eu lutei e consegui”

Carla vivia numa área da Comunidade do Bode que era visivelmente mais bem estruturada, contando com calçamento, casas de alvenaria mais espaçosas e principalmente mais distantes da maré, fato que diminuía o risco de insetos peçonhentos e ratos, embora Carla tivesse sido picada uma vez por um escorpião durante o tempo em que esteve na Comunidade. Ela morava com o marido Sérgio e os dois filhos, Serginho e Luana, numa casa cujo terreno era dividido entre ela, a mãe e o irmão.

Carla enfrentou grandes problemas na infância quando a mãe tinha muitas dificuldades em cuidar dela e dos dois irmãos. Mãe solteira e com fama de “desmiolada”, a Dona Josefa tinha má reputação no bairro. Carla contou que quando criança ouvia as pessoas do Bode dizer que ela e o irmão Fábio estariam certos nas drogas e prostituição. Ambos participaram desde cedo, aos 9 anos de idade, dos projetos de acompanhamento de crianças do “Patronato”.

Era no projeto onde os dois tinham a única refeição do dia e foi lá que conheceram a irmã Andréa, uma freira que hoje não trabalha mais na Comunidade, mas que na época realizava um curso de corte e costura, frequentado por Carla com grande interesse e divisor de águas na vida dela. “A gente foi criado no projeto, batia dois pratos de sopa por dia porque não tinha comida em casa. Foi assim que eu terminei meus estudos, nunca faltei” (CARLA, fevereiro de 2013).

Após o projeto terminar, Carla passou a trabalhar como costureira para o “Patronato” e conseguiu experiência na atividade. Assim conseguiu realizar os sonhos de manter uma casa e ter uma profissão. Ela se sentia realizada ao ver as pessoas usando as roupas costuradas por ela durante o carnaval. Ela chegou a trabalhar como empregada doméstica para juntar dinheiro para

comprar a máquina de costura com overloque e ter dinheiro para comprar matéria prima, tecidos e linhas para começar a costurar. Carla tinha planos de no futuro ter a sua própria lojinha para vender os produtos que ela mesma confeccionava, principalmente vestuário em malha, biquínis e roupas de ginástica.

Consegui com luta, suor... muitas vezes olhava as coisas na casa das minhas colegas e minha mãe não conseguia dar. Aos pouquinhos comprei minha máquina. Desde os 12 eu costuro, a gente fazia almofada, os tecidos de doação a gente fazia coisa pra bazar, fuxico, a gente utilizava tudo da doação. Depois comprei uma máquina (de costura) pequena, as meninas traziam a revista e eu faço do mesmo jeitinho. 'Por que eu vou dar 400 reais numa coisa que Carla faz igualzinho por bem menos?' Eu foquei na costura, porque gosto muito de roupa, eu e meu irmão usava muita coisa dos outros. Pra mim, ter minha casa, minhas coisas é uma conquista enorme, felicidade enorme. Hoje, no carnaval, eu vejo as pessoas usando as minhas roupas. Eu lutei e consegui, me proporciona bem estar (CARLA, fevereiro de 2013).

O dia a dia de Carla era, no entanto, extremamente cansativo. Durante as minhas visitas a casa dela, agradecia por parar alguns momentos para falar sobre si mesma. Isto porque no cotidiano chegava a ficar horas infindas na máquina de costura para entregar as encomendas no prazo. Era comum se automedicar para aliviar as dores na coluna porque o posto de saúde era distante e muitas vezes estava superlotado. O marido trabalhava com carteira assinada e ficou desempregado dois meses depois da minha entrada na Comunidade. A renda dela apesar de variável, permitia a eles uma certa estabilidade e planejamento do consumo. Os meses em que ela tinha um maior fluxo de clientes eram os do verão, e com o que recebia procurava estocar alimentos e produtos de higiene, comprando fardos de arroz e feijão, farinha, latas de óleo, sabonetes, pasta de dente, etc.

É uma conquista porque fui criada sem pai, minha mãe nunca trabalhou de carteira assinada. Pôxa, eu consegui! Me dá um orgulho, eu consegui manter uma profissão, que eu posso me manter e manter minha família. Às vezes você passa por muita humilhação em casa de família. A patroa não te dá férias, 13º, indenização, tem patroa legal, mas tem umas que exploram, tô ali porque preciso (CARLA, fevereiro de 2013) .

Carla contava com a rede de amigos, além da família, principalmente na educação dos filhos. Sérgio e Luana desde cedo tinham contato com computador e Internet. Eles estudavam numa escolinha particular do bairro que é paga com a ajuda dos padrinhos. Existia uma preocupação constante com a influência dos moradores da favela na educação dos filhos. "Aqui no Pina tem menino de 13 e 14 anos que já é traficante. As mães não cuidam de verdade, educar, botar na escola" (CARLA, fevereiro de 2013).

A casa onde Carla morava era precária, mas apresentava algumas diferenças das outras duas residências observadas. Na frente via-se uma primeira construção e paralelo a esta um corredor estreito e longo. Por ele, podia-se chegar até um espaço onde se encontrava a “casa” em que ela morava e à direita outra “casa” em reforma. Carlos comprou a “casa” onde Carla mora de um dos tios e cedeu para que a irmã ficasse até ter condições de reformá-la.

Carla tem enorme admiração e gratidão por Carlos. Para ela a união dos dois foi o que os “salvou” de uma vida perdida nas drogas e prostituição. Muito cedo os dois passaram a cuidar do irmão mais novo e da mãe deles. Carlos trabalha como autônomo com instalação de câmeras e faz bicos como vídeos, tendo inclusive feito um breve documentário sobre Brasília Teimosa.

3.2. A volta ao campo

O retorno à comunidade do Bode e às famílias da classe trabalhadora do recife Neste item o objetivo é apresentar as entrevistas e avaliar e analisar os dados obtidos na volta à Comunidade do Bode.

Estes encontros foram realizados em dezembro de 2015 e tiveram uma duração de aproximadamente quatro horas em quatro idas até o local. As entrevistas foram realizadas principalmente com Graça, Carla e Socorro, em função da afinidade e proximidade estabelecida com ela, tendo conversado também com os filhos, marido e visitas que se encontravam na casa.

Esta apresentação considera o formato do roteiro elaborado para observar os temas importantes para a pesquisa. Neste caso, três blocos de perguntas contemplaram aspectos relacionados ao tema. O primeiro grupo de perguntas tratou de aprofundar aspectos do cotidiano da família levando em consideração possíveis diferenças que tenham ocorrido ao longo de quase três anos. No que diz respeito à composição familiar, a orientação foi entender se houve alguma mudança e quais os reflexos na família. Também foram abordadas nesta seção as visões relativas à própria comunidade e se houve alguma influência em relação à presença do *Shopping Riomar* e a conclusão da Via Mangue.

Na sequência, o enfoque foram as alterações e a composição da renda e no orçamento doméstico. Para isto, procurou-se entender se houve alterações nas formas de obtenção de renda, quem é atualmente o principal provedor e se houve mudanças nos vínculos de trabalho. O complemento deste tema foi relacionado ao consumo de uma forma mais ampla e se privilegiou o sentido das compras de bens duráveis caso tivesse ocorrido.

A última parte do roteiro tratou especificamente sobre o consumo de tecnologia da informação. Ainda que este tema não esteja desvinculado dos demais já que se insere em diversas esferas do cotidiano dos indivíduos, houve uma pormenorização sobre o que se consome no presente momento, observando detalhadamente os produtos que foram adquiridos e de que forma ocorreram essas aquisições; quais os produtos encontrados na residência e as formas de interação racionalizadas ou não acerca do consumo de tecnologia.

É importante frisar o quanto as teorias abordadas nas disciplinas do programa de Mestrado Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social ampliaram a minha visão acerca da Comunidade do Bode nesta revisita. Desde a conversa para o agendamento, até o trajeto percorrido para a residência das famílias em questão, os elementos estavam repletos de significados que farão parte da narrativa como uma contextualização do tema. Infelizmente, os registros fotográficos nas ruas ficaram impossibilitados pela presença massiva do tráfico de drogas. Por isso, as imagens se limitaram a retratar o interior das residências e os produtos privilegiados no consumo de tecnologia, principalmente *smartphones* e *tablets*.

3.2.1. Alterações e permanências na vida das famílias

Desde o contato telefônico⁴⁴ para o agendamento da volta às casas foram reveladas algumas mudanças nas vidas de Socorro, Carla e Graça. Antes de tudo, demonstraram ter afetividade por mim, expressa em palavras como *saudade* e *falta*. Relataram minha ausência e disseram que por conta das visitas constantes em 2013 tinham se acostumado a me ver sempre na casa. Disseram que se lembravam constantemente de mim, apesar de não entrar em contato, já que a vida é corrida e elas têm muitos afazeres.

⁴⁴ Antes de retornar às casas, entrei em contato por telefone para agendar um horário para conversarmos, já que fazia dois anos do término do trabalho da pesquisa de mercado.

No caso de Carla, a primeira mudança se referiu às alterações no comportamento da mãe, que em 2013 esteve presente auxiliando a filha nas tarefas da casa e também nas atividades de costura, indo comprar tecidos, por exemplo. Àquela altura, muitas vezes presenciei a mãe dela indo ao mercadinho para fazer compras para a casa, deixando assim o tempo livre para a filha trabalhar. Quando, neste contato telefônico dois anos depois, pedi notícias dos familiares, Carla conta que a mãe esteve envolvida com um homem de fora da comunidade e chegou inclusive a mendigar e dormir nas ruas. Uma história que abalou todos da família em especial as crianças que choravam com saudades da avó. Carla contou que o irmão, Carlos, que também mora no mesmo terreno, tentou interferir sem conseguir alterar a situação. Como os pormenores eram muitos, ficou de explicar pessoalmente o que ocorreu.

Já pessoalmente na Comunidade, pude observar que a composição familiar de dois casos continuou a mesma. A exceção ficou com a casa de Graça que trouxe os dois filhos que moravam na casa da irmã no bairro anterior onde viviam para morar com ela. A mudança foi ocasionada por problemas de saúde. A irmã sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC), apresentando posteriormente dificuldades de locomoção.

Duas outras mudanças chamaram a atenção na conversa com Graça por telefone, para uma reaproximação e agendamento do campo. A primeira sobre o relato que naquela semana mesmo havia lembrado de mim quando olhava fotos de um celular antigo. Ou seja, havia adquirido um celular novo, o que me interessou, já que em 2013 ela demonstrava resistência ao uso de tecnologia.

A outra diz respeito a uma suposta melhoria de vida com a mudança para uma casa maior. Em função disso, a entrevista foi agendada para a semana seguinte permitindo que ela se estabelecesse. “As coisas estão melhorzinhas”. Disse em tom de riso, dando a entender que a situação financeira melhorou com o passar do tempo.

Depois me contou que esta melhoria ocorreu através de um aporte de renda fixa através da filha mais velha que passou a trabalhar como atendente da lanchonete Bob's no *Shopping Riomar*, que fica bastante próximo da casa

onde vivem. Foi a primeira menção de Graça à minha pergunta sobre a melhoria de vida. A situação de instabilidade financeira continuaria a mesma, caso a filha não estivesse morando na casa.

Senti dificuldade em contatar Socorro por telefone. Já durante a volta ao campo fui pessoalmente até a casa dela e uma vizinha disse que ela agora estava frequentemente indo ao médico por problemas de coluna que apareceram depois de carregar cimento e tijolos para a construção da casa. Insisti no contato por telefone e consegui falar com ela, que disse que eu tive sorte que ela atendesse a ligação, pois o cartão telefônico agora estava no *tablet*, já que o celular quebrou.

Aproveitei o encontro com Graça agendado no “Patronato” para ir pessoalmente até a casa de Socorro. O trajeto incluía uma passagem relatada pelos moradores como perigosa por conta da presença de traficante de drogas. Neste trecho, havia diversos homens jogando dominó e tomando cerveja, numa cena típica da comunidade. Graça recomendou que nunca passasse por ali sozinha porque as notícias eram de muita violência e que três pessoas tinham sido recentemente assassinadas naquele local.

Percebi neste momento que os moradores da comunidade utilizam uma forma particular para denominar locais específicos que não serão inseridos aqui por uma questão de preservar a segurança dos moradores. Continuando o trajeto, chegamos próximo ao beco onde Socorro morava e soube, através de uma prima e vizinha, que ela havia saído. Esta prima contou que agora a rotina de Socorro incluía a ida constante a hospitais e consultórios médicos por conta de um problema de saúde. Adiantou que Socorro não estava trabalhando e se prontificou a passar o recado para ela. Consegui falar com ela por celular no dia seguinte, quando agendei uma visita à casa dela.

O empenho de Socorro para realizar a reforma da casa em 2013 foi inclusive físico. Uma das vezes que fui até a casa dela para realizar as entrevistas, testemunhei que ela carregava um balde de cimento para passar para os pedreiros. A consequência de todo esse esforço é que ela agora sofre com hérnia de disco e está inclusive afastada do trabalho. Condiz com a sua forma de pensar de que sem esforço ninguém consegue nada.

Todo esse esforço é também reflexo de uma forma de pensar na qual ela está inserida em que exerce o papel de mãe e como tal é responsável pelo bom andamento e conforto da casa. Souza chama a atenção para o sentimento de dignidade e honra conquistados através do consumo que refletem uma melhoria da condição de vida da família (2009, p.138).

A volta a campo e o contato depois deste tempo com as famílias de Socorro, Graça e Carla revelou que os três grupos familiares passaram por uma forte instabilidade financeira no decorrer dos dois anos. Os maridos ficaram um período de tempo desempregados e fazendo “oias” que garantiam o mínimo para a sobrevivência. Para Socorro, a saída de Cláudio do emprego na construção civil e o recebimento de garantias do trabalhador como o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) representaram a compra de material de construção para continuar na reforma da casa, além da aquisição de diversos eletrodomésticos.

[E Márcio nesses 11 meses parado, o que ele fez?] Foi pra maré pescar siri⁴⁵. [Quanto ficava a renda dele nessa época?] Rapaz, tava baixo que a maré tava fraca. Mal pegava o pão e a carne. E eu tava trabalhando, aí completava (SOCORRO, dezembro de 2015).

Após alguns meses desempregados, depois da minha saída das casas em 2013, tanto o marido de Socorro como o de Carla voltaram ao mercado de trabalho fixo. No caso particular de Carla, houve uma considerável melhoria na renda individual dela através da revenda dos biquínis por duas clientes. Em 2012, a renda dela era sazonal, concentrando-se nos meses de setembro a dezembro, quando ela aproveitava para estocar alimentos não perecíveis, como feijão, arroz e óleo, dentre outros para passar pelos períodos em que a renda diminuía. O marido encontrou um emprego e nele conta com carteira assinada o que garante uma maior estabilidade financeira.

A maior mudança aconteceu na renda da própria Carla, quando ela passou a revender biquínis. Atualmente ela conta com três vendedoras que, segundo ela, vendem o equivalente a quase um salário mínimo mensal. Com uma parte dessa venda, ela comprou um pula-pula infantil que coloca na frente da casa ou aluga para festas. Já que ela não tem cartão de crédito por conta

⁴⁵ A importância da maré para a comunidade é percebida quando ocorre a perda de emprego e voltar a colher marisco se configura como uma alternativa. Principalmente no caso de Sérgio que trabalha nesta atividade desde os 12 anos.

de dívidas, a compra do pula-pula foi realizada no nome da vendedora e Carla paga as mensalidades do cartão com biquínis.

É importante frisar que em 2013 as três, Carla, Socorro e Graça estavam endividadas com cartões de crédito. Cada uma por um motivo particular, mas todas passaram por um descontrole financeiro ocorrido com os imprevistos do dia a dia. Segundo os relatos, as três receberam uma comunicação do banco oferecendo um crédito de valor baixo, de R\$300,00. Carla e Socorro chegaram a utilizar o cartão por alguns meses efetuando o pagamento, mas a instabilidade financeira delas e dos maridos fizeram com que acumulassem dívidas e parassem de pagar as mensalidades. Os juros foram se acumulando até chegar num patamar insustentável. Ambas gostariam muito de quitar as dívidas, mas não conseguem por conta do valor alto acumulado. No caso de Graça, o cartão de crédito foi emprestado para uma vizinha que mudou de bairro e nunca voltou para pagar a dívida.

Pensando sobre o cotidiano na Comunidade do Bode, o relato de violência no trecho próximo à casa de Socorro foi comentado espontaneamente pelas duas outras donas de casa, Carla e Graça. Embora Carla acredite que a violência na comunidade tenha diminuído no decorrer dos últimos dois anos, as menções sobre as mortes neste trecho foram relatadas. De acordo com Carla, houve uma espécie de trégua em relação a duas gangues rivais: a da comunidade de Bode e a da Beira Rio, que disputavam o controle do tráfico de drogas na região. Essa “guerra”, segundo suas próprias palavras, atingia gente inocente, sendo que ela própria perdeu um cunhado por utilizar as mesmas roupas da marca Nike que o traficante usava.

Não tem mais aquele mata-mata que tinha. [...]. Matavam gente inocente, eu perdi um cunhado por causa disso. [...] Vinham matar um cara que estava no telefone de vacilo. Sendo que meu cunhado gostava muito de usar roupas de marca, essas coisas. E a mesma roupa que ele estava, da Nike, os caras que queriam matar ele (o traficante) tava. Esse menino saiu do orelhão e meu cunhado foi para o orelhão. E os cara vieram e já foram metendo bala, quando viram: eita, não é ele não! Sendo que meu cunhado já tinha caído num beco. [...] Só levou duas balas, uma na perna e uma no pé e uma bala dessas atingiu a veia do coração. Já era tarde, deixou 3 filhos homens. O filho mais velho é revoltado, já caiu no presídio 3 vezes por tráfico e roubo. [...] Tenho muito medo por Luana e Serginho (CARLA, dezembro de 2015).

Ainda que indiretamente relacionado pelo reconhecimento do cunhado de Carla através da Nike, surge o tema consumo de marcas por populações de baixa renda, principalmente após o fenômeno de expansão da classe

trabalhadora. A questão de acesso a marcas renomadas, tratadas em alguns casos como consumo de marcas, assim como o acesso a bens duráveis, vem sendo amplamente discutido no debate sobre consumo.

O artigo de Retondar e Barbotin, *Nova Classe Média, Luxo e Consumo: O Significado social do Consumo Entre Classes emergentes na Cidade de João Pessoa – PB* (2010) analisa os efeitos do consumo para além da esfera econômica, procurando entender os significados culturais e simbólicos atribuídos ao fenômeno. Isto porque, consumo e consumismo atuam como instrumentos nos parâmetros do atual estágio da sociedade capitalista.

Os autores apresentam duas perspectivas acerca do fenômeno do consumo de luxo e da ênfase nas marcas como no caso citado, que são comuns no debate sobre o tema: a emulação ou uma tendência do segmento popular imitar as elites para conseguir obter distinção e a visão de uma prática hedonista de busca do prazer através de uma autorrealização através do consumo.

A visão dos autores, no entanto, é focada na perspectiva de Gilles Lipovestky que desenvolveu uma lógica a respeito do consumo onde prevalece o “serviço” proporcionado pelos bens mais do que a representação como símbolos de *status*. No caso citado, estar vestido com uma camiseta da Nike identificava o mesmo padrão que caracterizou o traficante.

Ainda sobre a violência é importante destacar que para as entrevistadas mesmo com a violência latente, dependendo do período e do espaço, há de se considerar o aspecto da segurança que elas vivenciam e reportam. Relacionado a se sentir seguro em um local “familiar”, onde se pode transitar sem problemas e sem que nada relativo à violência vá acontecer. Isso é válido desde que seja mantido o respeito e a cordialidade no tratamento com os marginais, principalmente com os traficantes.

Lá aonde a gente morava (próximo à maré) era muito agitado, tinha gente na porta fumando maconha. [...] se a gente fosse reclamar... a gente não reclamava com medo por uma questão de... sabedoria pra ganhar, né. A gente não ia perder por estar reclamando. Às vezes jogavam uma bola e eu reclamava, mas depois eu disse, quer saber de uma coisa, não vou falar mais não. Aí eu passava brincava com eles e aí eles diziam: deixa o irmão passar e coisa e tal (Aduato, dezembro de 2015).

Na volta às casas para a atual pesquisa, uma atenção especial foi direcionada para o aprofundamento das conexões que as famílias

estabeleciam com o local de moradia, com o objetivo de adensar narrativas históricas sobre a própria comunidade. Esta investigação trouxe um aspecto importante a ser considerado na discussão.

Quando questionei a Carla sobre o que a avó contava sobre a chegada à comunidade e de como havia se estabelecido, o diálogo revelou a precariedade vivida por ela na infância impedindo até mesmo que houvesse uma transmissão direta da história vivida.

[Eu queria saber mais da tua ligação com a comunidade. Como foi que a tua avó chegou? Ela contava sobre isso?] Quando a minha avó faleceu eu era pequena, tinha 8 pra 9 anos. E tanta coisa aconteceu que a gente se esquece de muitas coisas. E no passado a gente teve muita dificuldade, a gente não teve aquele privilégio de sentar e conversar... a infância da gente foi muito sofrida, não tinha tempo de sentar (CARLA, dezembro de 2015).

É o que Souza trata em *A ralé brasileira, quem é e como vivem* a respeito de atividades extenuantes que obrigam os indivíduos a uma rotina voltada quase que exclusivamente para o trabalho, sem tempo para reflexões ou conversas como ocorre com a elite. Isto porque as atividades desempenhadas quase sempre conferem cansaço físico a estes trabalhadores (SOUZA, 2009).

Carla trata com muita consideração os idosos da comunidade. Lembrou o caso de uma senhora idosa, uma antiga moradora do Bode que não recebe o apoio devido das próprias filhas no sentido de dar atenção e escutar. Dona Laurentina, uma idosa de mais de 80 anos, visita Carla pra desabafar.

Ela senta aqui e eu digo: chore, Dona Laurentina, pode chorar, a senhora está com o choro preso. Porque lá na casa dela as meninas ficam dizendo, mãe é muito problemática. O povo acha que a idade nunca vai chegar, que não vai ficar velho (CARLA, dezembro de 2015).

Também no caso de Dona Madalena, que Carla considera como uma “mãe” com quem pode contar numa emergência, são reforçados os valores de ter criado os filhos homens, retratados como mais difícil de controlar, por terem vontade própria mais que as mulheres e sem um homem que fizesse o papel do pai, protetor. Superando tantas dificuldades, ela é vista com uma guerreira, que venceu através do encaminhamento da vida dos filhos.

Aí é guerreira, criou os filhos tudinho, cinco filhos sem pai presente. Tudo cidadão de bem, porque é difícil a gente dentro dessa comunidade e principalmente homem. Mulher você ainda tem como puxar, mas os homens... são tudo cidadão de bem. As netas todas casadas. O povo dizia vai embuxar, vai dar aperreio. E ela botou tudinho em seu devido lugar (CARLA, dezembro de 2015).

O enfrentamento em relação aos vizinhos, numa visão negativa do outro e principalmente vivenciado através da fofoca, condiz com o enfoque de Sarti e da maledicência é retratada como um problema que elas têm que enfrentar no cotidiano.

O povo da rua é muito faladeiro. eu vivo dentro de casa, o povo diz, ela veve dentro de casa porque o marido não deixa sair pra rua. Aí quando me veem na rua: saísse da prisão? Aí eu digo deixei de trabalhar pra reparar na vida dos outros que nem vocês fazem hoje. Ahá! Aí também já dou uma dentro (CARLA, dezembro de 2015).

Mesmo no caso de Graça que tem uma vinculação de poucos anos na Comunidade, a maledicência apareceu, neste caso atacando o marido que teve inclusive de prestar queixa na delegacia por conta de um mal entendido com os dirigentes da igreja evangélica que frequentavam. Aduito foi abordado por duas pessoas que perguntaram se ele conhecia a pastora e pediram que ele encaminhasse uma carta até ela.

Ele, inocentemente, botou (a carta) lá na casa dessa diaconisa. E só que lá tinha câmera. Entendeu? Aí ele botou lá e foi filmado ele botando a carta. Só que depois de 3 dias que ela leu a carta, aí tinha esculhambando. Tinha esculhambando um monte de gente. O pastor que estava fazendo negócio de adultério, tinha tido negócio de roubo. Foi um monte de coisa que tinha escrito. E na filmagem, o pastor e a pastora tinham dito que foi ele. Realmente pela imagem tinha sido ele. Aí foram, prestaram uma queixa. Aí ele foi na delegacia e no fim de tudinho não foi comprovado que tinha sido ele. Esse pessoal ficou perseguindo, fizeram cartas, cópias da gravação e espalharam no bairro do Pina e Joana Bezerra. Que (porque) a gente saiu da igreja deles e foi para outa igreja. O de ruim, de terrível que aconteceu foi isso. Ele saiu espalhando, chamando ele (Aduito) de pastor cabra safado. Que ele não tinha nada de crente, num sei que... (GRAÇA, dezembro de 2015).

Aspectos sobre as ligações entre as pessoas da comunidade trazem o contexto trazido por Sarti a respeito de uma visão negativa que vigora sobre os vizinhos em detrimento a uma autoavaliação positiva de si mesmo e dos integrantes da própria família. Neste caso a avaliação é sempre considerada no positivo através de valores morais, quase sempre relacionados ao modo de vida da própria família e do trabalho (SARTI, 2010).

Também são relatados vizinhos que são tratados como parentes, principalmente no caso de Carla que tem amizade com pessoas mais velhas a exemplo do tratamento que dispensa à Madalena, com consideração de filha. Este padrão apareceu com uma visita presente durante boa parte da minha estada na casa dela.

Eu tenho ela como uma mãe. Se disser assim, Carla tá doente, ela corre, arruma os pratos, faz meu almoço, faz chá pra mim. [...] Se eu vou pra cidade e não tem que pegar Serginho, ligo pra ela: Ele já está aqui. [...] Todo mês no fim do mês eu dou uma

cestinha básica ela, sabe. Comprei uma sandália pra ela no natal, sempre tô mandando uma blusa, mandando uma calcinha. Compro leite, pão e divido pra mim e pra ela. Ela faz muito. Se eu disser assim, Madalena eu estou tão cheia de cólica ela me ajuda e demais. No dia das mães ela me chamou, bora, venha almoçar. E quando eu cheguei ela disse: “Só tava faltando ela, filha postiça, chegar” (CARLA, dezembro de 2015).

Aqui o valor da reciprocidade, como descrito por Sarti aparece claramente. Este valor privilegia a palavra, as ações mais que qualquer vínculo formal ou contratual (SARTI, 2010). Esse vínculo afetivo com Dona Madalena deflagra através de uma conversa entre ambas o sentido da fofoca no bairro, que foi descrito por ambas como uma questão comum naquele espaço. Carla e os irmãos sofrem desde bastante cedo por conta dos comentários alheios.

Carla relatou que na comunidade eram retratados quando criança como filhos de uma mãe solteira, tida como “bandoleira”, que nunca conviveu com o pai, nunca teve um “homem em casa” e por isso foram alvo de fofocas por parte dos vizinhos desde a infância.

Meu pai nunca me assumiu, sempre foi tudo com a minha avó.[...] Minha mãe como era bandoleira, gostava muito de farra deixava eu e Carlos nas costas da minha avó. Tanto que quando a minha avó fechou os olhos e morreu, eu me lembro dessa frase muito bem. Todo mundo dizendo, eita, pronto, leda morreu. Vai ser uma prostituta e um maconheiro. Diziam pra mim e Carlos pequenos. A gente levou muito isso na mente, sabe, Sara. E assim a dificuldade faz a gente sempre buscar. Buscar o alimento, buscar a sobrevivência. Jesus abençoou muito meu irmão, Jesus deu uma casa a meu irmão. Jesus deu uma moto, Jesus agora deu um carro (CARLA, dezembro de 2015).

A realidade de Carla com a história de sua própria mãe reflete o que Jessé de Souza analisa em *A ralé brasileira, quem é e como vivem* revelando que muitas famílias são “encabeçadas pela figura feminina da mãe” tendo em vista que os homens trocam facilmente de parceiras e não cuidam dos filhos. Tal como a família aqui retratada, a fofoca das vizinhas revela o estigma que iria acompanhar os filhos “sem pai”, principalmente depois da morte da avó (SOUZA, 2009, p.411).

Reforça a ideia do papel masculino nas famílias chefiadas por homens, como Carla revelou através do companheiro, Sérgio, valorizado por não ter filhos de outro casamento e também pela autoridade dentro de casa.

Tudo que se passa na casa eu comunico a ele. Como ele veve muito tempo longe, ele não sabe das coisas. Aí tudo é eu comunicando a ele. Oia, aconteceu assim, assim, assim. Eu que comunico tudo a ele. E quando ele reclama (dos meninos) ele chama, dá lapada mesmo. Eu digo, Sérgio olha os meninos. Mas, assim ele está sempre presente em tudo. Ele diz assim, se eu souber, tiro de pastoril... (CARLA, dezembro de 2015).

Esta autoridade existe no caso da família de Carla, já que Sérgio “faz por onde”, ou seja, é atento com a família e não bebe. A postura em relação aos maridos revela ainda um misto de autoritarismo, quando todas reforçam que elas mesmas pegam todo o dinheiro do marido e cuidam em administrar as contas e obediência. Mesmo no caso de Graça, que reforça a “benção” em ter um companheiro como Aduino, já que ela no passado sofreu violência doméstica com o companheiro anterior.

[Os homens daqui são iguais a você?] Pelo que eu vejo não é assim não. [...] A começar pelo pastor presidente, que discute com a mulher, estão juntos mais por causa das crianças. Ele disse a mulher: a partir de hoje sente ao meu lado pra o pessoal saber quem é a minha esposa. E ela não tava nem aí... na quarta ela sentou lá e ele sentou cá. O pastor de fora viu e disse: por que ela está sentada do outro lado? E ele disse: desobediência, ela não quis me obedecer. Quer dizer, já está mostrando que ele não tem moral. [Graça] Ela desrespeitou na frente de todo mundo. Porque se deu uma ordem... É assim: ele é um pastor. Quem é casada com pastor ou é dirigente, missionária ou pastora. No meu caso, eu sou missionária. Pra onde ele vai, eu vou com ele. Eu estou ajudando o ministério dele. [Aduino] Quando eu vou só, fico sentindo a falta dela. [...] Ela me liga: Aduino, recebi um convite, eu posso ir? Eu digo, vá, pode ir. Compreendeu? Vá, vá, pode ir (ADAUTO E GRAÇA, dezembro de 2015).

A questão da violência doméstica esteve presente no diálogo com Graça sobre o namoro da sua filha mais velha, Amanda, que sofreu agressão do namorado e disse à mãe que ela não poderia falar nada, pois já tinha sofrido o mesmo e nem por isso tinha se separado.

Eu já avisei a ela. Ele é filhinho de papai, tem denguinho de mamãe. Não trabalha, é sustentado pela mãe e tudo que ele pede a mãe dá. Dois meses atrás o gerente dela fez aniversário e marcaram para ir na cidade, negócio de pólo que tem no Recife. Ele ligou pra cá porque eles tinham acabado. Eu disse que ela tinha ido pra lá e ele foi lá. [...] Quando foi de manhã cedo eles brigaram, discutiram. Ele empurrou ela do carro abaixo. Ela bateu com a cabeça no meio fio. Isso cinco horas da manhã, quando ela me ligou. Ela chorando, desesperada. – Mainha, André me bateu, eu tô aqui na rua, jogada aqui no chão. [...] Ele tinha discutido com ela por causa de ciúmes. Ele pegou os 100 reais dela, discutiu, empurrou e foi embora. Aí eu disse a ela, isso não está certo. [...] então é melhor dar um ponto final. Porque eu já fui vítima de violência e eu sei o que eu passei e eu não quero que você passe. Então é melhor cortar o mal pela raiz. Melhor botar um ponto final nesse relacionamento que não vai dar certo. – Sim, mas a senhora vivia com o pai dos meninos e senhora não aguentou... – Isso não vem ao caso porque eu botei um ponto final. Fui para a delegacia, prestei queixa e o avô dos meninos, o pai dele, foi a meu favor, foi comigo. Eu disse: pronto é hoje. Pra honra e glória de Jesus, até hoje. Já faz 12 anos. Hoje eu tenho outra história, um homem que não me bate (GRAÇA, dezembro de 2015).

Existe uma preocupação com o destino dos filhos para que não tenham um destino semelhante ao dos pais. Foi muito comum ouvir dos pais que não querem que os filhos repitam a mesma trajetória de vida, seja de violência, seja de trabalho. Foi comum ouvir que não queriam os filhos na casa de ninguém. É grande o risco de acontecer alguma violência e mesmo de repetirem o destino

comum entre tantas crianças da comunidade que engravidam cedo, deixam de estudar e repetem o destino dos pais.

Carla sofre com o comportamento da mãe. Prova disso é que não detalhou, como tinha iniciado por telefone, como foi que aconteceu a situação dela ausente novamente da casa. Eu questionei o que tinha acontecido com ela e como a mãe estava. Ela resumidamente disse que novamente a mãe estava fora de casa. Mas o silêncio reforçou a tristeza de ter a mãe novamente em falatórios pela comunidade.

A compra do computador, quatro anos atrás, revela uma preocupação em relação aos ambientes fora de casa frequentados pela filha de Carla, Luana. Como a professora passava atividades que precisavam de pesquisa na Internet e uso de impressora, era comum que ela frequentasse *lan houses*⁴⁶ da comunidade ou que fosse até a casa de colegas.

[O que te motivou a ter Internet?] Na época, Sara, era trabalho da escola de Luana. Tinha que ir pra lan house pra pesquisar. Aí tinha que ir pra casa de amiga e eu não gosto dela na casa de ninguém. Hoje ela estava aí na frente porque estava comigo. Aí eu entrei e ela ficou, mas eu não quero ela na casa de ninguém. Não é frescura, não. É porque eu sei como é que ela está agora. Tá crescendo, nasceu peitinho. É 10 anos, se deixa estar é 11 anos aí começa com tititi com amiguinho. Quando tá na minha frente, eu estou presente ou o pai, aí tá certo. Mas eu não quero ela na casa de ninguém. Por exemplo, eu não quero ela fazendo tarefa na casa de ninguém (CARLA, dezembro de 2010).

A preocupação se refere à própria experiência de Carla que se envolveu jovem, aos 16 anos. Como ela mesma frisou, ainda estava terminando os estudos quando se envolveu com Sérgio. Ela quer proporcionar um futuro diferente para os filhos e se esforça investindo em escola particular. No entanto tem dúvidas quanto à realização deste sonho, pois vê outros exemplos de pais que como ela fizeram questão de proporcionar uma escola de melhor qualidade, sem alterar que eles casassem cedo.

[Quando você não quer Luana na casa dos outros. O que passa pela tua cabeça...] É de se envolver com namorico, de esquecer o estudo. Eu sei porque eu já vivi também essa vida de adolescente, mas eu não gosto. Mas o que eu fiz eu não quero que a

⁴⁶ *Lan house* ou internet café são espaços coletivos de acesso à internet em um modelo de negócio copiado de uma ideia sul-coreana trazida para o Brasil no final da década de 1990. Sua concepção é intimamente ligada aos jogos eletrônicos, todavia, atualmente tornou-se mais ampla a partir das necessidades dos próprios usuários. Sua proliferação na década de 2000 nos grandes centros passou por transformações significativas. “Antes focadas em clientes mais elitizados de áreas nobres e *shopping centers*, hoje, existem *lanhouses* espalhadas pelas periferias, aglomerados e pelo interior do país. Em muitas comunidades pobres existem centenas desses espaços. Consequentemente, leis foram publicadas a fim de organizar minimamente atividade em alguns locais” (BECHARA, 2008, p.47-50;)

minha filha faça. Não fiz nada de errado, não matei não! Me envolvi com meu marido é um pai, não é pai de um e de outro. Eu vivo com ele a 17 anos. Mas eu quero que ela estude. Estude mesmo, se foque nos estudos, faça uma faculdade. Porque a gente sabe que se envolve com namorado. Se deixar muito à toa daqui a pouco está gestante aí daqui a pouco não quer saber mais de estudar. Ou então quer sair com o namorado, o namorado quer controlar. Aí fica... essa mesmo que saiu daqui sofre com a dela. Teve que botar no colégio daqueles que é o dia todo. Ela pagou não sei quantos anos de colégio particular e cadê a menina evoluir com negócio de namorico. Começou a namorar cedo. Se não deixa é pior, vai pra beco, pra isso aquilo outro. Porque a gente não tem como estar monitorando 24 por 36 horas. E se libera pra estar em casa, tudinho, a mente já... já deixa o estudo de lado... E não pode. Luana é um pouco meia... é inteligente, mas é um pouco meio paradinha. A gente tem que estar ali incentivando (CARLA, dezembro de 2015).

A preocupação apresentada por Carla é a mesma de muitos pais das classes populares. A preocupação de que o “destino” seja o mesmo que tiveram é motivado pelo que Souza trata como “disposições aprendidas de modo invisível e afetivo por herança familiar”, que, neste caso em particular, trata-se do próprio exemplo de vida. A história de Carla é um reflexo para a vida da filha. Essas disposições são inúmeras, por exemplo, a capacidade de concentração, de autocontrole e de disciplina (SOUZA, 2009, p.414).

Essas disposições são percebidas pelas classes média e alta como naturais a todos os indivíduos, não importando o contexto social em que estão inseridos. Em um contexto concreto, como no caso da Comunidade do Bode, a ausência de incentivos diretos, impedidos de ocorrer pela necessidade de trabalho dos pais, engendra a permanência de uma situação. Corrobora com a realidade vivida por Jonathan e por Jennifer, filhos de Socorro, que não conseguem completar o ensino médio.

[Jonathan terminou o Ensino Médio?] Terminou o que... Jonathan chega no meio do ano e desiste de ir para a escola, terminou o que. É uma luta! Nem coragem para arrumar emprego Jonathan tem. [...] Jessica de 18 anos também desistiu, não sei se vai terminar esse ano (SOCORRO, dezembro de 2015).

De fato, de acordo com o artigo *Persistência Intergeracional de Educação no Brasil: O caso da Região Metropolitana do Recife* as probabilidades de um filho cujos pais têm escolaridade baixa repetir o mesmo processo é considerado bastante alto, em torno de 30%, embora já existam avanços nesta área quando se comparam os dados sobre esta questão obtidos em 1996 com os de 2010. Para se ter uma ideia mais clara em 1996 a probabilidade de o filho permanecer com a mesma escolaridade do pai no Nordeste chegava a 53,9%.

Estas mudanças têm relação direta com as significativas alterações e a mobilidade econômica e social recente das classes trabalhadoras brasileiras, conforme defendem Gonçalves e Silveira Neto:

Ademais, o efeito da escolaridade da mãe sobre os filhos parece mais importante que o efeito da escolaridade do pai, resultado que pode estar indicando que, uma vez que a mulher tem um papel fundamental na criação e cuidados com os filhos, políticas públicas que visem o aumento das oportunidades e redução das desigualdades podem ser mais eficientes se forem focadas nas mulheres, ou mães (2013).

3.2.2. Consumo e economia familiar

O segundo grupo de perguntas se referia a possíveis alterações nos hábitos de consumo da casa. Este grupo envolveu questões que contemplavam mudanças ocorridas no orçamento doméstico, detalhando as diversas despesas fixas da casa, tais como aluguel, compras de alimentação, contas de água e luz, gasto com celular e Internet, transporte, cartão de crédito e empréstimos, pagamento de dívidas, lazer e poupança. Em seguida, foram questionados quais bens foram adquiridos pela família, quais as motivações e a quem se destinavam.

Para facilitar a visualização dos dados obtidos em campo, uma tabela permite fazer a comparação entre os gastos no último mês da pesquisa em junho de 2013 e dezembro de 2015.

TABELA 01 – Comparação da composição da renda entre 2013 E 2015.

	Carla		Socorro		Graça	
	Jun/2013	Dez/2015	Jun/2013	Dez/2015	Jun/2013	Dez/2015
Ganho familiar mensal	R\$530,00	R\$3.080,00	R\$808,00	R\$1.050,00	R\$355,00	R\$500,00
Bolsa família	R\$162,00	R\$224,00	R\$162,00	R\$182,00	R\$200,00	R\$182,00
Total de ganhos	R\$682,00	R\$3.303,00	R\$970,00	R\$1.232,00	R\$555,00	R\$682,00
Alimentação	R\$280,00	R\$800,00	R\$330,00	R\$500,00	R\$150,00	R\$150,00
Aluguel	-	-	-	-	R\$250,00	R\$400,00
Conta de água	R\$18,00	R\$20,00	-	-	-	-
Conta de luz	R\$25,00	R\$50,00	-	-	-	-
Escola particular	-	R\$350,00	R\$50,00	-	-	-
Celular + TV fechada	R\$59,00	R\$100,00	-	-	-	-
Internet	R\$25,00	R\$25,00	R\$30,00	R\$40,00	-	-
Transporte	R\$26,00	R\$150,00	R\$110,00	R\$150,00	R\$5,00	R\$15,00
Lazer, passeios	-	R\$200,00	-	-	-	-
Outros	R\$146,00	R\$400,00	R\$728,00	R\$600,00	-	-
Total de gastos	R\$579,00	R\$2.095,00	R\$1.248,00	R\$1.290,00	R\$405,00	R\$565,00

Fonte: Composição da autora a partir dos dados obtidos em campo.

Como se pode perceber através da tabela, todas as residências tiveram um considerável aumento de renda. Mesmo no caso de Graça que tem o orçamento doméstico mais restrito das três. É importante considerar que no tocante a essas famílias, incluindo a de Carla, que teve o maior aporte nas finanças, a instabilidade é muito forte e é muito provável que ocorram alterações se voltarmos a observar as finanças dessa casa dentro de um semestre. Esses valores são aproximados e tratam mais de despesas fixas.

Tratando de Carla, Graça e Socorro caso a caso pode se evidenciar os arranjos nas despesas. Nenhuma das três consegue ter algum dinheiro guardado. Essa prática não faz parte dos hábitos financeiros delas, nem mesmo de Carla que está atualmente com uma situação financeira melhor. Sempre que sobra algum valor, ela compra material de construção e faz mais uma parte da casa dentro do terreno onde ela e o irmão constroem. “Sobra o que... a gente tem muito gasto, Sara” (CARLA, dezembro de 2010).

As contas fixas de Carla com educação revelam que existe uma certa regularidade na renda e quando há qualquer mudança é principalmente no lazer e em seguida na alimentação que ocorrem as diminuições. Chama a atenção o alto investimento em escola particular para os filhos no caso de

Carla, visando sempre que eles tenham um futuro diferente do que ela teve. Também é pensando nos filhos o aumento nos gastos com alimentação e no lazer que quase sempre inclui ir comer fora. “Estou comprando comida melhor pra eles, mais iogurte, fruta, variando mais a carne. Não que eu não comprasse antes, mas agora a gente varia” (CARLA, dezembro de 2010). A alimentação passou de básica para variada.

Um reflexo do aumento de renda na residência de Carla se reflete também no bem-estar físico dela. Carla passou a tirar um dia de descanso durante a semana, normalmente na segunda-feira. Ela contou que não dá pra ficar “totalmente parada”, porque sempre tem coisas pra fazer na costura e com os filhos. E também nas pausas acaba trabalhando com o pula-pula que monta na calçada da casa. Esse relativo descanso é totalmente inédito se compararmos com 2013, quando ela chegava a ficar no mínimo 10 horas por dia trabalhando, inclusive nos finais de semana.

Em relação à compra de bens duráveis, Carla tem um comportamento de consumo diferente de Socorro e Graça porque ela realiza as compras diretamente em lojas, enquanto as outras duas permanecem com outras formas de aquisição dos produtos, seja trocando o próprio trabalho pelos bens ou ganhando de parentes, amigos e patrões. O último item comprado por Carla foi um celular Samsung que para ela agora tem o sentido de “ferramenta de trabalho”. Foi comprado à prestação a partir de uma indicação do irmão.

Meu irmão comprou um. Aí me disse: Carla porque é que tu não compra um desses pra tu? Porque a câmera dele é frontal e horizontal. É muito bom pra tu que trabalha tirando foto das coisas que tu faz. Eu tava vendo algumas fotos que estava botando no *Facebook* muito embaçadas. A câmera dele era muito boa e o preço dele era bom porque ele estava por 900 e abaixou para 699. E ele tem a capacidade de 8 gigas. E o meu celular era de 4 gigas, é muita coisa. Ele que me deu a sugestão porque eu estava dizendo que ia comprar. – Eu vou comprar o meu, porque tu não compra desse? (CARLA, dezembro de 2015).

No caso de Socorro, também houve um investimento financeiro na casa e no conforto da residência, através da aquisição de eletrodomésticos, sanando justamente uma das maiores reclamações que ela tinha em relação ao local de moradia. A pretensão agora é reformar o resto do barraco com intensão de gerar renda através de aluguel.

[Depois que Márcio saiu (do trabalho) o que vocês compraram?] Comprei o material que está lá no armazém. Eu comprei uma televisão que está no meu quarto. Comprei a geladeira. A televisão da sala, quando tu veio, eu já tinha

ela. Botei cerâmica que não tinha. Puxei o resto da laje que não tinha. Só tinha a laje de dentro. [Foi muita coisa, quanto ele recebeu, Socorro?] Rapaz, ele recebeu quase 10 mil reais. Porque ele passou 2 anos e 10 meses. Entre o FGTS, o seguro desemprego e a indenização. Foi quase 10 mil. [E vocês tem ainda algum dinheiro?] Nem um centavo mais. Tem nada... [Sara: Quanto foi de armazém?] Foi 2 mil e alguma coisa. Fora as dívidas que a gente pagou que tinha pendente de cartão, isso aquilo e aquilo outro. [Pagaram tudo?] Foi. [Você lembra quanto foi de dívida?] Não lembro não. Ele ainda ficou 6 meses no seguro desemprego. [...] Faz sete meses agora que ele está trabalhando num condomínio (SOCORRO, dezembro de 2010).

O consumo de eletrodomésticos e a atenção com o espaço doméstico vem sendo discutido no meio acadêmico levando em conta as transformações ocorridas recentemente na sociedade brasileira com a ascensão financeira de um amplo setor de segmentos populares e que é um dos focos de debate desta Dissertação. A experiência de campo na Comunidade do Bode traz relação direta com as questões problematizadas em teoria e que têm relação com aspectos de autoestima, autovalorização e dignidade vivenciados por este segmento de indivíduos que foram e ainda são historicamente marginalizados.

No artigo “A chamada Nova Classe Média: Cultura material, inclusão e distinção social”, Yaccoub trata sobre muitos destes aspectos relacionados ao consumo familiar e da influência do consumo diretamente ligado à moralidade embutida na família, reforçando o papel feminino de prover conforto e com isso reforçar a sua própria valorização.

A partir da aquisição de eletrodomésticos e eletroeletrônicos possibilitada pelo acesso ao crédito e parcelamentos, facilitado pela nova política econômica, passaram a comprar mais (e a ligar todos os fios nas tomadas) e, conseqüentemente, suas contas e gastos aumentaram. Os até então denominados “pobres”, muito referenciados sob a égide da carência material, escassez, luta pela sobrevivência, etc. (Sarti, 2003), receberam outra categoria e classificação e também passaram a galgar uma espécie de pertencimento a outro grupo social, mais valorizado, mais prestigiado, símbolo de conforto e *status* (YACCOUB, 2012).

O debate traz novamente a perspectiva do consumo na esfera de demonstração de afetividade através da materialidade como proposto por Miller. No caso de Graça, a aquisição dos bens ocorre quase que exclusivamente através de doações e presentes tanto para ela quanto para os filhos. Ela atribui a tudo o que recebeu um sentido religioso. Como no caso dos armários que recebeu da antiga moradora da casa, do jogo de sofá e do celular que ganhou da antiga patroa. Os filhos receberam *tablets* e celulares de presente da madrastra deles.

Em uma ocasião, eles receberam inclusive ajuda para começar a trabalhar vendendo água. Este auxílio com o intuito de obter alguma renda, oferecida por um “irmão” da igreja que frequentam, demonstra o aspecto da solidariedade vivenciado por este público. Neste caso, eles que nunca haviam trabalhado com venda direta, passaram por esta experiência apesar do problema de coluna de Aduato, conforme descrito a seguir:

[Nos últimos dois anos vocês compraram alguma coisa?] Não, porque a gente ganha... É assim porque geralmente as pessoas, elas... Deus usa alguém. – Olha, eu tenho tal aqui para dar. – Olhe... você quer? Às vezes a gente fica até com vergonha, a gente não quer... aí dizem: não tem problema não.. tome. [...] Teve um negócio da água, chegou um irmão e disse: você quer vender água? Eu disse: quero! – Então tome uma caixa de isopor e pegue quatro “coisa” de água. Pronto! Aí, eu pensei: como é que a gente vai vender se eu nunca tinha vendido? Se dar com o público... Tem vários modos de você se dar com o público (ADAUTO, dezembro de 2015).

A estratégia de Graça no cotidiano da família continua como em 2013, isto é, com muita contenção no orçamento. Ela manteve os mesmos gastos com alimentação de dois anos atrás. Isto se explica pelo fato dos filhos continuarem fazendo as principais refeições na escola e no projeto do ISMEP, o que representa uma considerável economia com parte da alimentação sendo garantida pelo governo e pela instituição social. Ela compra uma cesta básica de R\$150,00 e, com ela consegue passar o mês.

CAPÍTULO 4: Contribuições da Semiótica para análise dos significados da Internet para as famílias da Comunidade do Bode

A compreensão e análise do sentido atribuído ao consumo de Internet para os integrantes da família de baixa renda têm neste capítulo a contribuição da Semiótica Greimasiana. A perspectiva trata de analisar aspectos das interações sociais entre os indivíduos a partir de uma vertente de estudo desta disciplina, a Sociossemiótica, para analisar aspectos simbólicos do consumo de Internet por estas famílias.

Cabe esclarecer que na perspectiva da Semiótica *standard*, (LANDOWSKI, 2014) da qual a Sociossemiótica é derivada, o objeto de estudo passa a se configurar como *texto* e, a análise deste, é definida de duas formas: como *objeto de significação*, observando os “procedimentos e mecanismos que o estruturam” e como *objeto de comunicação* entre dois sujeitos. Neste último caso, o texto precisa estar relacionado com a sociedade, levando em consideração a cultura e as formações ideológicas que lhe atribuem sentido (BARROS, 2005, p.11-12).

A semiótica deve ser assim entendida como a teoria que procura explicar o ou os sentidos do texto pelo exame, em primeiro lugar, de seu plano de conteúdo. Para construir o sentido do texto, a semiótica concebe o seu plano do conteúdo sob a forma de um percurso gerativo (BARROS, 2005, p.13).

Este percurso passa por diversos níveis de compreensão indo do mais simples ao mais geral, passando por três etapas: a de nível fundamental, mais simples e abstrata; uma segunda de nível narrativo, onde ocorre o ponto de vista de um sujeito e, por fim, o nível discursivo, em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação (BARROS, 2005, p.13).

Para a análise do objeto em questão, o percurso gerativo será focado no nível discursivo na qual as considerações “são mais específicas, mas também mais complexas e ‘enriquecidas’ semanticamente, que as estruturas narrativas e fundamentais” (BARROS, 2005, p.21).

Também haverá a perspectiva da Sociossemiótica, elaborada por Landowski a partir de estudos de Greimas, que propõe uma análise, numa dimensão que vai além da semiótica narrativa *standard*, em dois princípios fundamentais: de um lado o princípio da regularidade da ação “que garante [...]

a eficácia de nossas intervenções sobre o mundo” e de outro um princípio de intencionalidade cuja dinâmica pressupõe o “reconhecimento recíproco” dos sujeitos em sua “competências modais”⁴⁷ (do tipo querer, saber, etc.).

Pois a forma que a teoria sociosemiótica acaba por tomar resulta de uma crítica metódica do modelo *standard* (LANDOWSKI 2004, 39-49). Ao procurar superar as pressuposições filosóficas e antropológicas desse modelo e completar suas lacunas, a sociosemiótica foi levada a adicionar à conceituação semio-narrativa clássica um certo número de complementos que tomam finalmente lugar num modelo novo, ao mesmo tempo integrador e inovador (LANDOWSKI, 2014).

Assim, no caso da Internet, partindo da análise em um nível discursivo, vemos que esta é um instrumento de *competencialização* dos sujeitos, isto é, um *poder* e um *saber fazer* – objeto concreto que modaliza o sujeito, isto é, que lhe dá competências para realizar determinadas ações – a interação a partir de seus instrumentos de comunicação, como, por exemplo, as redes sociais.

A Internet é um caminho para a efetivação ou para as performances de interação. Este percurso de *competencialização* é desdobrado, pois desencadeia um outro percurso, no caso, em que o sujeito já se encontra manipulado (*querer/dever*) para executar as interações na rede, a exemplo do uso de *Facebook*, *Skype*, *Whatsapp*, etc. (FIORIN, 2000). Pressupõem-se os elementos de competência na constituição dos sujeitos usuários, que, por fim, realizam as interações previstas, sendo essas a sua performance.

Cada tipo de rede, cada sintgmatização e estrutura das possibilidades existentes, é revestida de diferentes valores com os quais o sujeito entra em conjunção: quer para manter o contato com o “outro”, quer para mostrar-se, quer para divulgar trabalhos, quer para realizar pesquisas, etc. (LEVY, 1996).

As sanções cognitivas referentes às performances são decorrentes do outro, que, ao interagir, o reconhece como sujeito realizador da performance de promover interações pela Internet, mas também pelo próprio sujeito, no caso, quando desenvolve uma autossanção positiva, de autoreconhecimento.

Assim, como objeto competencializador, dependente de outros objetos virtualizantes (celular, conta, aplicativos, etc.), a Internet, o seu uso, tematiza a

⁴⁷ Os termos utilizados dentro da perspectiva da Semiótica utilizadas nesta Dissertação encontram-se no *Dicionário de Semiótica* (GREIMAS, 1979) e *Teoria Semiótica do Texto* (BARROS, 2005).

contemporaneidade e seus desdobramentos na vida cotidiana dos indivíduos (com relação ao “eu” identitário, os seus espaços e temporalizações). Ele porta símbolos desses tempos, que se refletem nos seus usos.

Como objeto de competencializações, por fim, a Internet altera estados e promove transformações. Sobremodaliza positivamente a tecnologia da informação e comunicação e seus artefatos extensores do homem conforme expõe McLuhan (GREIMAS, 1976, p.38), inserindo-os definitivamente no universo de bens culturais que, pelas condições da vida moderna, se apresentam, de modo bastante democrático.

Assim, o trabalho de pesquisa e análise de situações cotidianas, que tomam as tecnologias da informação e da comunicação como objetos relacionais entre o sujeito e o mundo, pode contribuir para um melhor entendimento do homem e suas ações no e sobre o mundo. Signos da contemporaneidade, as tecnologias aportam ao sujeito valores subjetivos e simbólicos, fazendo-os significar e significando com eles.

Nesse sentido, o entendimento é que as TICs, para a parcela da população que compõe o nosso corpus, possuem diferenciais de sentido em relação aos segmentos sociais mais abastados. As diferenças iniciam desde a topologia urbana na qual está inserida a Comunidade do Bode, que é o ponto de partida escolhido para a compreensão dos diversos sentidos implicados neste objeto, até a utilização e significados da interação com os dispositivos e no uso da tecnologia.

Além disso, o tipo de dispositivos de acesso à Internet utilizados pelas famílias de baixa renda, principalmente através de celulares e *tablets* por conta do baixo custo destes equipamentos, não permite uma utilização com maiores recursos, o que se pode obter através dos computadores de mesa e *notebooks* comumente utilizados pelas classes mais ricas. Tal fato comprova através da pesquisa TICs domicílio 2014.

A pesquisa também verifica a persistência de desigualdades socioeconômicas quanto à presença de computador no domicílio. Se, de um lado, nas famílias de classe A, a presença do equipamento está praticamente universalizada (99%), na classe DE, o percentual de domicílios com computador é de 14% (BARBOSA, 2015, p.136).

No caso desta Dissertação, o objetivo da utilização da Sociossemiótica foi renovar a análise de uma prática do cotidiano, de um serviço que tem repercussão na sociedade e é visto como símbolo de pertencimento à era contemporânea. O uso da Internet a partir da perspectiva da geração de sentidos através das relações extrapola a observação, e a análise parte dos diversos sentidos e interpretações estabelecidos através das interações.

Poderíamos assim estabelecer dois grandes objetivos para os estudos semióticos: o de contribuir para o conhecimento da linguagem, por meio da língua e de seus discursos e, pela linguagem, do homem, ou seja, para o conhecimento discursivo das estruturas cognitivas do homem e do homem como ser social e cultural (no nosso caso, para que se conheça melhor a sociedade brasileira); e o de concorrer para o desenvolvimento teórico e metodológico da própria disciplina (BARROS, 2007, p.17).

Cabe frisar que as observações foram estruturadas com o resultado da pesquisa *in locus*, quando foram dadas a voz e a vez às entrevistadas que explicitaram o sentido das TICs nas suas vidas, entendendo-as, de início, como objetos concretos que modalizam o sujeito, isto é, que lhe dão competências para realizar determinadas ações e que foram mapeadas e analisadas no decorrer da elaboração da Dissertação.

Greimas em *Semiótica e Ciências Sociais* trata da sociedade através de uma dimensão semiótica, tendo o interesse em unificar a significação que se obtém através de todos os códigos empregados pelo homem social, podendo revelar a dimensão cultural da vida em comum entre os indivíduos. Este estudo das comunicações sociais apresenta-se como

[...] um esforço para apreender e interpretar uma dimensão autônoma dessas sociedades, a dimensão significativa, graças à qual uma sociedade existe, enquanto sentido, para os indivíduos e os grupos que a compõem, bem como para as outras sociedades, que a observam e reconhecem-na como diferente. [...] Em suma, trata-se de encontrar uma abordagem que permita compreender e descrever de que maneira o indivíduo, nesse novo contexto, consegue transcender a si mesmo e juntar-se ao outro, de que maneira ele se integra e vive sua integração nos grupos sociais, enfim, quais são as “representações coletivas” novas, ao mesmo tempo coercitivas e assumidas, que fazem dele um ser social (GREIMAS, 1976, p.39).

Tendo em vista este aporte teórico, a proposta aqui é analisar através da Sociossemiótica a geração de sentido na interação dos consumidores/as de TICs, suas visões e utilizações acerca do serviço de Internet e principalmente possíveis sentimentos de pertencimento à sociedade em decorrência do uso destas tecnologias, ampliando a possibilidade de se captar os aspectos

concretos e simbólicos referentes aos mecanismos rituais ou não relacionados à identidade e à identificação, ao lugar conferido ao trabalho e às relações estabelecidas no bairro e na cidade, ao consumo e à economia familiar.

4.1 Os sentidos da Comunidade do Bode ou Semiótica topológica da Comunidade do Bode

A análise parte de uma compreensão do espaço onde a comunidade do Bode está inserida, já que construído socialmente, reflete, como explica Greimas, “aquisições múltiplas em significação erigindo-se em espaço significante, torna-se simplesmente um “objeto diferente”. Mediante essa perspectiva, o espaço só pode ser percebido se houver uma comparação em relação a um outro local, podendo assim estabelecer as diferenças. Em “Por uma Semiótica Topológica”⁴⁸ Greimas elucida, em um nível discursivo do texto “cidade”, as oposições aqui *versus* alhures e englobado *versus* englobante, pois é através destas que uma análise sobre o espaço se estabelece (1976, p.115).

Porque o espaço assim instaurado nada mais é que um significante; ele está aí apenas para ser assumido e significa coisa diferente do espaço, isto é, o homem que é o significado de todas as linguagens (GREIMAS, 1976, p.116).

O autor traz uma definição para a expressão semiótica topológica como a “descrição, a produção e a interpretação das linguagens espaciais”. O percurso de sentido parte da determinação de um ponto de observação, que é obrigatório, já que distingue “o lugar de enunciação do lugar enunciado”. No artigo “Ruas comerciais e sentidos em construção entre os bairros e a cidade”, Martins *et al* observam que o espaço do ponto de vista dos sentidos “pode ser apreendido por meio de dois procedimentos complementares: a inscrição da sociedade no espaço (significante espacial) e a leitura dessa sociedade através do espaço (significado cultural)” (2013).

No primeiro procedimento, discutem-se as oposições possíveis do que é apresentado pelo espaço. Essa elucidação é importante para a análise da

⁴⁸ O artigo “Por uma Semiótica Topológica” está inserido na obra *Semiótica e Ciências Sociais* de Greimas.

comunidade que será discretizada⁴⁹ pela oposição basilar entre junção *versus* disjunção. Para o segundo caso, os “sujeitos da narratividade” geram determinados sentidos que “são apreendidos em atos ou situações de comunicação”.

Greimas sugere três aspectos de análise das cidades: *estético* (beleza e feiura), *político* (“saúde” social e moral) e *racional* (eficácia de funcionamento, economia dos comportamentos, etc.) que, articulados a um sistema mais amplo de euforia *versus* disforia, seriam os eixos norteadores que permitem entender os pontos de vista da sociedade e também do sujeito vinculado a este espaço.

É a partir desta perspectiva greimasiana que são apresentados e analisados dois espaços que se revelam opostos dentro do mesmo bairro do Pina: a Avenida Boa Viagem e a “maré”, como é conhecido entre os moradores o braço do Pina que banha o setor Oeste da Comunidade do Bode. Os sentidos de oposição neste caso são evidentes e se configuram repletos de significados diferenciadores tanto do público pesquisado como de suas práticas sociais.

4.1.1 Orla da Avenida Boa Viagem *versus* “maré” da Comunidade do Bode

⁴⁹ Segundo o Dicionário de Semiótica, discretização é que caracteriza uma grandeza como distinta de tudo aquilo que ela não é.

FIGURA 02 – A “maré” da Comunidade do Bode



Fonte: A “maré” do Bode do acervo pessoal da autora. Março de 2013.

FIGURA 03 – A Avenida Boa Viagem no Pina.



Fonte: Foto do satélite Google *maps*. Acesso em 10/01/2016.

O percurso de análise topológica começa estabelecendo a oposição entre o braço do rio Pina e a “maré” em relação à Avenida Boa Viagem. Num

segundo momento, serão dimensionadas as diferenças de consumo de Internet existentes entre os moradores do primeiro local com o segundo.

Isto porque a dimensão do espaço se relaciona diretamente aos sujeitos que ali vivem. Estes dois ambientes se encontram localizados no mesmo bairro do Pina, vizinho no lado Sul pelo bairro de Boa Viagem, a partir da Rua Tomé Gibson pelo lado Norte pelos bairros de Brasília Teimosa e Cabanga e à Oeste pelo contorno do Parque dos Manguezais, conforme podem ser vistos no mapa abaixo.

MAPA 02: O bairro do Pina



Fonte: Prefeitura da Cidade do Recife

[http://dados.recife.pe.gov.br/storage/f/2013-07-](http://dados.recife.pe.gov.br/storage/f/2013-07-15T15%3A17%3A15.285Z/bairros.geojson)

[15T15%3A17%3A15.285Z/bairros.geojson](http://dados.recife.pe.gov.br/storage/f/2013-07-15T15%3A17%3A15.285Z/bairros.geojson) Acesso em 12/01/2016

Através de relatos históricos do autor e ex-morador do bairro Oswaldo Pereira da Silva, no livro *Histórias do Pina e Pina, Povo, Cultura e Memória*, é possível acompanhar as diversas mudanças ocorridas nos dois espaços em questão que refletem diretamente na vida dos moradores e foram determinantes para o contraste observado a partir das duas cenas.

O bairro do Pina tal como vemos hoje passou por diversos aterramentos, inicialmente efetuados pelos primeiros moradores e que posteriormente passaram pelas mãos do poder público. Na época da colonização, o espaço era constituído por terras alagáveis e por seis ilhas: a Ilha do Cheira Dinheiro, também chamada de Fernão Soares; a Ilha da Barreta, que depois veio a se chamar Ilha do Nogueira; a Ilha das Cabras; a Ilha do Bode; a Ilha da Raposa e a ilha do Felipe na confluência dos rios Jordão, Tejipió e Riacho Pina com o Oceano Atlântico.

Esse espaço constituído por ilhas cercadas por um denso manguezal se caracterizou desde o princípio por oferecer isolamento natural aos moradores. No século XIX, o aterramento já dificultava distinguir uma ilha da outra. Neste período, a partir do ano de 1849, o bairro passou por uma série de modificações estruturais prevendo a construção do dique da ilha do Nogueira, aterramentos e o fechamento da ilha da Barreta.

Entre 1840 a 1920, o hábito de tomar banhos de mar começou a ser introduzido em Pernambuco para tratamentos terapêuticos das classes abastadas. A partir dessa nova perspectiva as faixas de praia passaram a ser valorizadas, modificando a paisagem do local, e o governo interviu no sentido de promover esses espaços de beira mar.

As águas salgadas da costa brasileira e dentre elas a praia de Boa Viagem passaram por um processo de “enobrecimento” relacionado às mudanças no meio urbano em detrimento do meio rural. E as elites locais que moravam no Recife estavam abertas à descoberta de novos costumes.

Os banhos salgados eram parte central de um complexo terapêutico e higiênico cuja eficácia dependia do apoio de uma série de outros elementos e outras atividades considerados saudáveis: o clima, a temperatura, o modo de viver, os costumes e a moral, as viagens, as distrações moderadas e os exercícios físicos (ARAÚJO, 2014).

O mar passou a ter um significado moderno, ou uma sanção positiva com valores objetivos com descrito por Freyre:

A água nobre hoje é a do mar – esse mar nuns lugares tão azul e noutros tão verde que banha as areias do Nordeste. Iemanjá mesma já não é adorada pelos pretos de xangô nas águas dos rios mas principalmente na água do mar. Entretanto, faz pouco mais de um século que nelas só se fazia atirar o lixo e o excremento das casas; enterrar negro pagão; se deixar bicho morto; se abandonar esteira de

bexiguento ou lençol de doente da peste (FREYRE APUD ARAÚJO, 2014).

Assim, a construção da Avenida Boa Viagem (Recife, Pernambuco, Nordeste do Brasil) fez parte de um longo processo de modernização da cidade do Recife iniciado em meados do século XIX, que teve a duração de quase um século. As intervenções que desencadearam a obra da Avenida Boa Viagem ocorreram no período entre 1922 e 1926, no Governo Sérgio Loreto, que também deu seguimento à urbanização da Campina do Derby (MOREIRA, 1994).

Denominada em um primeiro momento Avenida Beira Mar, a construção causou enorme polêmica e repercussão para a cidade, já que houve um largo investimento na infraestrutura da região próxima ao mar. Até meados do século XX, a Praia de Boa Viagem era muito pouco habitada, sendo a maior parcela das ocupações resultantes do assentamento centenário de uma vila de pescadores localizada no extremo sul da região e das bases militares da marinha e aeronáutica.

O logradouro foi construído margeando o mar numa extensão de seis quilômetros ligando este grupo de habitações já existentes e o Rio Pina. A obra contemplou a Avenida “de Ligação” (hoje Herculano Bandeira), com uma extensão de oitocentos metros, e a reconstrução de uma ponte sobre o Rio Pina com a mesma extensão, (atualmente a Avenida Antônio de Goes), contando com serviços de iluminação, linhas de transporte público (naquela altura eram os bondes elétricos) e galerias de águas pluviais.

O principal argumento utilizado pelo governo de Sérgio Loreto para a construção da até então denominada Avenida Beira Mar era expandir e modernizar a cidade, saindo dos estilos utilizados na construção do centro do Recife, fortemente influenciados pelos padrões portugueses com ruas estreitas e casas construídas próximas umas das outras. Esta obra estaria associando o mar a um signo de modernidade e saúde, incluindo o Recife numa categoria diferenciada de cidade “desenvolvida e civilizada”.

O Pina, no que se tratava do trecho da beira mar, foi contemplado com as reformas do poder público, enquanto, de forma oposta, à área que adentrava o bairro, constituída de trabalhadores do porto, biscateiros e

prostitutas, não foi em nada beneficiada nesta reforma. O trecho do Pina, porém, começou a ser estigmatizado pelos veranistas que chegavam, já que os moradores estavam acostumado a despejar os dejetos no mar.

Ambas as praias, tanto a de Boa Viagem como a do Pina, onde se insere a Avenida Boa Viagem, são as duas únicas praias oceânicas da Cidade do Recife. Elas se caracterizam como “praias urbanas”, que tem por definição o

[...] conjunto de estruturas e equipamentos urbanos como amuradas, calçadões, equipamentos esportivos e de lazer, pistas de rolamento, calçadas, jardins e prédios (públicos e privados) que de alguma forma se juntam ao ambiente praias para compor a paisagem, transformando-a em um “espaço produzido”, ou seja, em uma “natureza social” (COSTA *et al*, apud Coriolano, 2008).

De acordo com Costa *et al*, ainda existem nas duas praias alguns pescadores e jangadeiros, remanescentes das comunidades tradicionais que exploram a praia de diversas formas como aluguel das velas das jangadas para a divulgação de publicidades (COSTA *ET AL*, 2008).

Comparados, os dois espaços, a Avenida Boa Viagem e a “maré”, têm em comum pertencerem ao mesmo bairro estando distantes cerca de dois quilômetros, mas apresentam oposições nítidas: lúdico *versus* prático e moderno *versus* antigo. Na primeira oposição, a Avenida Boa Viagem encontra-se um espaço voltado para o lazer, concretizado em execuções de esportes como o vôlei, a corrida, a bicicleta, os banhos de sol e de mar, dentre outros.

O próprio movimento de transeuntes no calçadão da Avenida Boa Viagem pode ser percebido pela ludicidades proveniente de exercícios físicos, individuais ou coletivos, corridas, caminhadas ou mesmo esparecimento, tendo a sua estrutura elaborada pelo poder público para funcionar desta forma.

De outro lado, encontra-se a “maré”, um local que, embora repleto de lixo, é destinado à pesca e de onde provém a subsistência de diversas famílias locais, podendo ser caracterizado como sentido prático, conforme observado no campo, como descrito no seguinte diálogo.

[E Márcio nesses 11 meses parado, o que ele fez?] Foi pra maré pescar siri. [Quanto ficava a renda dele nessa época?] Rapaz, tava baixo que a maré tava fraca. Mal pegava o pão e a carne. E eu tava trabalhando, aí completava. (SOCORRO, dezembro de 2015).

No tocante ao fluxo de pessoas, o ambiente é completamente oposto ao da Avenida Boa Viagem. Percebe-se uma movimentação constante de transeuntes nas ruas, enquanto alguns sujeitos trabalham na coleta dos mariscos ou sentadas em cadeiras nas portas das casas. Observa-se no entorno um volume grande de pessoas em trabalhos informais, principalmente vendendo comida. Trata-se de um espaço movimentado, com grande giro econômico e com fluxo intenso de pessoas e quase ausência de automóveis.

Assim, a movimentação de pessoas no entorno da “maré” é bastante distinta da Avenida Boa Viagem, cujo maior impacto é o movimento de carros da ampla avenida e a movimentação das pessoas que se concentram no calçadão, enquanto os moradores dos prédios saem das suas residências normalmente em seus automóveis.

A modernidade é um dos conceitos basilares da Avenida Boa Viagem desde a sua concepção e que perdura até hoje, simbolicamente, através de sua arquitetura elaborada e elementos valorativos, como granito, obras de arte, reiterando traços da modernidade de sua arquitetura. A modernidade está presente também na disposição de postes de energia elétrica e semáforos, calçamento e demais equipamentos de lazer e urbanos, tais como ciclovia, quiosques e banheiros públicos.

O aspecto de “ultrapassado” relacionado à “maré” pode ser observado, principalmente nas moradias improvisadas, nas palafitas, na ausência de calçamento, de iluminação pública e até de ausência de acesso público ao local. O comportamento dos moradores é também bastante revelador neste aspecto. Muitos que circulam na “maré” são pescadores que depois tratam os mariscos ali mesmo sentados nas frentes dos barracos.

Uma outra oposição, desta vez junção *versus* disjunção, também se apresenta nesta análise semiótica do espaço, principalmente quando se incorpora o histórico dos locais em questão. Com o adensamento populacional da área mais próxima ao mar por famílias da elite local, em prédios verticais a partir dos anos 1970, a população mais pobre foi sendo empurrada para o lado oposto à praia, próximo ao mangue. A configuração do bairro mudou definitivamente com a construção da Avenida Domingos Ferreira que isolou a

comunidade do Bode. A disjunção se refere ao próprio isolamento da Comunidade em relação ao restante do bairro de Boa Viagem.

Em relação à estética, conforme percurso sugerido por Greimas, a “beleza” tratada pelo poder público e pela presença dos moradores de prédios de alto luxo e transeuntes de hotéis confere o elemento do cuidado permanente que acaba se transformando o espaço em “belo”. De outro lado, em oposição, encontram-se os entulhos, jogados pelos moradores das palafitas, água parada, escura, repleta de lixo.

Do ponto de vista político, as diferenças se revelam na Comunidade do Bode pela ausência de investimentos do poder público, nas ruas esburacadas, na falta de iluminação de qualidade, na falta de espaço entre as moradias e na desorganização ou mesmo ausência de acessos, em contraste com uma avenida que recebe investimentos públicos há mais de um século e se mantém limpa, varrida, com calçamento e revestimento de qualidade tanto na avenida principal quanto nas adjacentes.

Em se tratando da racionalidade, existe um abismo entre os dois espaços, um foi privilegiado no sentido de planejamento, enquanto o outro foi “sendo levado” pela necessidade de sobrevivência e de abrigar outras pessoas com a mesma dificuldade, trazendo ainda um sentido de improvisado, como observa-se nos “puxadinhos”, como recurso de sobrevivência.

4.2 Análise Sociosemiótica da interação entre os membros da família e o consumo de Internet

Com o entendimento do espaço em questão, passamos para os valores subjetivos atribuídos ao consumo de Internet, observando que essa prática traz sentidos peculiares a uma comunidade estigmatizada no contexto da cidade e que se encontra, neste momento da análise, “isolada” através de grandes avenidas construídas pelo poder público com o aval das elites locais. Esta barreira construída socialmente no espaço físico desde a sua povoação inicial, conta agora com um meio de comunicação interativo, que dentre outros significados traz ludicidade e entretenimento aos seus usuários.

É importante lembrar que a proposta inicial do projeto de pesquisa, previa a análise semiótica de publicidades direcionadas à aquisição de

dispositivos como celulares, *notebooks*, *tablets* dentre outros artefatos de acesso à Internet. No entanto, os dados obtidos em campo revelaram que não havia relação direta entre a compra dos dispositivos de acesso à Internet e a publicidade. Ou seja, o acesso a estas tecnologias normalmente *não segue uma lógica de influência direta da publicidade institucionalizada*. Outros aspectos como a influência de parentes e amigos, a observação de tais dispositivos no trabalho são fatores que definem a aquisição da tecnologia para estas famílias, como se pode perceber no diálogo abaixo:

[Quando você foi comprar o celular você viu alguma propaganda? Como é que foi?] Meu irmão comprou um aí me disse: Carla porque é que tu não compra um desses pra tu? Porque a câmera dele é frontal e horizontal. É muito bom pra tu que trabalha tirando foto das coisas que tu faz. Eu tava vendo algumas fotos que estava botando no *Facebook* muito embaçadas. A câmera dele era muito boa e o preço dele era bom porque ele estava por 900 e abaixou para 699. E ele tem a capacidade de 8 gigas. E o meu celular era de 4 gigas, é muita coisa. Ele que me deu a sugestão porque eu estava dizendo que ia comprar. “Eu vou comprar o meu, porque tu não compra desse?”. “A capacidade dele de armazenamento e as câmeras dele frontal e horizontal que é o que mais me interessa” (CARLA, dezembro de 2015).

Outra importante consideração em relação às aquisições é que os sujeitos nem sempre compram os artefatos e dispositivos provedores de Internet. A aquisição ocorre muitas vezes, conforme observado, através de presentes ou mesmo concessões de familiares, amigos e ou outros sujeitos do relacionamento de trabalho. Observa-se também que ocorrem “trocas” de artefatos por serviços prestados.

O tablet quando eu comprei foi da minha patroa. Ela comprou um celular e eu comprei o tablet a ela. [...] Custou R\$600,00 reais. Ela descontou do meu dinheiro. Todo mês ela descontava um pedacinho. [...] Faz mais de dois não que eu tenho ele. Ele é de 2010, que ela comprou ele (SOCORRO, dezembro de 2015).

Pensando nas casas de Graça, Socorro e Carla, os artefatos portáteis de acesso à Internet estão presentes de forma intensa, principalmente através de celulares e *tablets*.

Os dados a respeito da presença da Internet nos lares brasileiros mostram que metade destes locais possuem acesso à Internet e que de 2008 até 2014 esta proporção dobrou. A última pesquisa do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) confirma a realidade vista na Comunidade do Bode, mostrando que 76% dos acessos à Internet hoje são realizados por celular,

54% por computador de mesa, seguido de 46% por *tablet*⁵⁰. As desigualdades sociais também ocorrem em relação ao tipo de dispositivo que é utilizado para acessar a Internet. Nos lares mais ricos (classe A), a presença do computador atinge quase a totalidade (99%) dos lares, enquanto que nos segmentos mais pauperizados (classe D, E) 14% contam com este dispositivo.

Os dados demonstram também a rapidez com que a Internet vem entrando nos lares e sua premente necessidade. No caso de um local onde a busca por atividades financeiras, conhecido no mundo moderno como empreendedorismo em alguns casos se faz presente. A residência de Carla retrata bem essa realidade. Em 2013 ela tinha Internet em casa para que a filha pudesse realizar as pesquisas da escola. A motivação naquele momento era afastar a filha de um ambiente onde ela não tinha controle ou mesmo evitar a ida a casa de colegas com receio que ela pudesse começar algum namoro. Ela mesma raramente acessava a Internet.

Em se tratando das interações entre os sujeitos, vigora no ambiente dessas famílias no que se refere à Internet um sentido de *segurança* das crianças e jovens das casas. Há uma intenção do discurso no sentido de competencialização dos filhos, com a modalização do poder fazer. Todo o empenho que a mãe faz para que Internet esteja presente na casa, demonstra em um nível discursivo mais abstrato *cuidado com os filhos*, que se demonstra principalmente em nível corporal. Como as ruas são consideradas perigosas, ficar em casa e poder acessar a Internet tem um valor de tranquilidade para as mães aos verem seus filhos seguros.

Ocorre o que Landoviski entende como “o resultado de uma construção negociada entre os actantes” (2014, p.12). Ou seja, os filhos se mantêm mais

⁵⁰ “Em 2014 a TIC Domicílios confirma a tendência de crescimento da presença de dispositivos móveis, como *tablets* e *notebooks*, nos domicílios brasileiros com computador. O percentual de domicílios com computador que possuem computador de mesa diminuiu gradualmente nos últimos anos, ainda que, em termos absolutos, tenha havido um crescimento do número de residências com esse tipo de equipamento. Em 2014, pela primeira vez, o percentual de domicílios com computador que possuem equipamentos portáteis (60%) ultrapassa o daqueles com computadores de mesa (56%). Concomitante, os *tablets* – presentes em 12% dos domicílios com computador em 2013 – agora aparecem em um terço (33%) das residências com algum tipo de computador. [...] Deve-se levar em conta que, apesar da tendência geral à mobilidade dos equipamentos nos lares brasileiros, tal fenômeno não apresenta as mesmas características no conjunto dos domicílios: na classe A, o tipo mais comum é o computador portátil (93%), ao passo que, na classe C, tanto o computador portátil (51%) quanto o de mesa (52%) estão presentes nos domicílios com computador em proporções semelhantes”.

em casa, que se reflete em tranquilidade para as mães. Neste sentido, há pouco ou quase nenhum controle do uso que se faz da Internet, pois o mais importante é a segurança física.

[...] Meu filho fica lá na Internet, quando não fica na Internet fica dormindo.[...] [E Jonathan quanto tempo você acha que ele fica (na Internet)?] O dia todo, 24 por 48, 72. O dia todinho, de noite madruga. [E o que ele vê na Internet?] Assiste filme, série. Fica conversando [O *tablet* que ele usava era da escola...] Ainda é esse... (SOCORRO, dezembro de 2015).

A competencialização dos sujeitos dentro do contexto familiar passa, portanto, em um primeiro plano, pela aquisição dos dispositivos e serviços que, no caso dos lares observados, um consumo que se insere cada dia mais cedo nos filhos, pela sanção positiva, isto é, pelos reflexos observados em relação à comunicação e *segurança* das pessoas.

Cabe lembrar que estamos tratando de uma interação ligada ao consumo, pois o fenômeno trata desde a aquisição dos produtos e serviços à utilização dos mesmos. Aqui, percebe-se como porta de entrada dos artefatos, a importância do valor da segurança que depois passa a ser ressignificada em outros usos.

[Quem na casa tem celular? Luana já tem?] Tem. O pai ficou a ela de dar um de presente, com o 13º. Ela tem celular desde os 9 anos. Pra ter aquela comunicação, aquele controle para saber aonde ela está. Pra ela é mais essa coisa de jogo. Pra estar no *Facebook*, eu estou sempre controlando, eu e o pai. O *Whatsapp* ela não tem, eu exclui. Nem eu mesma tenho *Whatsapp* (CARLA, dezembro de 2015).

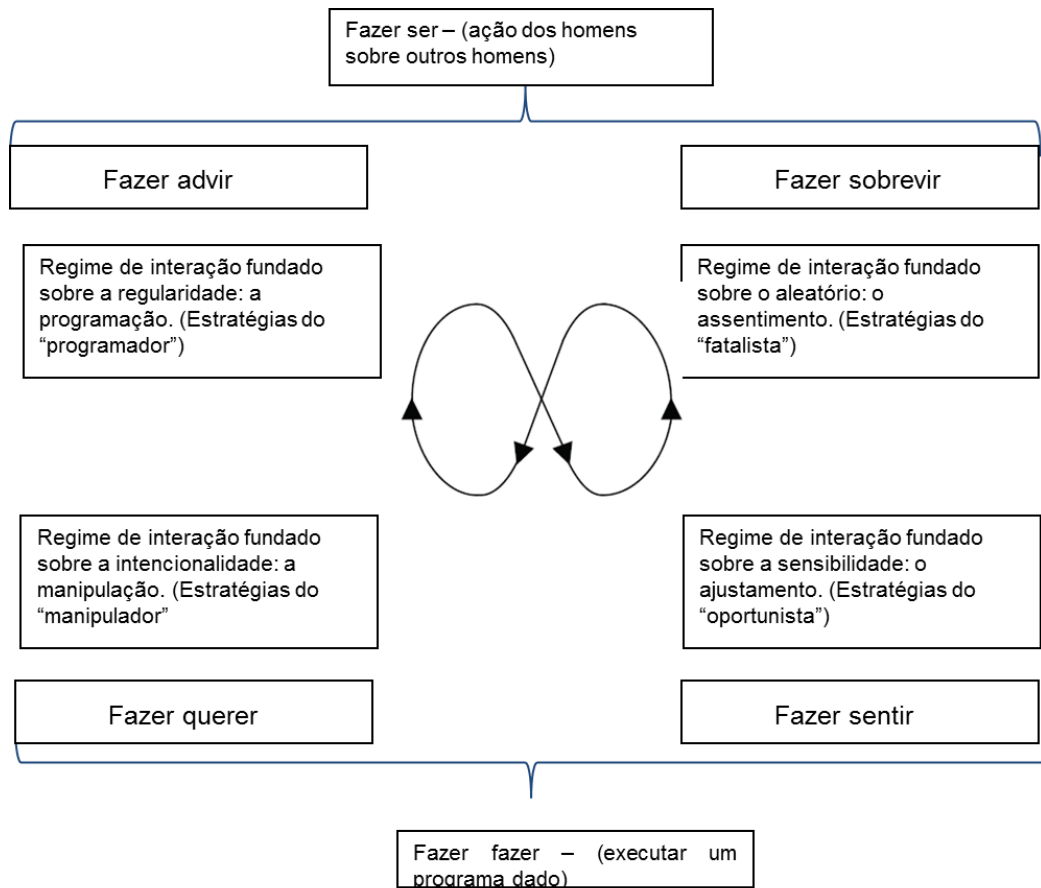
Estamos levando em consideração os próprios atos desses sujeitos que revestidos de significação, passam eles mesmos a atribuir novos significados aos objetos e ao próprio serviço de Internet, como Landowski explica.

São esses *processos* das interações entre os sujeitos e os mundos dos sujeitos que presidem a construção mesma do sentido e tornam em consequência possível a emergência de configurações inéditas. Menos que uma análise do sentido realizado, investido nos objetos – nos enunciados, nos textos, nas coisas que nos circunda, ou nos comportamentos que nós observamos – a, *sociossemiótica* se propõe como uma teoria da produção e da apreensão do sentido em *ato* (2014).

Seguindo esta lógica, Landowski apresenta um esquema Sociossemiótico, construído para analisar as ações dos sujeitos. Esta forma contempla quatro sistemas que tratam de estratégias: do “programador” que

está relacionado com o “oportunista” e do “manipulador com o “fatalista” conforme o seguinte modelo:

Figura 04 – Esquema sociosemiótico elaborado por Landowski



Fonte: LANDOWSKI, 2014.

Segundo Landowski, este formato permite uma reflexão adicional da Semiótica, com a articulação entre si das quatro fórmulas que permitem

[...] dar conta da variedade e do caráter geralmente compósito, híbrido ou polivalente das práticas interacionais observáveis sobre os terrenos os mais diversos, inclusive aquele da construção do objeto de conhecimento nas nossas disciplinas com vocação “científica”. Fortemente integrador, uma vez que ele visa a dar conta não somente das regularidades, mas também dos acidentes da construção do sentido, esse modelo implica uma moral da interação, ou uma ética do sentido (LANDOWSKI, 2014, p. 15).

De forma sintética, cada um desses regimes trata de um formato de interações possíveis de ocorrer entre actantes. Como estas interações se combinam entre si, os resultados podem abranger diversas situações a que se queira aplicar. No regime do assentimento, baseado no princípio da regularidade, trata de interações que pressupõe “coincidência” e que não

sofreram uma ação dos sujeitos. Já o regime do ajustamento, trata da captação de sentidos à sensibilidade, cobrando uma competência estética dos sujeitos, ocorre, por exemplo, como um contágio em relação ao riso ou ao bocejo, porque se provoca sem palavras. No regime da programação, pressupõe-se regularidade e constância nas relações seja por causalidade ou por “coerções sociais”, como o estabelecimento de papéis (LANDOWSKI, 2014). E, no regime de manipulação, quando se inscreve uma “ação do homem sobre outros homens, visando a fazê-los executar um programa dado”. (GREIMAS, 1976).

No caso das interações em questão, quais sejam, dentre os integrantes das famílias de baixa renda, percebe-se que as mães mantêm uma interação entre programação e manipulação em relação aos filhos, que, por sua vez, se mantem entre os regimes de assentimento e o ajustamento no que diz respeito ao uso de Internet. No caso do regime de programação elas exercem o papel de mães, que moralmente preocupadas com os filhos, dispõe do serviço de Internet na casa, tendo como fundamento inicial dispor do serviço para pesquisas escolares. Dentro das casas observadas o principal motivador para a obtenção do serviço de Internet era o trabalho escolar dos filhos.

Foi muito importante, aprofunda muito o conhecimento, trabalho de escola. Foi muito importante mesmo e não tinha condições de comprar um computador. Foi de segunda mão, mas parece novo, ele trouxe na caixa (CARLA, dezembro de 2015).

Apesar da porta de entrada da Internet tenha sido justificada pelo estudo dos filhos, na prática o uso da Internet como entretenimento é muito mais presente. Assim, as mães questionam se o uso da Internet de fato é um fator decisivo na vida escolar dos filhos.

[...] por causa dos jogos. [...] Jenifer olha pra fazer os dever (escola) dela. Hoje em dia não é mais assim porque Jenifer só olha quando tem trabalho, algum trabalho que vem. Porque tem livro. Ainda estão nessa época dos livros ainda. Graças a Deus que a escola dela não tirou os livros. Deu o tablet, mas não tirou os livros. Aí é melhor, eu acho que a criança estuda mais do que pela Internet (SOCORRO, dezembro de 2015).

Assim, após a entrada e inserção do serviço como essencial, a utilização passou por uma resignificação, através das próprias interações dos sujeitos, num regime de assentimento exercido pelos filhos e jovens, passando a representar principalmente ludicidade e lazer, através de jogos e filmes, em detrimento do sentido prático, as pesquisas escolares. Ou seja, a observação

da utilização *in locus* trouxe o sentido de ludicidade e entretenimento, tendo grande significado para este público.

[E o que vocês gostam de fazer na Internet?] Assistir filme. Às vezes eu digo vamos no cinema e Jenifer diz, vou nada, daqui a dois, três dias está na Internet. E a gente assiste o filme. Aí a gente assiste (SOCORRO, dezembro de 2015).

As interações com a Internet são revestidas de valores muito mais lúdicos e utópicos, diferentemente para classes mais abastadas, para as quais predominam, nesses mesmos objetos, outros valores, como os mais práticos e mais críticos. Assim, classes valoram diferentemente a informação e a comunicação (e os meios específicos de suas concretizações), filtrando, segundo suas necessidades e desejos (criados pelos próprios sujeitos ou pelo outro), universos particulares de criticidade em oposição ao de ludicidade. Normalmente as mães se referiam à utilização da Internet pelos filhos para lazer, principalmente jogos, conforme aponta o diálogo a seguir:

[Qual é o uso de computador aqui?] Eles gostam de acessar, gostam de assistir filme. Gostam de ficar mexendo, jogando. [O que eles mais fazem no computador?] Jogar...(SOCORRO, dezembro de 2015).

Seja jogando ou assistindo vídeos, filmes ou séries a Internet faz com que os filhos permaneçam em casa, o que representa para elas tranquilidade, já que os filhos não ficam expostos aos diversos perigos, às más influências da rua e da possibilidade de envolvimento com drogas e prostituição, conforme fica explícito no diálogo a seguir:

[Porque você mantém a Internet?] Porque eles gostam. É a uma distração que eles têm. Jenifer gosta dos joguinhos dela, gosta de assistir filme no celular. [...] Jonathan que vai dormir três, quatro horas da manhã jogando. Quem mais usa (Internet) é Jonathan. [...] Quando corta Internet aqui fica tudo emburrado. Eu pago um mês e devo dois. Eu digo aos meninos, espera um pouquinho, quando eu receber pago os outros dois que estão faltando. [Mas para além da comunicação...] Eu dou graças a Deus de Jonathan estar em casa porque o mundo do jeito que está hoje. [...] de não estar no meio das drogas (SOCORRO, dezembro de 2015).

Neste caso, observou-se que o acesso à internet em casa evita que os filhos estejam em espaços públicos ou na casa de conhecidos em situações que possam os influenciar negativamente. A desterritorialização proporcionada pelo espaço virtual traz aspectos de segurança e integridade física.

Na visão das crianças, a Internet é sinônimo antes de tudo de jogo e vídeos. Em um segundo momento é utilizado para as pesquisas escolares.

Serginho usa Internet do celular pra assistir vídeos e jogar. Luana utiliza para jogos, pesquisa escolar e *Facebook*. E eu *Facebook* o dia inteiro, faz dois anos. Foi depois que tu não veio mais. Porque aquele lá não tinha Internet, era só ligar mesmo, não tinha nada. Eu entrava mais pelo computador, às vezes. Aí depois quando eu comecei a trabalhar mesmo é tudo por aqui (CARLA, DEZEMBRO DE 2015).

Cabe ressaltar a importância da análise Semiótica topológica realizada anteriormente destrinchando o espaço em questão como forma de trazer elementos para o desenvolvimento de um outro segmento de análise. Landowski trata da importância do contexto.

[...] o que poderia ser considerado, a priori, como “contextual”, se torna, na realidade, tão relevante quanto o texto mesmo. Faz parte do “texto”. Ou, para ser mais preciso, do ponto de vista sociossemiótico, não há um texto e, ao redor dele, seu contexto, mas uma situação que, na sua globalidade produz determinados efeitos de sentido (2014).

Em relação ao contexto do Bode, no que se refere à grande quantidade de pessoas nas ruas da Comunidade, conforme analisado anteriormente, Graça, Socorro e Carla mencionaram os falatórios, as fofocas, as maledicências, como um fenômeno muito comum. A fofoca, mencionada inclusive em ambiente virtual, através do *Facebook*.

Por um lado, o relato da fofoca revelou o sentido da confiança que se estabeleceu entre mim e as interlocutoras. Socorro, por exemplo, ao relatar os motivos pelos quais deixou de acessar o *Facebook*, se aproximou de mim, tocou no meu braço, numa aproximação corporal e contou que fugia dos mexericos.

[Você entra na Internet?] Só pra falar com a minha irmã pelo *Whatsapp*. Face, eu já apeguei até meu Face. O povo só posta besteira. [Que tipo de besteira?] (cochichando): Meu irmão tem outra mulher ali. Aí fica uma soltando graça pra outra. Aí, eu, “oxe”, excluí o Face. Eu gosto lá disso...me irritei. Minha sobrinha também fica no Orkut. Eu peguei e apaguei o Face. Desconectei... Bo-ni-ti-nha. Eu só fico om *Whatsapp* porque eu converso muito com a minha irmã no Matogrosso. [...] Porque no *Whatsapp* é mais privado, a gente que adiciona o povo, se quiser (SOCORRO, dezembro de 2015).

Por outro lado, revelou como Socorro julga o comportamento das outras pessoas. Estudos Semióticos sobre a fofoca, como o trabalho acadêmico de Wieser, *A produção discursiva da moral no gênero fofoca: elementos para uma descrição micro e macrossocial da conversação cotidiana*, demonstram a identificação dos mexericos revelando elementos importantes em relação aos comportamentos e interações entre os sujeitos.

Desse modo, o estudo da fofoca nos leva a identificação das nossas crenças e convicções com relação à constituição moral das pessoas e nos faz ver o significado que, pelo ponto de vista do bem e do mal, é atribuído ao comportamento humano, nas mais diversas situações sociais. O mexerico, portanto, é um objeto ideal de estudo para descobrir as origens do nosso conhecimento corriqueiro sobre o valor moral e a identidade social das pessoas (WIESER, 2009, p. 338).

No caso da Comunidade do Bode, a fofoca, essa prática comunicativa na qual se revelam a vida social e as implicações morais dos sujeitos envolvidos, devem ser evitadas, reforçando mais ainda o espaço doméstico no sentido de seguro das insinuações e maledicências alheias. No caso de Socorro dá permissão ao filho Jonathan para ficar no quarto trancado por horas na Internet, mesmo que ela não saiba o conteúdo que está sendo acessado.

[Você acha que é positivo ter Internet em casa?] É bom porque prende muito eles dentro de casa. É melhor do que na rua ou do que estar na casa dos outros. Levando “chincada” (pessoas falando mal) de um de outro (SOCORRO, dezembro de 2015).

Ao mesmo tempo, o uso que ela mesma faz da Internet também é revestido de valores morais, ligados à família e ao comportamento religioso. A interação neste caso ocorre do sujeito consigo mesmo, se trata de um simulacro da realidade, onde o mundo virtual aporta um mundo idealizado, no qual se mantém contato, por exemplo, com decorações de casa. O espaço virtual reitera as práticas sociais do cotidiano. Neste caso, ocorre uma valorização do espaço doméstico reiterado em ambiente virtual.

[Quais são os sites que você acessa?] Eu gosto mais de tudo... Eu gosto de escutar música. [...] [Quantas vezes você acessa o tablet por dia?] Depende... Eu uso mais ele pra falar com a minha irmã que mora lá no Matogrosso. O chip está nele. Ele pega cartão de memória e chip. Eu estou agora sem celular, porque o celular que eu estou usando era o que meu compadre tinha dado a Melanie. [...] Eu peguei e vendi pra pagar meu exame.] [E você usa pra que, além de falar com a tua irmã no Matogrosso?] [...] pra assistir testemunho, entregação, escutar música. Ver coisa de decoração. Fiz um enfeite de colher descartável, uma garrafa pet, mas não deu certo. Outra luminária toda de copo americano de vidro (SOCORRO, dezembro de 2015).

As questões morais estão sempre reiteiradas no ambiente virtual, entrelaçados com a comunicação e interação dentre os integrantes da família, como se percebe no diálogo com Socorro.

[O que você acha que significa Internet pra você? Aqui para a tua família. Qual o sentido que tem você ter Internet?] É um meio de comunicação, de se comunicar. É bom, mas sempre tem um lado ruim. [...] é muita coisa que o povo posta. Muita pornografia. Na minha mesmo vinha, o povo ficava colocando coisa indecente. Eu bloqueava, né. [...] O povo não se conscientizava que era uma coisa pra.. né... Quer postar de tudo na Internet e não pode. Eu, hein... é por isso que eu excluí o meu. O Facebook caiu muito. Não é feito antigamente o Orkut. O Orkut era mais para

conversa, você não postava de tudo. O *Facebook* é tudo aberto. E qualquer pessoa pode entrar no seu *Facebook*. Até você que não tem acesso a mim, você pode ir lá. Digitar fulano de tal e aí entra lá no meu. E o *Whatsapp* não, é mais reservado (SOCORRO, dezembro de 2015).

As implicações morais do uso da Internet justificam a sua permanência e utilização também no sentido prático, muito ligadas ao estudo, como já mencionado, que nessas famílias representou a porta de acesso ao serviço. Também representou importantes alterações na perspectiva do trabalho, principalmente levando em conta o formato “de vitrine virtual” como é o caso de Carla.

[...] Porque na época eu não sabia mexer em *Facebook*. Era uma coisa que eu nem ligava. Hoje em dia, né? É tudo, quem quiser me achar é Carla melo. Coloco recado: gente, hoje eu não vou abrir não, hein, só retornarei tal dia. Todo mundo já sabe, né? É tudo pelo Messenger, pelo mensageiro que eu não tenho *Whatsapp*. [Como é que você conheceu o *Facebook*?] Através de minhas colegas que falavam: menina, porque tu não coloca tuas coisas no Facebook. É um negócio de rede comunicativa, tu vai vender. O povo vai conhecer o teu trabalho melhor. Aí meus colegas começaram a postar, eita, Carla Moraes, ficou lindo, não sei que, não sei que... daí foi. Me interessando mais, focando mais e até hoje. [...] Rapaz, um meio de comunicação. Pra mim significa trabalho.[Falando sobre meio de comunicação, como é que é, você gosta...] Eu gosto, eu me comunico com outras pessoas. É onde eu conheço outras pessoas, outras coisas. E ter mais experiências em outras coisas. Porque às vezes eu posto o meu e outras pessoas escrevem. Já me incentiva também (CARLA, dezembro de 2015).

Este trabalho, ampliado pelas interações que foram se formando a partir da Internet, também adquire outro sentido que são as pequenas pausas na costura para olhar o celular, já que neste sentido está validado moralmente como *trabalho*. Significa, na prática, pausas para descanso importantes no caso de Carla que chega a ficar por mais de dez horas costurando.

[O que significa Internet pra você?] [...] É uma pausa também, descanso. [...] É uma distração, Sara, não deixa de ser... Tem sempre gente chamando, mandei uma mensagem por *Facebook* tu nem respondeu. Porque o meu fica ligado direto, eu até já disse, minha gente, quando eu não respondo é porque está aberto e às vezes a mensagem não cai, não é porque eu não quero (CARLA, dezembro de 2015).

Carla comenta que a utilização da Internet, ampliando a visibilidade dos sujeitos e suas performances em relação ao mundo do trabalho, pode ser encontrada também para diversos outros sujeitos da Comunidade do Bode.

[Como é que é aqui na Comunidade?] Muita gente trabalha por *Facebook*, Sara. Por *Whatsapp* e *Facebook*. O rapaz do diskgás, ele tá lá no *Whatsapp*. Luan, tu tás, aí? Traz uma água aqui na minha rua. Rua São Benedito, número tanto. Pela Internet, tudo pela Internet (CARLA, dezembro de 2015).

Na volta em dezembro de 2015 foi claramente percebido o quanto Carla estava envolvida com as atividades na Internet que acessa sempre pelo celular. Durante o tempo que estive na casa dela, recebeu dezenas de mensagens, tendo ficado todo o tempo com o dispositivo na mão e olhando constantemente.

[Me fala mais sobre a Internet... Então no início a motivação eram os estudos de Luana...] Porque na época eu não sabia mexer em *Facebook*. Era uma coisa que eu nem ligava. Hoje em dia, né? É tudo! Quem quiser me achar é Carla Moraes. Coloco recado: gente, hoje eu não vou abrir não, hein, só retornarei tal dia. Todo mundo já sabe, né? É tudo pelo Messenger, pelo “mensageiro” que eu não tenho *Whatsapp* (CARLA, dezembro de 2015).

A entrada na Internet através do *Facebook* se confirma através dos dados estatísticos. De acordo com o CGI.br existem 94,2 milhões de usuários de Internet no país, correspondente a 55% da população acima de 10 anos. A principal atividade realizada por esses usuários é enviar mensagem por *Facebook*, *Skype* e *Whatsapp* (83%) e em seguida a participação em redes sociais (76%).

[Como é que você conheceu o *Facebook*?] Através de minhas colegas que falavam: menina, porque tu não coloca tuas coisas no *Facebook*. É um negócio de rede comunicativa, tu vai vender. O povo vai conhecer o teu trabalho melhor. Aí meus colegas começaram a postar. Eita, Carla Moraes, ficou lindo, não sei que, não sei que... daí foi me interessando mais, focando mais e até hoje (CARLA, dezembro de 2015).

O interesse de Carla em relação à Internet combina com a sua característica de empreendedora que encontrou uma vitrine para expor as peças, conhecer novas clientes, combinar locais e prazos de pagamento. Por isso o interesse em comprar um celular como ela mesma denominou “bonzão”, que permita principalmente tirar boas fotos das peças que confecciona. A utilização da Internet para trabalho também se confirma em outros pequenos negócios da Comunidade.

[Como é que é aqui na comunidade?] Muita gente trabalha por *Facebook*, Sara. Por *Whatsapp* e *Facebook*. O rapaz do diskgás, ele tá lá no *Whatsapp*. Luan, tu tá aí? Traz uma água aqui na minha rua. Rua São Benedito, número tanto. Pela Internet, tudo pela Internet (CARLA, dezembro de 2015).

No caso de Carla a motivação do trabalho vem antes de qualquer outra coisa e com a Internet não é diferente. Mas, ela que passa muito tempo na máquina de costura trabalhando, a Internet significa também alguns momentos de pausa e também uma forma de interagir com outras pessoas, proporcionado através das conversas.

[O que significa Internet pra você?] Rapaz, um meio de comunicação. Pra mim significa trabalho. [Falando sobre meio de comunicação, como é que é, você gosta...] Eu gosto, eu me comunico com outras pessoas. É onde eu conheço outras pessoas, outras coisas. E ter mais experiências em outras coisas. Porque às vezes eu posto o meu (trabalho) e outras pessoas escrevem. Já me incentiva também. [...] É uma pausa também, descanso, uma distração [...] Tem sempre gente chamando, mandei uma mensagem por *Facebook* tu nem respondeu. Porque o meu fica ligado direto, eu até já disse, minha gente, quando eu não respondo é porque está aberto e às vezes a mensagem não cai, não é porque eu não quero (CARLA, dezembro de 2015).

Para Carla o contato se estende das clientes que entram em contato como também para pesquisar modelos diferentes de vestidos e biquínis em sites de roupas, entrar em contato com vendedoras das lojas de tecido e combinar formas e locais de pagamento.

O povo chama: gata, tás em casa? Tô indo aí levar as malhas. Carla, vou passar pra tua conta. Ah, e as vendedoras das lojas de tecido. Flor, chegou malha nova, envia pra mim e eu já boto no face as malhas novas. E as meninas dizem, eu quero desse... e é assim o dia todo (CARLA, dezembro de 2015).

Obviamente que esses usos vão se diversificando, através da interação dos sujeitos com eles mesmos, com a família, e, com outros sujeitos da Comunidade, outras dinâmicas de interação vão sendo articuladas.

Marcelinho usa Internet do celular pra assistir vídeos e jogar. Luana utiliza para jogos, pesquisa escolar e *Facebook*. E eu *Facebook* o dia inteiro, faz dois anos. Foi depois que tu não veio mais. Porque aquele lá não tinha Internet, era só ligar mesmo, não tinha nada. Eu entrava mais pelo computador, às vezes. Aí depois quando eu comecei a trabalhar mesmo é tudo por aqui. O povo chama: gata tás em casa? Tô indo aí levar as malhas. Carla vou passar pra tua conta. Ah, e as vendedoras das lojas de tecido. Flor, chegou malha nova, envia pra mim e eu já boto no face as malhas novas. E as meninas dizem, eu quero desse... e é assim o dia todo. [Tem algum site que você frequente?] Site de roupas, Maria Mourão que é de vestidos biquínis panicat (CARLA, dezembro de 2015).

O ambiente virtual proporcionado pela Internet é um simulacro das situações ocorridas no cotidiano destas famílias e as sanções negativas são reiteradas, como, por exemplo, em relação às idas da filha na casa de vizinhos tem relação com o controle exercido pelas mães em relação aos filhos. Ocorre nessa situação um regime de programação, no qual são reforçados os papéis dos integrantes das famílias.

Sempre estou olhando com quem ela está conversando (nos sites de redes sociais). Quem são os amiguinhos que ela tem. O que ela está postando, se está postando. Não quero ela em grupo. [...] quando ela pega o meu, pergunto, está mexendo em que aí? Ah, não Mainha, tô só vendo aqui. [O tempo que ela fica você controla?] É difícil, ela não é de ficar assim... Não! Tem aquele controle, estudo, escola. [...] ela gosta muito de assistir sky, de assistir desenho. Quando não é isso, tá olhando o pula-pula (CARLA, dezembro de 2015).

No caso de Graça, a resistência a ter equipamentos com acesso a Internet era bastante forte em 2013. Ela não tem Internet em casa, mas a filha já contratou o serviço compartilhado com outras famílias da Comunidade, principalmente para realizar treinamentos oferecidos pela empresa onde trabalha. Apesar da forte restrição financeira, os dispositivos entraram nesta casa a partir de presentes e doações.

[Me conta essa história do tablet.] No dia das crianças eles ganharam de presente do pai e da mulher do pai. O pai deu esse celular a Richard. Que tem mais coisa. E o tablet ele deu a Luiza e a mulher do pai deu pra Laura. Foi o presente deles de dia das crianças. [Eles pediram?] Não, eles foram pegos de surpresa, quando chegaram lá ganharam. [...] quando chegaram na igreja chegaram com o presente nas mãos. Ficaram feliz da vida. Vai fazer uns 15 dias Laura quebrou o de Luiza, sem querer. Aí eu disse já que você quebrou o da sua irmã, você vai dar o seu a ela até consertar o seu. Ela disse, tá certo, Mainha. Chorou muito, mas se acalmou. [E eles ficam mais no tablet do que na televisão...] Mais no tablet que na televisão. Eles não estão assistindo muita televisão. Ou vão pro tablet ou preferem brincar (GRAÇA, dezembro de 2015).

Socorro tem Internet há quatro anos. O principal motivo que fez com que ela tivesse o serviço em casa foi, como no caso de Carla, afastar o filho das *lan houses* numa tentativa de diminuir as más influências. Ela tem medo, sobretudo do envolvimento do filho com o tráfico de drogas. Ela própria utiliza a Internet para conversar com a irmã pelo *Whatsapp* e para fazer pesquisas pela Internet.

[A casa ficou do jeito que você queria] Ficou. Até luminária eu fiz. [Aprendesse aonde?] Na Internet. Tem Internet, só não tem computador, o computador pifou. Eu boto no meu tablet. Internet tem, eu pago 40 reais todo mês (SOCORRO, DEZEMBRO DE 2015).

Finalizando mais uma etapa de análise, ressalta-se o ambiente virtual proporcionado pela Internet como um espaço múltiplo de interações na família e em se tratando do recorte delimitado pelo objeto de estudo desta Dissertação traz elementos importantes no entendimento das relações estabelecidas e do significado da Internet para a família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linha de argumentação desta Dissertação trilhou um percurso para investigar alguns elementos que fossem capazes de traçar reflexões acerca da representação e do significado do consumo da Internet para populações de baixa renda da Região Metropolitana da Cidade do Recife, principalmente a partir da caracterização dos moradores e do espaço em questão, qual seja, a Comunidade do Bode. Para tanto, partimos do pressuposto de que o entendimento do espaço físico da comunidade e da sua população revelariam aspectos particulares do comportamento relativo aos modos de vida daqueles integrantes do espaço analisado, mas, como previsto no projeto desta dissertação e em sua concretização, nosso afunilamento se deu em torno das questões do consumo e do sentido da Internet para as famílias que integraram nosso *corpus*.

A Internet representa, no contexto contemporâneo, o acesso a diversas atividades consideradas essenciais ao desenvolvimento do ser humano, principalmente no que se refere à comunicação e informação, ao mesmo tempo que se configura como um instrumento por meio do qual é possível o acesso a um universo de lazer “virtual”, como no caso das próprias interações promovidas pela rede, os filmes e músicas que podem ser assistidos e que podem ser ouvidas em espaços domésticos, individuais e coletivos, e, por fim, pelas interações promovidas pelos jogos eletrônicos virtuais, disponibilizados em várias plataformas. No caso das famílias da Comunidade do Bode, algumas especificidades deste público quanto ao acesso à Internet representam uma série de táticas no orçamento que permitem tanto ter acesso aos artefatos, como manter o consumo de internet.

As alterações vividas pelas classes populares, a partir da década de 2000, com a expansão do aporte de renda resultante, sobretudo o aumento real do salário mínimo, de programas transferência de renda e de políticas públicas voltadas para o microcrédito resultou em diferentes práticas de organização do orçamento, proporcionando a elevação do consumo de forma geral para este segmento, principalmente pelos novos acessos bens duráveis,

aqueles que demandam mais tempo para serem repostos, como eletrodomésticos e eletroeletrônicos.

Dentre as práticas de organização do orçamento, resultado das novas possibilidades de “incremento” da renda, destaca-se a “financeirização” das famílias, que passaram a ter acesso a créditos, incorporados ao orçamento como uma “renda extra”. Porém, muitos dos que possuíam cartões de crédito não conseguiram equilibrar os gastos e passaram a postergar o pagamento, gerando “endividamento” dos indivíduos.

Esta situação, no entanto, ocorre preponderantemente em um formato de família marcado por valores morais que dão sustentação aos indivíduos dentro e fora de casa e fazem com que haja empréstimos de cartões dentre familiares, considerando ainda a família expandida e o círculo de amigos do “contratante” do empréstimo.

Esta configuração é importante dentro da pesquisa realizada para esta dissertação porque demonstra os possíveis arranjos que permitem tanto a aquisição de artefatos de TICs quanto a manutenção do serviço de Internet, considerando o momento em que a pesquisa foi realizada, de acordo com os objetivos traçados previamente.

Percebe-se ainda que as famílias de segmentos populares estendem-se entre vizinhos e familiares, que permite, por exemplo, a obtenção de serviços de água e energia elétrica em ligações clandestinas vindas das casas próximas, viabilizando, assim, com esta “economia”, o pagamento do serviço de Internet e mesmo de outros serviços. No caso da internet, por exemplo, o pagamento à operadora que garante o uso ao usuário é obtido através de um “formato partilhado”, o que significa que uma pessoa adquire o serviço e o repassa a um preço bem menor que as operadoras de Internet para vizinhos. Neste tipo de obtenção do serviço repartido ou compartilhado dentre várias casas, a flexibilidade do pagamento é bem maior, pois se permite que haja atrasos, por exemplo, por ser a negociação realizada com pessoas conhecidas do local onde vivem.

As particularidades do acesso à Internet também dizem respeito ao tipo de artefatos utilizados, sobretudo através de *smartphones* e *tablets*, que são

direcionados mais fortemente como meio de comunicação do que meio de informação pela própria limitação de recursos – tanto para uso profissional como para o acadêmico. A aquisição destes artefatos ocorre muitas vezes através de acordos entre patrões e empregados, onde ocorre a troca de produtos que vão se tornando obsoletos por serviços ou através de doações e presentes de parentes e amigos.

Quanto a um dos objetivos iniciais desta Dissertação, qual seja, o de realizar uma análise semiótica de publicidades relativas à aquisição de dispositivos de acesso como *smartphones*, *notebooks* e *tablets*, dentre outros, ele não foi desenvolvido. Isso porque, contrariamente à nossa hipótese, não foram encontradas tais ocorrências durante a pesquisa de campo. Contatou-se que o acesso às tecnologias segue uma lógica diferente quando há uma compra, principalmente através de conselho de amigos e parentes e da observação de tais artefatos nos locais de trabalho.

No desenvolvimento da pesquisa, foi constatado que as classes populares tiveram acesso à Internet mais tardiamente que as classes com renda mais alta. O serviço completa em 2016, 21 anos de presença no Brasil e dentre as casas visitadas para esta pesquisa o acesso, nelas, passou a ocorrer apenas a partir dos últimos 6 anos, tendo como principal motivação os estudos dos filhos. Esta motivação, no entanto, foi, ao longo deste curto período, ressignificada em outros usos, principalmente os voltados para entretenimento, trazendo ludicidade através de jogos e das redes sociais.

Ou seja, os aspectos motivadores da aquisição do serviço de Internet assim como dos artefatos de acesso à rede seguem um sentido mais prático, mas passam por uma ressignificação com as dinâmicas próprias do cotidiano se configurando em outras representações de diferentes ordens para cada sujeito. Para os filhos o sentido lúdico é o mais premente, sobretudo através de jogos, vídeos, filmes, séries, dentre outros, sendo que a elaboração de tarefas mais práticas como os estudos ficam em segundo plano. Na pesquisa de campo, quando o diálogo ocorria com os jovens e com as crianças, só eram mencionados trabalhos escolares se houvesse menção da minha parte, isto é, se eu, como entrevistadora, abordasse o assunto.

Com relação aos pais, observou-se uma maior utilização da Internet através das redes sociais, tanto em sentido prático quanto lúdico: no sentido prático como meio de comunicação para estabelecer o contato com parentes distantes através das redes sociais, principalmente *Facebook* e *Whatsapp* e também como uma “vitrine” virtual para exposição de produtos e pequenos serviços que realizam dentro da própria Comunidade.

Para os pais que trabalham em casa por muitas horas, as próprias redes sociais são percebidas como distração, pequenas pausas para conversar com os parentes e amigos. Estas pausas são importantes já que o contexto é o de um trabalho repetitivo e de muito esforço físico. Em contrapartida, são reforçados valores morais relativos a comportamentos na própria rede, muitos ligados inclusive à religião, os quais são reiterados no ambiente virtual. Neste sentido, percebeu-se um cuidado dos usuários mais velhos para não gerar “maledicências” e fofocas comuns no cotidiano da Comunidade.

Ainda em relação aos pais, durante o campo percebeu-se que tanto a aquisição dos artefatos quanto o serviço de Internet são aprovados no sentido moral em relação às TICs, principalmente das mães. Em decorrência disto, pode-se dizer que permitir o acesso é moralmente aceito, já que há o retorno em possibilidades de lazer e entretenimento aos filhos, diante de uma precariedade de opções que o tipo de vida da família e que o espaço da comunidade podem oferecer aos filhos.

Perdura o papel tradicional da mulher, conforme verificado na pesquisa de campo e apontado no referencial teórico. Neste contexto, mesmo no caso de mulheres em situação de famílias monoparental, há normalmente a figura de algum homem, pai ou irmão, dando sustentação ao padrão da família nuclear com a valorização do homem como mantenedor, desde que cumpra este papel.

É conveniente lembrar que a Comunidade do Bode é estigmatizada desde a Colonização do país, por se tratar, naquele período, de terras alagáveis que serviam de esconderijo para escravos fugidos das fazendas que se embrenhavam nos matagais das pequenas ilhas que formavam o que hoje conhecemos pelo bairro do Pina. Neste local, os escravos foram se estabelecendo, dando espaço mais tarde para trabalhadores pobres e em

seguida para a favela no formato atual. Essa caracterização reforça a autoestima negativa dos moradores, principalmente porque o Pina se localiza vizinho ao bairro de Boa Viagem, um dos mais ricos da cidade do Recife, e a comparação entre os dois bairros revela uma profunda desigualdade social.

A pesquisa revelou aspectos importantes nestas representações espaciais, principalmente no que se refere ao isolamento e à presença do tráfico de drogas, além das constantes referências em relação à prostituição encontrada dentro desta Comunidade. Por conta destes dois aspectos negativos, há uma valorização do consumo de Internet como um recurso para manter os filhos em casa, evitando que saiam para acessar o serviço em outros espaços, seja em *lan houses* ou mesmo na casa de conhecidos, numa tentativa de evitar que os filhos tenham possíveis aproximações com o tráfico de drogas ou com a prostituição.

Finalmente é importante levar em consideração que a presente Dissertação não pretendeu esgotar o tema e ocorreu mediante um recorte de local e período de tempo, tendo como resultado importantes reflexões acerca do público de baixa renda e algumas de suas peculiaridades no que se refere ao consumo de Internet. Traz perspectivas a partir das subjetividades do público de baixa renda sobre o consumo de Internet e também abre espaço para algumas reflexões sobre o comportamento deste segmento e que podem ser investigados em uma nova pesquisa, principalmente no tocante à qualidade e tipo de informação, já que houve um aumento considerável tanto no acesso a produtos quanto ao serviço de Internet, preservando, no entanto, uma lacuna em relação aos artefatos e o tipo de acesso se comparado com as classes mais altas.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, L. R. e PEREIRA, M. C. B. Impactos socioambientais geradas pela via mangue (Recife – PE) e análise das desigualdades socioespaciais. Recife: Revista de Geografia (UFPE) V.31, nº 2, 2014.
- ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. A Cultura da praia: urbanização, sociabilidade e lazer no Brasil, 1840-1940. Anais [do] XIII Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Coordenadores: Tony Honorato, Larissa Michelle Lara, Antônio Geraldo Magalhães Gomes Pires. Universidade Estadual de Londrina, 2014. <http://www.uel.br/eventos/chelef/Anais%20CHELEF%20completo.pdf>
Acesso em 01/02/2016.
- BARBOSA, Alexandre F. Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação nos domicílios brasileiros [livro eletrônico]: TIC domicílios 2014. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2015.
- BARBOTIN, Maria Angeluze E RETONDAR, Anderson Moebus. “Eu tenho fé em Deus que eu vou fazer um cartão pra mim”: Representação Social da Poupança e do Cartão de Crédito para Indivíduos das Classes Populares.
- BARROS, Diana L. Teoria Semiótica do Texto. São Paulo: Ática, 2005.
- BARROSO, Carmen. Sozinhas ou mal acompanhadas - a situação das mulheres chefes de família. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1978.
- BECHARA, M. Banda larga: Os espaços públicos de acesso à internet. In: CGI.br (Comitê Gestor da Internet no Brasil). Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação 2007. São Paulo, 2008, p. 47-50.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- _____: O poder simbólico. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 2011.
- _____: SAINT-MARTIN, M. Goûts de classe et styles de vie. (Excerto do artigo Anatomie du goût.) Actes de la Recherche en Sciences Sociales, nº 5, out. 1976.
- BEZERRA, O. G. e MELO, V. L. M. O. Valores da Paisagem: os significados dos rios e manguezais da cidade do Recife. São Paulo: Paisagem e ambiente: ensaios, nº 34, 2014.
- CÂNDIDO, Antônio. Os Parceiros do Rio Bonito. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul 11ª, 2010.

CASTELLS, Manuel. A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

_____:A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

COHN, Amélia. Desafios de uma trajetória de êxito: dez anos do PBF. IN Programa Bolsa Família: uma década de inclusão e cidadania. Organizadores: Tereza Campello, Marcelo Côrtes Neri. Brasília: Ipea, 2013, p.455-466.

COSTA, M. F., et al. Verticalização da Praia da Boa Viagem (Recife, Pernambuco) e suas Consequências Sócio-Ambientais. Revista da Gestão Costeira Integrada 8(2):233-245, 2008.

CHAUÍ, Marilena. Uma Nova Classe Trabalhadora. (In) 10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma / Emir Sader (org.). - São Paulo: Boitempo, 2013.

CRUZ, R. Redes sociais virtuais: premissas teóricas ao estudo em ciência da informação. Campinas: Transinformação, 2010.

DAMATTA, Roberto. A Casa e a Rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DI FELICE, Máximo. Redes sociais digitais, epistemologias reticulares e a crise do antropomorfismo social. São Paulo: Revista USP nº 92, 2012.

DOUGLAS, Mary. e ISHERWOOD, Baron. O mundo dos bens Para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

DUBAR, Claude.. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. Educ. Soc., Campinas , v. 19, n. 62, p. 13-30, Apr. 1998 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301998000100002&lng=en&nrm=iso>. access on 24 May 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73301998000100002>.

FIORIN, J. L.. Elementos da Análise do Discurso. São Paulo: Contexto, 2000.

FONSECA, Cláudia. Família, fofoca e honra. Porto Alegre: UFRGS EDITORA, 2000.

GONCALVES, M. B. C.; SILVEIRA NETO, R. M.. Persistência intergeracional de educação no Brasil: o caso da Região Metropolitana do Recife. Estud. Econ., São Paulo , v. 43, n. 3, p. 435-463, set. 2013 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-41612013000300001&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 maio 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-41612013000300001>.

LANDOWSKI, Erick. A Sociedade refletida. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

- _____: Sociossemiótica: uma teoria geral do sentido. *Galáxia* (São Paulo), São Paulo, v. 14, n. 27, p. 10-20, jun. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-25532014000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 maio 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014119609>.
- LEITE, R. Recife dos morros e córregos: a fragorosa derrota do exterminador de mocambos e sua liga social em Casa Amarela. Recife: X encontro Nacional de história (UFPE), 2010.
- LEVY, Pierre. O Que é o virtual. São Paulo: Editora 34, 1996.
- _____: Cybercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MADALOZZO, R.; MARTINS, S. R.; SHIRATORI, L.. Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres têm condições iguais?. *Rev. Estud. Fem., Florianópolis*, v. 18, n. 2, p. 547-566, ago. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2010000200015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 maio 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2010000200015>.
- MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo*, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 maio 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>.
- MARTELETO, R. M. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. Brasília: *Pesq. bras. ci. inf.*, 2010.
- MARTINS, Marcelo Machado et al. Ruas comerciais e sentidos em construção: entre os bairros e a cidade. Fortaleza: 9º Colóquio de moda, 2013.
- MOREIRA, F. D. A construção de uma cidade moderna: Recife, 1909-1926. Recife: MDU-UFPE, 1994.
- MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. *Porto Alegre: Horizontes Antropológicos*, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez. 2007.
- _____: Pobreza da moralidade. In: *Antropolítica*. Niterói, n.17, p. 21-43, 2. Sem. 2004.
- _____: Teoria das compras: o que orienta a escolha dos consumidores. São Paulo: Nobel, 2002.

- NERI, Marcelo. A nova classe média. O lado brilhante da base da pirâmide. São Paulo: Saraiva, 2011.
- PAIVA, L. H.; FALCÃO, Tiago E BARTHOLO, Letícia. Do Bolsa Família ao Brasil sem miséria: um resumo do percurso brasileiro recente na busca da superação da pobreza extrema (In) Programa Bolsa Família uma década de inclusão e cidadania. Tereza Campello e Marcelo Neri. Brasília: Ipea, 2013.
- PELLANDA, E. C. Mobilidade: O crescimento das mídias móveis e o impacto nas relações sociais. in Pesquisa sobre o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil 2005-2009. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2010.
- RECUERO, R. Considerações sobre a Difusão de Informações em Redes Sociais na Internet. Passo Fundo: VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul, 2006.
- _____: Redes sociais virtuais: premissas teóricas ao estudo em ciência da informação. Campinas: Transinformação, 2010.
- RETONDAR, Anderson Moebus. e BARBOTIN, Maria Ângela. Nova Classe Média, Luxo e Consumo: O Significado social do Consumo Entre Classes emergentes na Cidade de João Pessoa – PB. Texto apresentado no V ENEC - Encontro Nacional de Estudos do Consumo. Rio de Janeiro, 2010.
- REGO, Walquíria. e PINZANI, Alessandro. Vozes do Bolsa Família: autonomia, dinheiro e cidadania. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- SADER, Emir. (org.) 10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma. São Paulo, SP: Boitempo; Rio de Janeiro: FLACSO Brasil, 2013.
- SANTOS, Milton. O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- SARTI, Cynthia Andersen. A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres. – 6. Ed. – São Paulo. Cortez, 2010.
- _____: A família como ordem simbólica. Psicologia USP, Brasil, v. 15, n. 3, p. 11-28, jan. 2004. ISSN 1678-5177. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/psicosp/article/view/42289>>. Acesso em: 01 Jul. 2015. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642004000200002>.
- SCOTT, Parry Russel. O homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico. São Paulo: Cadernos de Pesquisa, 1990.

- SENETT, Richard. A corrosão do caráter. Rio de Janeiro/São Paulo. Editora Record, 2008.
- SCIRÉ, Cláudia. Consumo popular, fluxos globais: práticas, articulações e artefatos na interface entre a riqueza e a pobreza. São Paulo: Annablume, 2012.
- SILVA, Elizabeth Bortolaia. Tecnologia e vida doméstica nos lares. Cadernos Pagu (10). 1998, pp.21-52.
- SILVA, Jorge José Araújo da. O Manguezal e a Sociedade Pernambucana – Brasil. Revista Geográfica da América Central, 2011.
- SILVA, Luiza Helena Oliveira da. Por uma semiótica do vivido: entrevista com o sociosemiótico Eric Landowski. Cadernos de Semiótica Aplicada, v.12, n.1, p. 345-361, 2014. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa> Acesso em 15/12/2005.
- SILVA, O. P. da. Histórias do Pina. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008. Acesso em 15/12/2015. <http://praiadopina.blogspot.com.br/2010/07/historias-do-pina.html?m=1>
- SINGLY, François de. Sociologia da família contemporânea, Editora FGV, 2007.
- SOUZA, Jessé de. A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica. Rio de Janeiro. Editora UFMG, 2006.
- _____: A ralé brasileira; quem são e como vivem. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2009.
- _____: Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- THOMPSON, E. P. A formação da classe operária inglesa. São Paulo. Editora Paz e Terra, 2011.
- WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. Ci. Inf., Brasília, v. 29, n.2, p. 71-77, maio/ago. 2000.
- YACOUB, Hilaine. Atirei o pau no gato. Uma análise sobre consumo e furto de energia elétrica (dos “novos consumidores”) em um bairro popular de São Gonçalo – dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.
- _____: A chamada “Nova Classe Média”: Cultura material, inclusão e distinção social. Horiz. antropol., Porto Alegre , v. 17, n. 36, p. 197-231, Dec. 2011 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832011000200009&lng=en&nrm=iso>. access

on 09 June 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832011000200009>.

ZALUAR, Alba. A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza. – 2.ed. – São Paulo: Brasiliense, 2000.